REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Nº 49

Natal, Outubro /Dezembro – 2016

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado / CJA Edições

Catalogação na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.49 (mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.
Número atual: 49, out./dez.2016.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

Offset Editora
Rua General Gustavo Cordeiro de Faria, 160 - Ribeira - Natal/RN - 59012-570
(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

Sumário

ARTIGOS E ENSAIOS.....7

ANRL - 80 anos - Jurandyr Navarro 9

Oitenta anos da ANL - Paulo de Tarso Correia de Melo 19

Homilia da missa dos oitenta anos da academia Norte-Rio-Grandense de Letras - Padre João Medeiros Filho 23

A revolução religiosa - Diógenes da Cunha Lima.....27

Manoel Rodrigues de Melo - Intelectual e Realizador - Geraldo dos Santos Queiroz 30

Primeira leitura da poesia reunida de Cléia da Trindade - Nelson Patriota 38

Documentos da vanguarda natalense - Anchieta Fernandes..42

Carta de um desterrado: Oswaldo Lamartine a Hélio Galvão - Humberto Hermenegildo de Araújo.....57

Vicente Serejo: A crônica e a poesia do cotidiano -Thiago Gonzaga 65

Eça de Queiroz e a culinária portuguesa - Manoel Onofre Jr. 71

O sonho de Stefan Zweig - Daladier Pessoa Cunha Lima..... 80

O que não é, mas finge ser - O diabo na literatura - Antonio Nahud.....82

Cascudo em quatro tempos - João da Mata Costa.....89

A correspondência de Jean Mermoz - Roberto da Silva.....95

As ilusões armadas - Autópsia do autoritário Regime Militar (1964/1985) - João Batista Machado.....108

Dia 27: Macaíba 139 anos -Valério Mesquita..... 112

A descoberta do Rio Grande - Iaperi Araújo 114

CRÔNICAS.....117

Ele tinha nome de anjo - Vicente Serejo 118

O circo chegou! - Carlos Roberto de Miranda Gomes 120

Num restaurante em Londres - José Delfino 123
Cibercondríacos - A nova geração dos hipocondríacos - Maciel Matias 125

POEMAS.....127
A cidade vista do rio - Dorian Gray Caldas 129
Missão - Jarbas Martins 130
Teorema da pedra - Clauder Arcanjo 131
Um beco - Elder Heronildes 132
Alinhavando - Oreny Júnior.....133
Niilismo -Sônia Faustino 134

DISCURSOS ACADÊMICOS.....135
Saudação ao escritor Ivan Maciel de Andrade pelo Acadêmico Vicente Serejo 137
Discurso de posse do Acadêmico Ivan Maciel de Andrade..150
Saudação à escritora Eulália Duarte Barros pelo acadêmico Paulo Bezerra 160
Discurso de posse da Acadêmica Eulália Duarte Barros 165

NECROLÓGIO 185
Oração em memória de Francisco Fausto Paula de Medeiros pelo Acadêmico Armando Negreiros 187
Discurso de agradecimento em nome da Familia de Francisco Fausto Paula de Medeiros 192

DISCURSO.....197
Discurso do escritor Tarcísio Gurgel em nome dos agraciados com as Palmas Acadêmicas, Medalha Agnelo Alves e diplomas de Sócio Benemérito 199

ARTIGOS E ENSAIOS

MEMBROS DA ANRL EM FOTO HISTÓRICA

Da esquerda para direita: em primeiro plano, Mathias Maciel, Eloy de Souza, Juvenal Lamartine e Antônio Soares; em segundo plano: Floriano Cavalcanti, Bruno Pereira, Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley; em terceiro plano, Hélio Galvão, Antônio Fagundes, Manoel Rodrigues de Melo, Aderbal de França e Bezerra Júnior; em quarto plano, Onofre Lopes, Edgar Barbosa, Nestor Lima, Francisco Ivo, Raimundo Nonato da Silva; em quinto plano,Virgílio Trindade, Otto Guerra, Paulo Viveiros e Américo de Oliveira Costa.

ANRL – 80 anos

Jurandyr Navarro

O dia quatorze do mês de novembro presente, marca, no relógio do tempo, a idade octogenária da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, instituição idealizada por Luís da Câmara Cascudo.

Não foi a primeira, no gênero, criada no cenário cultural potiguar. Anteriormente, embora já extintas, criadas foram outras: Academia Literária Norte-Rio-Grandense, fundada por Pedro Alexandre dos Anjos, aos vinte e cinco de setembro de mil oitocentos e noventa e oito; Academia de Letras do Grêmio Polimático, tendo à frente como seu criador Antônio de Souza, em fins do século dezenove; Academia Diocésia, denominação atribuída a José Laurindo, tendo sido seu Presidente Jorge Fernandes, calendário de mil novecentos e dezenove; Academia de Letras do Rio Grande do Norte, inaugurada em mil novecentos e trinta e quatro, tendo como idealizador, Rocha Lima; Academia Artística Norte-Rio-Grandense, fundada por Aristóphanes de Andrade, em janeiro de mil novecentos e trinta e cinco, tendo como seu inicial Presidente, o maestro Alcides Cicco; Academia de Letras do Atheneu, criada aos dez de novembro de mil novecentos e trinta e cinco, sendo seu Presidente, Creso Gomes Teixeira e Secretário, José Arruda Câmara; posteriormente, a Academia Potiguar de Artes e Letras, inspirada por Filgueira Filho, fundação: vinte e oito de maio de mil novecentos e trinta e oito, investido como seu primeiro Presidente, tendo como Secretário Geral, Rômulo Wanderley; Primeiro Secretário, Aluízio Alves e Comissão Estatutária formada por Jaime Duarte, Djalma Maranhão e Rômulo Wanderley, e, na década de cinquenta, a Academia Potiguar de Letras, fundada pelo Monsenhor Alves Landim.

Após essa listagem, inclua-se a existência da Academia Potiguar de Línguas, presidida pelo Docente Protásio Melo, conforme divulgação do jornal A República, de 31 de janeiro de 1957, conforme pesquisa do escritor Francisco Martins Alves Neto, em relação a essa entidade poliglota.

Numa espécie de voo de pássaro constata-se, como foi visto, a aparição de entidades, desde os primórdios da chamada "República Velha", período intercalado entre mil oitocentos e oitenta e nove a quarenta anos adiante.

Manoel Rodrigues de Melo assinala um vácuo cultural, anteriormente à proclamação da República.

Há informações de ter funcionado uma Academia de Letras, por esse tempo, pertencente ao Grêmio Polimático, criada por Alfredo de Carvalho.

Em escrito publicado n' "A República", datado de onze de fevereiro de mil novecentos e trinta e quatro, Rocha Lima incentiva, publicamente, a criação, em solo potiguar, de uma Academia de Letras, "para incentivar a inteligência dos moços, que vão chegando, e matar as saudades dos velhos que já declinaram para o ocaso da vida", afirmando a existência de Academias noutros Estados e condenando, enfim, "o marasmo literário se apoderando dos homens de letras". E conclui: "É tempo dos estudiosos do Rio Grande do Norte fundarem uma Academia de Letras, para colherem os frutos da inteligência de um povo que vive para as letras como o coração para o amor". E ele próprio, Rocha Lima, cria a Academia de Letras do Rio Grande do Norte no ano de 1934.

Daí, ter surgido a série dessas corporações, a partir dessa data, e, em consequência, a entidade criada, dois anos depois, pelo nosso historiador maior, a atual Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Considerando a grandeza intelectual dos seus primeiros componentes, a Academia já nasceu adulta. Basta visualizar a sua inicial composição, para o convencimento dessa asserção. A Sabedoria do Padre Luiz Monte, de Luís da Câmara Cascudo e de Floriano Cavalcanti, em vários domínios do conhecimento humano; o brilho da poesia de Auta e Palmyra; o estilismo clássico de Edgar Barbosa, aliado à prosa erudita de Henrique Castriciano e à oratória de Dioclécio Duarte, apenas para exemplificar, atestam, ser ela, a Academia nascente, uma das mais credenciadas, à época, da nacionalidade pátria.

Da inicial formação de vinte e cinco ocupantes, passou com o tempo, para o número de trinta e, finalmente, complementando a cifra de quarenta cadeiras.

Pela natural mudança nominal das Cadeiras, ditada pelo falecimento ou renúncia, dos seus participantes, a atual Presidência, exercitada por Diógenes da Cunha Lima, tem procurado manter, através eleições, o nível literário de outrora, na medida do possível. Pois, a fria realidade tem evidenciado, ao longo do tempo, acentuada decadência de valores intelectuais, em nossa província e também, em parte, a nível nacional.

Que não pese sobre ela, a nossa Academia natalense, o pensamento atribuído a Afonso Arinos de Melo Franco, expressado, nos termos: "Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira, não se esqueça tanto de que é também de ... letras".

Todavia, a ANRL tem se apresentado à altura de suas congêneres, no cenário estadual.

Nomes, de alguns associados, exibiram performances consagradoras, sem no entanto, deslustrarem o desempenho dos demais.

Manoel Rodrigues de Melo tem a sua memória aureolada pela edificação desse templo cultural, em aclamação unânime, dentre outras realizações na órbita do pensamento, enquanto dirigente, por dois decênios, acrescidos de um calendário.

A pesquisa, resultante do seu livro, sobre a "Imprensa", considerada pelo seu prefaciador, Raimundo Nonato da Silva, como "a obra do século", superou o trabalho técnico da construção da sede da Academia. A arquitetura criadora da Acrópole de Atenas, com toda sua majestática beleza, foi destruída pela implacável erosão do tempo, enquanto os efeitos da arte de Fídias, continua iluminando mentes.

O espiritual sobreleva-se ao material!

O Cônego Jorge O'Grady de Paiva, foi o responsável pela feitura da inicial heráldica, da novel Academia, a convite formulado pelo então Presidente Onofre Lopes.

O Padre Luiz Monte foi autor do seu lema: **Ad Lucem Versus,** (Rumo à Luz). Dele, disse o latinista, Dom Adelino Dantas:

> "O nosso sempre saudoso Pe. Luiz Monte, que fez como nenhum outro, entre nós, profundas incursões nos domínios do idioma virgiliano, revelou-se de uma intuição finíssima, quando, a pedido de Câmara Cascudo, compôs o lema da nossa Academia de Letras. Quanta beleza flui na elasticidade destas três palavrinhas latinas: AD LUCEM VERSUS!"

O Padre Luiz Monte foi, também, o autor do primeiro escrito, no qual descreve a finalidade cultural da recém criada Academia. O fez, no jornal "A Ordem", vespertino da então Diocese de Natal, seis dias após a sua fundação, sob o título: "A nossa Academia de Letras", datado de vinte de novembro de mil novecentos e trinta e seis. Escrito do qual reproduzo algumas linhas:

> "(...) O homem de letras precisa mergulhar na corrente da vida e nunca isolar-se em anacrônica torre de marfim. Bem sabemos que a arte tem a sua finalidade própria, e neste caso, é soberana, mas o artista é humano, e o fim do homem supera e governa o fim da arte", acrescentando, para concluir: (...) "Releva dizer que o primado do Espírito que defendemos contra a supremacia da Matéria – com todo seu cortejo tecnicista e economista – não se contente com o simples prestígio da inteligência. Há realidades espirituais que ultrapassam os limites da razão. O verdadeiro Espírito incorpora também a ordem transcendental e a ordem da graça. O poeta que só exprimisse as belezas sensíveis seria um poeta cone-truncado, sem vértice. Pelas escadas da metafísica e da teologia subimos a planos elevadíssimos onde descortinamos um panorama muito mais vasto, pleno de luz e rico de beleza.
>
> Prestigiando a Inteligência, representada pela nossa Academia de Letras, saudamos os novos Acadêmicos, certos de que eles não desertarão do drama da vida nem deixarão de, cultivando a arte da beleza, reverenciar a Verdade que é a suprema Beleza."

Por esses dias, e depois, jornais da cidade mormente "A República", noticiaram o surgimento do novo sodalício, suas reuniões, inclusive a feitura dos seus Estatutos, tendo, principalmente, Adherbal de França, jornalista, incluído, em sua coluna, comentários a respeito, dentre os quais se destaca, em divulgação do dia dezoito de maio de mil novecentos e trinta e sete. Diz ele: "A Academia nasceu das reuniões em casa de Câmara Cascudo. O seu embrião foi lá que se formou. A presidência ficou com Henrique Castriciano, expoente de nossa cultura literária, poeta e prosador cintilante, jornalista de estilo primoroso".

Nesta mesma data foi realizada a instalação da Academia, no Instituto de Música, sob a Presidência de Henrique Castriciano. Compareceu ao ato o doutor Petrarca Maranhão, então Procurador da República. Lido, na ocasião, telegrama do Sr. Afonso Costa, Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, congratulando-se com o ato de instalação da nova entidade.

Para o momento solene compareceram os Acadêmicos eleitos sob aclamação: Henrique Castriciano, Palmyra Wanderley, Carolina Wanderley, Antônio Soares, Nestor Lima, Floriano Cavalcanti, Padre Luiz Monte, Francisco Ivo Cavalcanti, Clementino Câmara, Mathias Maciel, Antônio Fagundes, Luís da Câmara Cascudo, Adherbal de França, Otto Guerra, Virgílio Trindade, Bezerra Júnior e Edgar Barbosa.

Deixaram de comparecer, os Acadêmicos Juvenal Lamartine, Bruno Pereira, Francisco Palma, Dioclécio Duarte, Adauto da Câmara, Sebastião Fernandes e Januário Cicco.

Na ocasião, de improviso falou Luís da Câmara Cascudo, "o incansável animador da fundação do grêmio", tendo recebido aplauso geral. Após, Henrique Castriciano, em discurso lido, fez a síntese da história literária do Rio Grande do Norte.

No mês de agosto de mil novecentos e quarenta e três, foi aumentado de vinte e cinco para trinta, o número de suas Cadeiras. Eleitos foram para ocupá-las: José Augusto Bezerra de Medeiros, Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Siqueira e Manoel Rodrigues de Melo. Ocorreu sob a Presidência de Juvenal Lamartine de Faria.

Mais adiante, na gestão Manoel Rodrigues de Melo, deu-se o preenchimento final das Cadeiras, em número de quarenta, número usual dessas instituições literárias.

Além do escrito do então Acadêmico, Padre Luiz Monte, publicado no alvorecer da Academia, outros confrades o fizeram, depois, tais como Veríssimo de Melo, na obra intitulada "Patronos e Acadêmicos", na qual constam Biografias sumárias dos iniciantes associados, e Armando Negreiros, no livro "Na Companhia dos Imortais", em que relata pormenores da organização e funcionamento da entidade, na fase evolutiva.

São escritos significativos de teor histórico, desse sagrado templo da deusa Minerva.

A primeira Revista data de mil novecentos e cinquenta e um. A cronologia da Presidência da ANRL, obedeceu a lista nominal: Henrique Castriciano, Juvenal Lamartine, Paulo Viveiros, Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa, Paulo Viveiros, Manoel Rodrigues de Melo, Onofre Lopes, Dom Nivaldo Monte e Diógenes da Cunha Lima.

Curiosidades: A Cadeira nº 22 - os seus ocupantes, inclusive o Patrono, quando assumiram, todos eles eram detentores do título de Cônego, da Igreja Católica!

O Acadêmico Otto Guerra, assumiu a Cadeira nº 03, aos vinte e quatro anos de idade! O mais jovem associado eleito, da Academia, até o presente momento.

Os Acadêmicos, Luís da Câmara Cascudo e Iaperi Araújo, são os imortais com mais livros publicados. O primeiro, passou de uma centena e, o outro, beirando os oitenta! Manoel Onofre Júnior aparece em seguida. A Família Wanderley é a mais representativa, na Academia: dois Patronos: Luís Carlos e Segundo Wanderley e cinco Acadêmicos: Palmira, Carolina, Walter, Rômulo e Jayme.

Segue-se: a Família Fagundes, com um Patrono; Joaquim Fagundes e cinco Acadêmicos: Antônio; Peregrino Júnior; Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes e Umberto Peregrino.

Família Dantas: Manoel, Humberto e Cristovão Dantas.

Família Guerra: Conselheiro Brito Guerra, Padre Brito Guerra e Otto Guerra.

Família Navarro: Newton, Jurandyr e Marcelo.

Família Castriciano de Souza: Auta, Elóy e Henrique.

Família Duarte: Dioclécio, Ticiano e Eulália.

Família Rosado: Tércio, Vingt-Un e Ernani.

Família Lima: Nestor, Enélio e Nestor dos Santos Lima Sobrinho.

Irmãos: Padre João Maria e Amaro Cavalcanti (Patronos); Acadêmicos: Aluízio e Agnelo Alves; Padre Luiz Monte e Dom Nivaldo Monte; Peregrino Júnior, Seabra Fagundes, e Umberto Peregrino; Auta de Souza (Patrona), Henrique e Eloy; Acadêmicos: Tércio Rosado e Vingt Un; (Patronos) Pedro Velho e Augusto Severo.

Filiação: Câmara Cascudo e Anna Maria; Edinor Avelino e Gilberto; Juvenal Lamartine e Oswaldo; Antônio Soares e Antônio Soares Filho.

Dois Acadêmicos pertencem ao quadro histórico da Academia Brasileira de Letras: Peregrino Júnior, já falecido, que foi seu presidente e Murilo Melo Filho, que ocupou a diretoria da sua biblioteca. Três acadêmicos foram agraciados pela Academia Brasileira de Letras, por obras premiadas: Câmara Cascudo, Nilo Pereira e o Cônego Jorge Ó Grady de Paiva.

Até o instante presente, o quadro da Academia soma o total de cento e vinte e sete Acadêmicos, dentre vivos e falecidos, excluindo os quarenta Patronos, sendo destes, três mulheres. Dentre os Acadêmicos o sexo feminino exibe nove representantes.

Um renunciante: Antônio Pinto de Medeiros.

Três Acadêmicos homenagearam a cultura sertaneja, o seu habitat, seus costumes, e religião na sua riqueza, incluindo a cultura popular: Oswaldo Lamartine, Benedito Vasconcelos Mendes e Paulo Bezerra. Cidadania, em parte enaltecida pela formação da nossa histórica tríplice etnia da gente potiguar, de alma mestiça.

O trio acadêmico: Carlos Gomes, Sônia Fernandes Faustino e Manoel Onofre Júnior, em reuniões de teor jurídico, atualizaram os Estatutos e Regimento Interno, objetivando organizar o ordenamento legal, nos procedimentos rituais da Casa Literária. Diva Cunha escrevendo sobre Nísia Floresta, numa minuciosa pesquisa histórica, adornada de alto teor cultural. Eulália Duarte Barros, escritora de estilo admirável e erudição literária; Vicente Serejo, difundindo a obra de Câmara Cascudo, nos seus diferenciados ângulos culturais e outros horizontes da criadora imaginação; o quarteto Tarcísio Medeiros, Itamar de Souza, Olavo de Medeiros e Lenine Pinto, tecendo considerações sobre o evolutivo histórico, em detalhados exames. Waldemar de Almeida, Grácio Barbalho e Oriano de Almeida, a todos brindando, no decurso de suas vidas com o encanto da divina Música, a conhecida universal linguagem humana. Antônio Fagundes, Ascendino de Almeida e José Melquíades, ofertando ensinamentos literários, através da escrita, advindos do sagrado ofício do ensino magisterial, que a todos enobrece e educa. Não esqueçamos de aludir a Palavra dos conferencistas expressada por Nilo Pereira, autor da poética "Manhã da Criação", na imaginária busca da "Rosa Verde", com presença apreciável em auditórios solenes, ao lado de Manoel Dantas na sua histórica "Natal, Daqui a 50 Anos", no distante calendário de mil novecentos e nove, quando fez, em dita Palestra, previsões acertadas, em relação à passagem do tempo, que, em última análise, externou o dom extraordinário da Premonição, e Peregrino Júnior, em Conferência notável, no Rio de Janeiro, sobre o tema: "Interpretação Biotipológica das Artes Plásticas", na qual estuda, tais artes, sob o ângulo dos temperamentos. A Poesia imortal de Auta, mormente "No Jardim das Oliveiras", de cunho especificamente religioso, naturalmente, tal a marca da sua alma; seguindo-se, igualmente, as de Palmira e Carolina Wanderley, ambas externadas de sublime espiritualidade. Os ensaístas Nelson Patriota, João Batista Pinheiro Cabral e a dupla clerical, Padre João Medeiros Filho e Cônego José Mário de Medeiros, cujos nomes projetam a Academia. Esmeraldo Siqueira, Américo de Oliveira Costa e Nísia Floresta, trindade brilhante da nossa Literatura, que fez incursões prolongadas, na cultura francesa, na acentuada parte de suas existências, deixando precioso legado dos seus escritos. Invoquemos, ainda, a Poesia, jóia rara, externada pela sensibilidade de Paulo de Tarso

Correia de Melo, aclamado em Portugal, Edinor e Gilberto Avelino, acrescentando, Newton Navarro, como representação autêntica do versejar de nossas plagas. Paulo Viveiros, Alvamar Furtado, Sanderson Negreiros, Cláudio Emerenciano, Mário Moacyr Porto, e Ivan Maciel, formam o sexteto intelectual de escritores qualificados e detentores da oralidade tribunícia. Não esqueçamos a ativa atuação, de anos continuados, de Veríssimo de Melo, Primeiro Secretário, movimentador de eventos importantes. Presentemente, a Secretária, Leide Câmara, intenta seguí-lo em trajetória tão significante para as Belas Letras, dando continuidade à ação energizante, visante ao fim colimado, que é o engrandecimento do conceituado sodalício.

A Pintura tem sua imagem diversificada, na tela do tempo, à maneira pessoal; o estilo de Newton Navarro difere do esboçado por Dorian Gray, do delineado por Sônia Fernandes Faustino e este pelo desenhado por Iaperi Araújo, sem aludir Zaíra Caldas, que é transfiguravitista, e o de Abraham Palatnik, de impressão dinâmica.

Olvidar não é possível, a vultosa contribuição cultural de Vingt-Un Rosado, deixada à posteridade: outra cabeça pensante: Benedito Vasconcelos Mendes. De múltiplas realizações.

Escritores outros, tais Armando Negreiros, Ticiano Duarte, Elder Heronildes, Valério Mesquita, Murilo Melo Filho, Enélio Petrovich, inclua-se o trovador Luíz Rabelo, dentre outros não nominados, todos eles aclamados pela crítica construtiva.

Assinalemos o casamento do Direito com a Literatura, entrelaçados em prol da Cultura, dos confrades: Raimundo Nonato Fernandes, Marcelo Navarro, Carlos Gomes, Hélio Galvão, José Augusto Delgado, Eider Furtado, Diógenes da Cunha Lima e Manoel Onofre Júnior.

A Imprensa também faz parte, intrínseca, do Humanismo Literário.

Disse Bernard Shaw: "o Jornalismo é a mais alta forma de Literatura".

Na nossa Academia ela é representada pelos intelectuais: Elias Souto, Elói de Souza, Adherbal de França, Aluízio Alves, Vicente Serejo, Dorian Jorge Freire, Cassiano Arruda, João Batista Machado, Paulo Macedo, Woden Madruga e Agnelo Alves.

A Academia vive e celebra conquistas, no domínio do pensamento humano, pela ação meritória de seus associados, atentando-se para as palavras de Goethe, no "Fausto": - "Nada é a fama; a ação é tudo". Ação que objetive o bem comum.

Concernente à Cultura, assim se expressou Pestalozzi: "O gênero humano não pode ficar socialmente unido sem uma força ordenadora. A força da Cultura une as pessoas como indivíduos em independência e liberdade, através do Direito e da Arte".

Sublinhe-se: Cultura, que é Civilização!

JURANDYR NAVARRO é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº 28.

Oitenta anos da ANRL*

Paulo de Tarso Correia de Melo

Alguns membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras, na atualidade. Da esquerda para a direita: Armando Negreiros, Iaperi Araújo, Carlos de Miranda Gomes, Valério Mesquita, Diva Cunha, Paulo Macedo, Paulo de Tarso Correia de Melo, Elder Heronildes, Eulália Duarte Barros, Marcelo Navarro Ribeiro Dantas, Diógenes da Cunha Lima, Nelson Patriota, Leide Câmara, João Batista Pinheiro Cabral, Manoel Onofre Jr., Sônia Faustino, Jurandyr Navarro e Paulo Bezerra.

No dia 14 de novembro de 1936, oitenta anos atrás, foi fundada a Academia Norte-riograndense de Letras. Natal era pouco mais que "um vale branco entre coqueiros", como queria o poeta Itajubá. Visitada vez por outra por algum deus da aviação, não fora ainda invadida pela modernidade que chegaria tempos depois com as tropas americanas. O mundo não experimentava a violência ilógica dos regimes totalitários, quando um grupo de jovens intelectuais, abrigados numa pequena escola de música em uma rua acanhada do centro da cidade, a Vigário Bartolomeu, que hoje mal existe, criou a Instituição.

São, de início, 25 integrantes que já incluem pioneiramente duas figuras femininas, fato desusado nas agremiações do tipo. Cada um escolhe seu patrono e começam a reunir-se periodicamente, estabelecendo estatutos, desincumbindo-se da missão confiada pela presidência da Academia Carioca de Letras a Câmara Cascudo. Aumentando o seu número de sócios para 30 em 1943, e para os atuais 40, em 1957, a Academia Norte-riograndense perseverou, ampliou-se e fixou-se na fisionomia da cidade.

Um único acadêmico vivo será citado nestas notas. Por força e consagração da Academia Brasileira de Letras, Murilo Melo Filho estabelece o que é conhecido entre seus pares como "Relação Murilo". Diz ele: "Se dividirmos o número de habitantes do Rio Grande do Norte pelo número de cadeiras da Academia, chegaremos a um quociente e uma conclusão: o quociente expressa a representatividade da condição de acadêmico. A conclusão é que no quadro de patronos e integrantes da Academia dificilmente terá escapado alguém de expressão na vida estadual".

Assim sendo, quero fixar nesta fala e nesta data, olhando este quadro de momentos no tempo, aqueles instantes definidores de nossa evolução sócio-cultural. Quero fugir da noção de "jardim das musas", aquele *locus amoenos* em que se reuniam desgarrados integrantes de utópicas arcádias. Embora não possa negar que algumas academias assim tiveram sua origem, reunião de egressos de Coimbra e outras melhores realidades culturais, agrupados sob denominações pitorescas como Academia dos Felizes, dos Saudosos ou até dos excluídos; a Academia de Letras do Rio Grande do Norte cedo tomou outros rumos. Na cidade ainda sem tradição universitária tornou-se um grupo de pessoas de boa vontade, trabalhando desinteressadamente pela preservação e evolução da cultura.

Entre seus patronos e integrantes, alguns nomes marcam momentos definitivos de nossa história, Padre Miguelinho reinaugurando o sentimento nativista entre nós; Nísia Floresta, plantando as raízes do feminismo; Almino Afonso, realçando a Abolição; Pedro Velho, entre nós o inventor da República; Augusto Severo iniciando uma gloriosa tradição científica; Juvenal Lamartine e Aluísio Alves, modernizando governos e reinventando a condução política.

Cedo a Academia começa a trabalhar para dotar o Estado do que lhe faltava e estabelecer preciosos encadeamentos de atividade intelectual.

No que toca às instituições culturais, se Cascudo era uma Universidade antes da Universidade, Vingt-Un Rosado fazia chover no semiárido livros a mancheias e Onofre Lopes, sob inspiração de Dinarte Mariz, cria a primeira Universidade Federal.

Na Academia os encadeamentos de boa vontade e atividade intelectual são aparentes na sucessão dos tempos.

Assim, na jurisprudência, sucedem-se Amaro Cavalcani, Seabra Fagundes, Raimundo Nonato Fernandes, Hélio Galvão, chegando até Francisco Fausto.

Nas Ciências da Saúde Luis Carlos Wanderley inicia uma tradição continuada por Januário Cicco, Mariano Coelho, Luis Antônio, José Tavares e Ernani Rosado.

Entre as artes, a música que presidiu o nascimento da Academia, encadeia Tonheca Dantas, Waldemar de Almeida, Oswaldo de Souza, Gurmecindo Saraiva e Oriano de Almeida.

A poesia enfileira Juvenal Antunes, o pré-modernista; Jorge Fernandes, pioneiro do modernismo; Palmira Wanderley, premiada pela ABL; Newton Navarro e Luis Carlos Guimaräes.

O jornalismo faz suceder a Manoel Dantas, Nilo Pereira, Aderbal de França, Dorian Jorge Freire e Agnelo Alves.

A Academia é também a Casa da lembrança, além de ser a Casa de Manoel Rodrigues de Melo que a ergueu altaneira, segundo a tradição, andando a pé e sem usar relógio. Nesta Casa ecoam as vozes de nossos velhos professores, Antônio Fagundes que deveria ser reconhecido o primeiro teórico educacional do Estado; Otto Guerra, o doutor angélico; Floriano Cavalcanti, Melquíades de Macedo, Tarcísio Medeiros e Alvamar Furtado.

Para muitos outros e para mim também, a Academia é uma ampla e arejada casa de parentes: José da Penha, Afonso Bezerra, Edinor e Gilberto Avelino.

Agregando historiadores, etnólogos, sociólogos e folcloristas, a Academia é ainda a Casa daqueles contemporâneos inspiradores que iluminaram nossa juventude e mocidade. O plácido Grácio Barbalho, o belo Silvio Pedrosa, Edgar Barbosa, o de precioso estilo, o denodado Veríssimo de Melo, o combativo Nilson Patriota, o encantador saber de Mário Moacir Porto, o afetuoso Antídio de Azevedo, o eloquente Jayme Wanderley, o inspirado Luiz Rabelo, o visionário Antonio Soares, o enciclopédico Américo de Oliveira Costa, o admirável Paulo Viveiros, o viajado Pery Lamartine, o dócil Virgílio Trindade, o criterioso Olavo Medeiros e o informado Ticiano Duarte.

Este patrimônio de saudades e realizações entregamos ao futuro.

E por fim uma palavra, como dizia de Molière a Academia Francesa, àqueles aos quais nada faltou a sua glória mas que, lamentavelmente, faltaram a nossa: Deífilo Gurgel, Zila Mamede, Celso da Silveira, Myrian Coeli, Francisco das Chagas Pereira e Djalma Marinho.

Tenho dito.

*Discurso proferido em sessão solene da ANRL, comemorativa do 80º aniversário de fundação da entidade.

PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO é poeta e escritor, autor de "Talhe Rupestre", "Romances de Alcaçuz" e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio- grandense de Letras.

Homilia da missa dos oitenta anos Da academia Norte-Rio-Grandense de Letras

Padre João Medeiros Filho

"*Dai graças ao Senhor, porque ele é bom. Eterno é seu amor, incomensurável a sua misericórdia*" (Sl 118/117, 1)

Hoje, comemoramos oitenta anos de existência de nossa Academia de Letras, onde seus membros dedicam-se à poesia, ao romance, à crônica e a outras formas literárias. Como seres "*voltados para a luz*", peregrinos no tempo e na história celebramos e exaltamos o próprio Deus, que dissera pelo seu Filho: "*Eu sou a luz do mundo, quem me segue não anda nas trevas*" (Jo 8, 12). Ao cuidar das letras e da cultura, missão desta Academia, ela também louva o Senhor e segue a sua obra criadora. No primórdio de todos os primórdios, Ele plasmou o mundo e o homem e pronunciou sua Palavra. Segundo nossa concepção cristã, o Pai Eterno é o primeiro e perfeito escritor. Somos seus meros aprendizes. Esta missa reveste-se do sentido de nossa união ao redor do Grande Autor de Tudo. "*Somos fragmentos de seu grande ser, que se unem de forma mística e simbólica, na metáfora do pão eucarístico*", expressou Teilhard de Chardin.

A hóstia que agora ofertamos e iremos consagrar é também feita do trigo da sabedoria de Cascudo, do humanismo de Castriciano, da luminosidade de cônego Monte, da alegria de dom Nivaldo, da piedade de Hélio Galvão, do amor ao sagrado de Otto Guerra, da ousadia de Manoel Rodrigues e de tantas outras virtudes de nossos confrades. O vinho que iremos abençoar é igualmente obtido das uvas espirituais e inebriantes de nossos escritores, aqueles que povoaram esta Casa e os que aqui continuam para cantar as maravilhas da vida, inspirados na grandeza do Criador.

Podemos perceber que pela literatura, o Verbo também se faz carne. Na Sagrada Escritura, assumiu a forma de livro, pleno de poe-

sia, alegorias e histórias. Ali estão a sua Palavra latente e a expressão de sua vontade. Considera-se a música, uma das artes mais sublimes e a literatura, a mais sagrada. Deus a escolheu para se revelar aos homens. Adotou a forma escrita metafórica. Na Bíblia há uma narrativa numa sucessão de fatos históricos e alegóricos (parábolas, aforismas), entremeados de axiomas, provérbios e poemas, como verificamos no Cântico dos Cânticos e nos Salmos.

No Livro do Gênesis lemos que o Criador fez "*o homem à sua imagem e semelhança*" (Gn 1, 26). E o que realmente faz-nos parecidos com Ele é a nossa capacidade de amar e nos expressar, numa linguagem oral ou escrita. Somente o ser humano possui um nível de consciência que lhe permite traduzir sentimentos e emoções. Assim sendo, esta Academia de Letras é partícula do Divino e do Infinito, enquanto zela pela palavra. Isto é manifestação de Deus no cotidiano da vida humana. A palavra bem dita e bem escrita torna-se imortal, como a Divindade e comunga do seu mistério. Portanto, esta Academia de Letras tem compromisso com a imortalidade e, por conseguinte, com o Eterno e Absoluto. A atividade acadêmica, na medida em que se inspira na mensagem de Deus, penetra nos umbrais da Teologia.

É importante dizer que a literatura constitui uma forma de oração, sendo uma experiência mística. Ela ultrapassa os limites das palavras, por isso o Verbo quis concretizar-se em livro, ou seja, literatura em plenitude. Como disse Adélia Prado, "... *a palavra é disfarce de uma coisa mais linda, o que se escreve como manifestação divina*". T.S.Eliot, em seu poema "*Quarta-feira de cinzas*" ("*Ash Wednesday*"), exclama que *"toda poesia é verso que faz emergir nosso reverso. É canto que encanta, desdobra em múltiplo o nosso ser e nos induz a encontrar Aquele, que já vive dentro de nós*". É à poesia que o apóstolo Paulo recorre quando, no Areópago de Atenas (At 17, 28), expressa nossa ontológica e visceral união com Deus: "*Nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: porque somos também de sua natureza imortal*".

Voltamos a insistir: nossa Academia, em sua essência, sussurra sílabas divinas. Ela desfruta de uma intimidade consentida por Ele, estejamos conscientes ou não. Esta Casa, por meio da literatura,

registra e faz perdurar a Palavra, que é sacrossanta, o pensamento que é imortal, o belo que é sagrado. Somos banhados no ser divino, quando produzimos textos que encantam e questionam.

"*Talvez Deus mantenha alguns poetas e bons escritores à sua disposição para que o falar sobre Ele preserve a sacra irredutibilidade que sacerdotes e teólogos deixaram escapar de suas mãos*", dissera o escritor suíço Kurt Marti. A inspirada fala de um poeta desperta nosso pensar para o fato de que a palavra definitiva é a de "*Deus que se revela, como Beleza poética e ternura, que salva o mundo",* segundo Dostoievski.

Nossos escritos são experiências divinas compartilhadas. Uns mais do que outros. Por isso, dizemos que Deus e literatura caminham juntos na beleza poética e na harmonia do texto bem construído, surpreendendo aqueles que julgam isto impossível.

Um fecundo diálogo entre o literário e o religioso nasce da constatação de que a Bíblia, livro sagrado do cristianismo é, também, uma obra literária.

A literatura, portanto, refletindo e registrando a existência humana, usando o engenho da linguagem, pode tornar Deus presente, de múltiplas formas. Nossas publicações são rastros do Eterno. Por essa razão, ao completar oito décadas, esta Casa começa suas comemorações com a Eucaristia, em que nossas palavras humanas se misturam com as de Cristo, tornando-se comunhão.

Nesta missa rememoramos tudo aquilo que foi realizado por nós e nossos antepassados. Ela é a comunhão, ou seja, comum união de todos os nossos propósitos, construção silenciosa da grande palavra divina balbuciada na aventura do cotidiano. "*Ao escrever, externamos sílabas de Deus*", como se expressou Tristão de Athayde.

Esta celebração tem sim o caráter de ação de graças pela perpetuação de atos importantes para a nossa história. Peçamos ao Senhor para que sejamos dignos de nossa missão, nos abençoe e assim possamos ser fagulhas de sua verdade e grãos de sua grandeza. Oremos para sermos "*Ad Lucem Versus*" (voltados para a Luz), que é Ele, a quem ousamos chamar de Pai.

Caríssimos confrades, rezemos hoje mais convictos. E não esqueçamos o que disse Santo Agostinho, pecador como nós, mas grande, pois apoderado da graça de Cristo: "*A oração é a forma absoluta da poesia e de outros estilos. É a expressão terrena, escrita no silêncio das almas e no invisível dos corações, dos infindáveis sussurros de Deus*". E que Ele seja louvado hoje e sempre nesta Casa. Assim seja!

JOÃO MEDEIROS FILHO é sacerdote católico, escritor e professor. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A revolução religiosa

Diógenes da Cunha Lima

O papa Francisco fez louvor a Lutero. É a coroa da mais radical mudança da Igreja Católica nos últimos cinco séculos. Justiça ao precursor da Reforma Protestante de 31 de outubro de 1517. É uma Revolução Religiosa. O Sumo Pontífice deslocou-se de Roma para a Catedral Luterana de Lund. Na Suécia, participou da abertura das comemorações da Reforma, na presença do rei Carl XVI Gustav e da rainha Sílvia. Na prática, Lutero passa a ser considerado um benfeitor do cristianismo. O Bispo de Roma assinou declaração conjunta com os líderes da Federação Luterana Mundial, reconhecendo que "Cristo deseja que sejamos um" e mais "o que nos une é maior do que o que nos divide". A cerimônia tornou mais célebre o quinto centenário da Reforma. Lá, foi recomendado aos párocos que sejam audaciosos, criativos e alegres, cheios de esperança para cooperarmos com a unidade.

A personalidade do Papa atua em todos os cantos, pela independência de suas escolhas e o primado ético que orienta a sua ousadia. O teólogo e acadêmico, padre João Medeiros Filho, sintetizou: "O Papa tem dado exemplos marcantes de independência ideológica, maturidade pastoral, profundidade deontológica, evangélica, espiritual e mística".

Nunca antes na história, o Vaticano participou tanto na pacificação de povos, seja no Oriente Médio, Europa, Ásia. Reaproximou os Estados Unidos de Cuba, promove a paz na insurreta Colômbia e busca solução para a crise venezuelana. Soluciona o entendimento entre Chile e Bolívia. Na política vaticana não esquece os problemas ambientais do plantar, é ponto alto a mensagem papal à ONU. O novo humanismo não se coaduna com a atual *cultura do descarte*, o consumismo arraigado na sociedade contemporânea.

É certo que toda Revolução tem a sua dinâmica. Quando vem com excessiva velocidade ou excessiva lentidão, tende a desaparecer. Penso que esta veio *na medida*. Para permanecer.

Foram-se os séculos de guerras, conflitos, discriminação, ódio. Os contendores cristãos, estranhamente, consideravam-se atuantes em nome de Jesus.

A Reforma nasceu do Renascimento, que não foi apenas a renovação das artes, da literatura, da ciência, o despertar para o clássico, humanismo. Houve também o Renascimento religioso.

Nenhum período da história foi mais sedutor e significativo. Assinala a invenção da imprensa de Gutenberg em 1455, a tomada de Constantinopla pelo sultão Maomé II (1453), a descoberta das Américas. No período, houve a maior concentração de gênios das artes plásticas, como: o Masaccio, Botticelli, Perugino, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo. O jovem Martin Lutero (1483 – 1546) havia notado: "Se você lê os anais do passado, você não encontrará um século como este desde o nascimento de Cristo". Ele era um monge agostiniano, professor de Teologia e Escritura da Universidade de Wittenberg. Indignou-se com o excessivo luxo da corte romana, com a venda de indulgências, com a corrupção de padres. Escreveu 95 teses, pontos essenciais da sua doutrina. Negou a existência do purgatório, ritos da Igreja e o celibato dos sacerdotes, da própria autoridade do Papa. A resposta foi a sua excomunhão assinada pelo papa Leão X. Por outro lado, recebeu apoio de príncipes alemães. O mais relevante fato: foi a tradução da Bíblia, (1534). Até então só existia a vulgata latina e a interpretação era reservada aos sacerdotes católicos. O movimento reformista marcou o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna.

De fato, nesses tempos, ocorreu a dissolução da unidade cristã e a introdução do pluralismo de credos cristãos. Por toda a Europa, surgiram reformadores e criação de igrejas, obedecendo à liderança de grandes mestres como Zuínglio e Calvino.

A divisão trouxe terríveis consequências, ferimentos, mutilações e matanças. Só na França, houve oito guerras religiosas. Na pavorosa Noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572, sob ordem de Carlos IX da França, inspirado por sua mãe Catarina de Médici (1519 – 1589), os católicos franceses assassinaram muitos milhares de protestantes. Não é confiável a contabilização das vítimas. Segundo um sobrevivente, certamente exagerado, foram 70 mil

mortos em 12 cidades. Por incrível que hoje possa parecer, o papa Gregório XIII celebrou um *Te Deum*.

Na Irlanda, onde a maioria é protestante, houve lutas sangrentas com a população católica. Ainda restam as discriminações.

Essa perseguição religiosa teve consequências no Brasil com a efêmera fundação da França Antártica (1555 – 1560), no Rio de Janeiro.

Já em nosso Estado, em Cunhaú e Uruaçu (1646), calvinistas holandeses mataram dezenas de católicos. A Igreja beatificou 30 mártires. Quando forem canonizados (Dom Jaime Vieira Rocha acredita e foi a Roma pedir urgência), o Brasil terá, de uma vez, 30 santos.

Como é possível destruir a vida de criaturas de Deus em nome do próprio Deus?

O papa Francisco interpreta a intenção do Mestre divino: recomenda a todos não admitir a exclusão de pessoa (todas amadas por Deus) em razão da posição social, sexo, língua, raça, cultura e, sobretudo, por religião. Assim, é preciso assimilar e respeitar os costumes, a cultura dos outros, a necessária incorporação cristã. Em fevereiro de 2015, em mensagem ao bispo da regional, o Papa reconheceu virtudes do padre Cícero do Juazeiro, dizendo que o Cristo é "princípio e meta da história", perdoou-o das punições antigas e reabilitou o padrinho e santo do povo.

Orígenes de Alexandria (185 – 253), padre, filósofo e escritor, disse que a infinita misericórdia de Deus perdoaria o próprio diabo. Sofreu as consequências do excesso. Mas Deus haverá de perdoar até mesmo aqueles que humilharam, feriram e mataram em nome de Jesus.

A mensagem de Cristo será aceita e praticada quando a Revolução da paz construtiva, nascida em Lund, triunfar.

Jesus, o mais perfeito dos homens, é o Deus da bondade, do amor, do perdão, da misericórdia.

DIÓGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de "Os Pássaros da Memória", "Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz" e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

Manoel Rodrigues de Melo

Intelectual e Realizador

Geraldo dos Santos Queiroz

Gostaria de iniciar agradecendo o convite da Academia Norte Riograndense de Letras para homenagear uma pessoa por quem tenho profundo respeito.

Falar sobre Manoel Rodrigues de Melo – ou Badéu, como costumeiramente o chamava em função da amizade duradoura que foi construída entre nossas famílias, é para mim uma honra. Maior ainda pelo convite me chegar através da amiga Diva Cunha, titular da Cadeira nº 30 desta respeitada instituição, da qual foi ele o fundador.

Peço permissão, neste início de conversa, para fazer a leitura de pequeno trecho de dois dos seus livros. Constituem fio condutor para abordar o tema que me foi proposto na programação comemorativa dos 80 anos da Academia, onde exerceu também, por mais de 20 anos, a sua presidência. No primeiro texto, extraído de Várzea do Açu, o autor se dirige, de forma direta, ao "varzeano amigo":

Eis aqui o teu livro [...].

Que seja obra de valor, bem sei que não o é; mas que tenha posto nele todo o meu coração, ninguém o contestará. Todo ele está cheio do mais profundo amor e do mais exagerado afeto que um homem pode ter à terra do seu nascimento. As cenas e episódios que vão narrados foram os mesmos a que assististe comigo, nos anos invernosos ou nas fases cruas da seca. Os mesmos que encheram de alegria e sofrimento os teus filhos e netos. Os mesmos que ainda hoje oferece o rio caudaloso, em tempo de cheia, garroteando as tuas vazantes, expulsando os teus gados, desalojando os teus filhos e as tuas mulheres para cima dos tabuleiros. Não há, pois, invenção nem fantasia na descrição da tua vida ou da nossa vida. 2

No segundo, do autobiográfico Terras de Camundá, ele mescla ficção e realidade e se coloca como narrador e personagem da trama romanceada. Conta a viagem de 30 léguas que fez a cavalo de

Pendências a Currais Novos, no ano de 1925, acompanhado de um tio, em busca de trabalho e melhores condições de vida:

O Cabugi, aparentemente perto, cachimbava ao longe, majestoso. São Romão desaparecera, Angicos nem se falava, Santa Maria era um nome obscuro; só Felisópolis, marchava com eles. Era um nome sagrado, inesquecível, suscitador de recordações, de ódios, mas também de ternura, de amor, de alegria comunicativa, de afetos inextinguíveis. Bastava lembrar, de relance, o semblante da mãe, olhando-o naquela atitude habitual de quem se dava espontaneamente ao sacrifício pelos filhos, para não esquecer de um jato a terra do seu berço. A terra onde viu pela primeira vez a luz do sol, onde ecoou o seu primeiro grito, onde se lavou pela primeira vez na água do seu rio, onde se pôs pela primeira vez em contato com o vento, com o clima, com o espetáculo maravilhoso e empolgante de toda a natureza. Bastaria isso. Felisópolis era assim, uma espécie de fada misteriosa e feiticeira que o acompanhava, tomando parte em sua vida [...]

A viagem poderia parecer, à primeira vista, uma fuga, reforçando a tese dos que não amavam a sua terra. Mas não era. Era, antes, uma experiência para positivar o seu amor. Afastando-se dela compreendeu logo a atração irresistível do torrão natal. O amor crescia na proporção da distância [...]

Presente nos dois textos, como é possível notar, o amor declarado e incondicional à Várzea do Açu e de forma mais específica, naquele mundo, ao lugar onde nasceu: Pendências, travestida na narrativa romanceada como Felisópolis, terra de Félix Rodrigues, o filho de portugueses que lá se fixou e estimulou a povoação do lugar. Estudioso da história da região, Manoel o define como fundador da Vila de Pendências, emancipada do município de Macau em 1953.

A presença do Vale é, pois, marcante em sua obra. Dos sete livros que publicou todos falam da região. Em três deles – Várzea do Açu (1940), Patriarcas e Carreiros (1944) e Cavalo de Pau (1953) – de forma mais densa e com visão sociológica e etnográfica observa em profundidade a região e sua gente, ampliando o conhecimento de tipos e costumes do nordeste do Brasil – a partir de sua aldeia e do mundo que a cerca. Fez ligeira incursão também na poesia e no romance, produzindo Chico Caboclo e outros poemas (1957) e o já citado Terras de Camundá (1972).

Explica em seu primeiro livro o porquê da Várzea como objeto de investigação e em que dimensão a retratou – ou, como afirmou Mestre Cascudo, filmou-a "com a mais sensível, delicada e fiel das máquinas: o coração".

Transcrevo a sua explicação:

"Quando dizemos Várzea do Açu, não queremos nos limitar, exclusivamente, aos terrenos dessa espécie, localizados ao lado esquerdo do rio Açu. Queremos, pelo contrário, incluir todos os terrenos de aluvião existentes à esquerda e à direita do [...] rio, quer sejam do município de Assu, quer sejam do município de Macau. E isto pelos seguintes motivos: [...] os dois grandes municípios do norte do estado têm um destino comum, com relação às cheias que invadem aquelas terras. As suas populações se confundem e se irmanam na alegria, no sofrimento e na morte. Quando o rio desce devorando as vazantes, enchendo aos pulos, transbordando o leito, alagando as várzeas, atinge a população das duas margens; [depois] [...] as terras, como as populações das duas margens são mais ou menos dependentes ou favorecidas pelas águas do rio. Fazendeiros, agricultores, pescadores, proprietários de carnaubais, canoeiros, salineiros, todos são direta ou indiretamente beneficiados, quando não prejudicados nos seus interesses. Todos têm, portanto, seus interesses econômicos intimamente ligados ao rio. Além disso, todos são, em relação à qualidade da terra, legítimos varzeanos; [...] [Por último] e esta é a razão mais forte, toda a região [...] pertencia, na fase colonial, ao grande município de Assu".

Passados mais de 70 anos da primeira edição do livro, com o barramento do rio, a descoberta e exploração de novas riquezas do solo e subsolo e de outras vantagens – além de algumas desvantagens trazidas pela modernidade, a Várzea diversificou-se na sua economia e em mais de uma dezena de municípios. Na composição oficial de microrregiões que constituem o Rio Grande do Norte, o Vale do Açu já não é o mesmo. Dele retiraram Macau, considerada outra microrregião. Mesmo assim, Manoel Rodrigues continua sendo o seu principal cronista e fonte de informações sempre consultada por estudiosos. Se a Várzea possibilitou a Badéu a régua que direcionou seu trabalho intelectual, com as primeiras influências e a disposição de seguir em frente para observar, aprender e contar, foi em Currais Novos onde vislumbrou o compasso que lhe permitiu iniciar a for-

mação dos círculos que lhe garantiram o treinamento e a descoberta da vocação de escritor. Círculos que se multiplicaram na cidade, na região do Seridó e também – e principalmente – em Natal, para onde se transferiu em 1929, ampliando a abrangência de suas atividades – no trabalho, nas escolas que frequentou, em movimentos de Igreja nos quais se engajou e na cidadania que soube exercitar. Foi aluno e professor, congregado mariano, integralista. Seguindo sempre os princípios abonadores da ética. E disposto a acumular saberes.

Foi em Currais Novos que desenvolveu a primeira experiência de escritor, como aprendiz de jornalismo em O Porvir, criado por Everton Dantas Cortez e ele próprio, estimulados por um professor, Gilberto da Cunha Pinheiro, quase como tarefa escolar. Estaria por vir, como resultado dessa prática e das experiências vivenciadas na cidade e na região, a inclusão do Seridó, de alguns dos seus patriarcas e de observações sobre o uso do carro de boi como parte da investigação que resultou no livro Patriarcas e Carreiros, já citado, e cuja primeira edição data de 1944. Tive a honra de no reitorado do professor Genibaldo Barros na UFRN, como Pró-Reitor de Extensão Universitária, apresentar a terceira edição do livro publicada pela Editora da Universidade.

Já residindo em Natal, empenhou-se em novas iniciativas. O acadêmico Hélio Galvão testemunha sobre a sua participação na criação da revista literária Bando, que circulou em Natal durante dez anos, de 1949 a 1959, afirmando: "foi ele o pai da ideia, o autor da sugestão de que nasceu Bando, a publicação mais séria que se editou no Rio Grande do Norte". Consignando sua admiração pelo espírito empreendedor de Badéu, o mesmo Hélio Galvão na apresentação de Terras de Camundá, refere-se àquele empreendimento que é, talvez, capaz de ombrear-se em importância às suas obras sobre o Vale – a construção da sede desta Academia de Letras:

"de tijolo em tijolo, dia por dia, [Manoel] ergueu sozinho o edifício da Academia de Letras. O pedreiro pode ter assentado o tijolo e colocado o prumo na parede que ia subindo; mas as mãos que construíram foram as dele: pedia subvenção, escrevia a deputados e senadores, convocava autoridades. Do nada fez tudo. De quantos ali estão só ele [...] levantou o prédio, deu-lhe acabamento e mobiliou as salas. Fez tudo".

Já Veríssimo de Melo, acadêmico e também parceiro na experiência vitoriosa de Bando, assim conta em Patronos e Acadêmicos:

"embora ninguém na Academia acreditasse na sede própria, ele quase sozinho construiu o edifício, imponente para a época e os fins a que se destinava. [...] Em menos de dez anos, erguia-se o majestoso prédio, que hoje é uma das suas glórias, como o é, igualmente, da Academia".

E acrescenta com bom humor: "o mais notável é que ele ergueu este prédio a pé e sem relógio [...], embora seja homem pontualíssimo nos compromissos". Reconhecendo a grandeza do empreendimento, seus pares, reunidos em Assembleia Geral realizada no dia 2 de abril de 1993, conferiram o nome de batismo: Casa Manoel Rodrigues de Melo.

O varzeano admirável que esta Casa homenageia foi incansável em promover sua terra e região. E sempre de forma surpreendente. Bom exemplo disso é referido pela professora Terezinha de Queiroz Aranha, autora de sua Bibliografia em parceria com o professor Cláudio Augusto Pinto Galvão (1). Nela registra, entre outros, o seu empenho para publicação em 1945 de uma polianteia comemorativa aos cinquenta anos de construção da capela de São João Batista de Pendências. Além de editor, Badéu mobilizou vários intelectuais como colaboradores da revista e levou para a então vila, como orador oficial das festividades, o amigo Luís da Câmara Cascudo, Manoel Rodrigues de Melo – Biobibliografia: 1926-1995. Editora da UFRN, 1995). A professora, pesquisadora atenta de toda a produção literária do seu conterrâneo, se deve o resgate de um trabalho inédito, que resultou no seu último livro: Memória do Livro Potiguar, publicado pela Editora da UFRN em 1994.

Há ainda outro livro que denota com veemência a amorosa relação de Manoel Rodrigues de Melo com o jornalismo e a cultura do estado. Retomando e ampliando o exemplo de Luís Fernandes, autor de A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte, ele se utiliza fundamentalmente do seu acervo pessoal, acumulado ao longo de toda a vida, e produz o Dicionário da Imprensa no Rio Grande do Norte, publicado pela Fundação José Augusto em 1987. Considerado referência na historiografia potiguar, é um livro indispensável a pesquisadores das ciências humanas, especialmente aqueles dedicados às áreas de história, comunicação social, letras, sociologia. Relacionando

mais de 600 verbetes, o autor identifica jornais, revistas e outros meios impressos que circularam no estado de 1909 a 1987. Desfia nome de fundadores, redatores, colaboradores e chega a outros detalhes que poucos dariam importância, como a indicação de pseudônimos com que muitos dos autores assinavam as suas matérias, característica muito comum na época em que exercia o jornalismo. A apresentação dos verbetes contendo a identificação de cada periódico é feita por cidade, numa abrangência de 34 municípios. Todos aqueles dados resultaram do seu trabalho minucioso de investigador.

Gostaria de registrar – a título de reconhecimento – que além da publicação do Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte, a Fundação José Augusto, na administração do jornalista Woden Madruga – acadêmico eleito recentemente por esta Casa – desenvolveu um bom trabalho de organização do acervo de Rodrigues de Melo, visando preservar a sua memória e disponibilizar informações ao público interessado. Com apoio da família, que doou livros e documentos, a Fundação instalou, em 2002, o Núcleo Manoel Rodrigues de Melo, vinculado ao Centro de Documentação Cultural da Instituição – atualmente Centro de Documentação Eloy de Souza.

Por oportuno gostaria de sugerir uma ação conjunta de entidades que ele valorizou e a que serviu, para que tenhamos em breve toda a obra do autor varzeano digitalizada. Por que não somar-se a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – sua Casa – a outras instituições como UFRN e a própria Fundação José Augusto visando aprofundar aquele trabalho com a digitalização do acervo, colocando-o ao acesso de pesquisadores? Desde já, em nome da Fundação Félix Rodrigues – que atualmente encerra suas atividades na cidade de Pendências após 19 anos de funcionamento – informo a possibilidade de contribuir com a iniciativa que vier a ser tomada por esta Casa, disponibilizando os originais digitalizados de pelo menos 26 números de Bando, abrangendo todo o período de circulação da revista. Da mesma forma, a instituição faz entrega no encerramento deste encontro – tanto à Academia como ao Conselho Estadual de Cultura – do livro O Mundo Varzeano de Manoel Rodrigues de Melo, de autoria de Maria da Salete Queiroz da Cunha e fotos de João Vital Evangelista Souto, mostrando um dos exemplos do que realizou para preservar a sua memória.

A um homem assim, cuja vida foi rigorosamente exemplar para a cultura do povo de que se originou, cabe o merecimento da divulgação. Até para que as novas gerações fiquem sabendo da sua grandeza, como nitidamente aparece no testemunho de tenacidade e persistência, feito com o olhar da infância pelo jornalista Valério Andrade na Tribuna do Norte de 07/06/1994:

"no final dos anos 40, o calçamento e o asfalto ainda não tinham chegado à Avenida Afonso Pena e, naquela rua larga e sem canteiros divisórios, havia poça d´água, montes de capim e pequenas pedras. Mais meninos do que carros na rua; nenhum ladrão. As casas não eram engradadas e, como não existia televisão, as pessoas, à tardinha e à noite, levavam as cadeiras para a calçada. Havia, porém, um homem que nunca foi visto sentado à frente de sua casa: Manoel Rodrigues de Melo. Durante dias, semanas, meses, anos, podia-se vê-lo todas as noites, através da janela, debruçado sobre livros e escrevendo".

Reitero, por fim, meu agradecimento pelo convite que muito me honrou, pois cresci admirando este intelectual e com ele busquei aprender sobre a nossa terra comum, sobre a cultura potiguar, sobre a vida. Quando lancei em 1989 o livro Geringonça do Nordeste – a fala proibida do povo, tratando da injustiça cometida contra Clementino Câmara que teve proibida uma pesquisa por abordar o linguajar nordestino, Badéu, nosso admirável conterrâneo, fez questão de me escrever fazendo generosas referências ao trabalho, mas arrematando os comentários com uma observação em que é possível enxergar o zelo de pesquisador e sua extraordinária humildade intelectual. Lembrava ele: "no volume que você me ofereceu estão faltando as páginas 17 e 18. Mande copiar e traga que eu coloco no lugar". É claro que no dia seguinte lá estava eu em sua casa, para sanar a falha da gráfica responsável pela impressão do livro, levando-lhe um segundo exemplar.

Encerro confessando que um dos fatos que me proporcionaram maior alegria, durante meu tempo de reitorado, foi ter a oportunidade de, cumprindo decisão unânime do Conselho Universitário da UFRN, conceder-lhe o título de Doutor Honoris Causa. Fiz questão de ficar com a cópia da Resolução por mim assinada, ainda hoje guardada com todo o zelo. Coube-me, na condição de Rei-

tor, entregar-lhe a honraria na última reunião que presidi, em 28 de maio de 1995. Foi o último que assumi na função exercida durante quatro anos, escolhido pela comunidade universitária.

A atribuição do título era, convenhamos, meramente simbólica. Porque Badéu já se tornara Doutor pelos saberes do povo e pelo amor telúrico que o fez um homem de grandes ideais e maiores realizações.

Natal, 02/08/2016

GERALDO DOS SANTOS QUEIROZ é professor e ex-reitor da UFRN.

Primeira leitura da poesia reunida de Cléia da Trindade

Nelson Patriota

Um dos primeiros poemas de ”Início da Manhã” (Natal: Clima, 1984), de Maria Cléia da Trindade, intitula-se “Desabafo”. Trata-se de uma quadra, que reproduzimos aqui*:* “Mas se um dia alguém se ocupar / a percorrer com o olhar esses meus versos / um grande sofrimento há de encontrar / e um desdém que só pra mim confesso”. O poeta Diógenes da Cunha Lima, no curto, mas denso, prefácio que escreveu a esse livro, resume-o numa frase: “[“Início da Manhã”] fotografa a realidade mais íntima das coisas, tão lírica que faz o leitor acreditar na beleza da vida, que vale a pena viver, gritando à solidão para afastá-la pela comunicação poética”.

Nessas duas palavras – comunicação poética – resume-se à perfeição toda uma teoria que os estudiosos da poesia vêm desenvolvendo ao longo dos séculos. Tomado como um parâmetro capaz de aferir o “grau de poeticidade” de uma obra – no caso, “Início da Manhã” –, não seria difícil concluir que, à medida que essa obra escancara ao leitor um rico volume de imagens estéticas, permite concluir que se trata de obra amplamente poética.

O poema “Desabafo”, por si só, é um motivo poético bem particular, haja vista que coloca em reta de colisão dois conceitos que raramente se opõem: dor e desdém. Estaríamos, então, mais uma vez diante do famigerado “poeta fingidor”, definido pelo múltiplo Fernando Pessoa, ou se trataria de outra categoria poética, mais pessoal e menos replicada na seara da poesia?

Preferimos optar pela segunda hipótese, levando em consideração que a leitura da poesia completa – até aqui – de Cléia da Trindade nos permite aferir na dupla articulação sugerida pelos versos de “Desabafo”: autoconfissão e autoironia. Esses dois conceitos, cremos, parecem disseminados em desiguais proporções ao longo dos quatro livros de poesia de Cléia da Trindade agora reunidos. A

desigualdade de proporções ocorre porque a marca mais sensível da poesia de Cléia da Trindade é menos a autoconfissão e mais a autoironia. Ou o despojamento de si.

Com efeito, uma poeta que não hesita em retratar-se como "eu avessa", não espera indulgências do leitor. Pelo contrário, busca um outro tipo de leitor: um cúmplice de seu ordálio, porém agora já deixado para trás. De outro modo, como conceber que, no último verso de "Avesso" (in "Espelho da Noite"), a poeta ouse afirmar: "Eu avessa sou onde o sol se põe / Sou onde o riso chega e ali se apaga / Sou o sepulcro que ninguém supõe // Sou martírios cruéis e tudo enfim / Renúncia após, dor e mágoa /Mil túmulos de amor dentro de mim"?

Como observa a escritora Edna Duarte em seu parecer sobre "Penumbra", a poesia de Cléia da Trindade impõe um desafio ao leitor. Diríamos, aproveitando essa deixa, que se trata de um desafio de não pouca valia, haja vista que requer olhos firmes para contemplar um entorno que exige tudo que não seja pieguice e sentimentalismo; que seja, enfim, lucidez – A "lucidez de navalha" de que fala a poeta Diulinda Garcia num livro homônimo.

Assumindo tal postura diante da poesia de Cléia da Trindade, o leitor não tardará a se dar conta da assertividade, da autenticidade e rigor de uma poesia que percorre as coisas, mas que depara sempre o humano, sondando-o, perquirindo o sentido, mas também o não sentido das contingências da vida e que se encontra à vontade no seu elemento – o poema – para onde reclama companhia.

De fato, por trás de todo o fatalismo que mina dezenas de versos crus, Cléia da Trindade extrai, como substrato fino e paradoxal dessa grei, versos ricos de luz meridiana (ou mediterrânea, como aquela que inspirou o famoso livro de Raul de Leone). Como no terceto de "Profecia" ("Penumbra"): "Serei dona do tempo / Criarei espaço / Dormirei à penumbra dos teus olhos".

Ou, num ímpeto carregado de sugestões corais, a poesia explode sob inspiração do amor. É o poema "A cor do sentir", ("Recortes"), que diz: "Trago um desejo vermelho / Sob a luz amarelo-dourada / Dos teus olhos castanhos / Onde faço azul meu sonho / Vejo sinal verde em nossas vidas / E faixas coloridas ao teu toque / Tudo é branco-paz / E sinto tonta, o lilás / Quando amo a rosa choque".

Poesia extraída da sombra – não é à toa que os livros de Cléia da Trindade apresentam títulos tão autorreferentes: "Início da Manhã", "Penumbra", "Espelho da Noite", "Recortes". Esses livros formam um conjunto harmônico e expressivo de um modo raro de fazer poesia que há muito demandava sua publicação *in totum*. As ilustrações feitas pela própria autora, excelente artista plástica e mestre da arte do retrato, acrescentam um elemento visual que se soma à sua poesia de modo suplementar, esclarecendo-a e iluminando-a. É, enfim, dessas obras que têm muito a dizer aos seus leitores. A nossa poesia agradece.

NELSON PATRIOTA é escritor, crítico literário e poeta, autor de "Uns Potiguares" e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Arte de **FALVES SILVA**

Documentos da vanguarda natalense

Anchieta Fernandes

Desde que a Vanguarda (como programa definido de lutar pela Vanguarda) começou a existir em Natal, com o "Grupo Dés" em 1966, que foram surgindo vários documentos vanguardísticos, acrescentando-se ao acervo geral da cultura norte-riograndense. Acho oportuno publicar agora todos estes documentos, manifestos e manifestinhos, como uma contribuição ao futuro levantamento histórico de nossa cultura a partir do referido ano de 1966.

Não sem antes esclarecer que alguns destes manifestos contêm trechos futilmente radicais, não sérios no sentido cultural atual, significando apenas uma raiva juvenil da época em que foram lançados, quando a produção cultural dos jovens era desprezada e supervalorizada a cultura dos medalhões do sistema.

Esclareço também que um documento importante como o texto "Operação/Poema" (1968) não está incluído, porque se trata de concepção e assinatura de um único autor (Sanderson Negreiros), e o objetivo deste levantamento é incluir apenas textos coletivos. Aliás, o texto completo "Operação/Poema" já está transcrito no livro "A Poesia e o Poema do Rio Grande do Norte", de Moacy Cirne, e publicado em 1979 pela Fundação José Augusto.

DOCUMENTO 1: POR UMA POESIA REVOLUCIONÁRIA, FORMAL E TEMATICAMENTE (*)

para uma nova realidade social, cósmica, eletrônica, novas formas expressionais: o ideograma, a fisiognomia tipográfica, o espaço em branco, a supressão do analógico-discursivo, a verbivocovisualidade, dentro da perspectiva criada pela poesia concreta. em certos casos o verso, quando funcional, pode ser admitido: joão cabral e drummond são válidos enquanto representantes de um momento histórico poético. porém, o simples experimentalismo (a gratuidade formal sem implicações contextruturais) deve ser abolido em função

de uma poesia conteudístico-semanticamente revolucionária. " . . . do mesmo modo que a física apresenta aos matemáticos problemas novos que os obrigam a criar um novo simbolismo, as exigências sempre novas do social ou do metafísico impõem ao artista a necessidade de encontrar uma linguagem nova ou técnicas novas" (sartre).

a nossa concepção do real faz com que não aceitemos mais a província como um motivador de angústias improdutivas e esquemas superados. faremos uma poesia voltada para a concretude informacional e para a problemática da terra e do homem nordestinos: uma poesia de vanguarda socialmente engajada – uma poesia capaz de agredir e violentar, partindo de elementos críticos superando-os formalmente. uma poesia viva, realista, autônoma, sem vetores metafísicos e/ou políticos. um novo comunicar, uma nova palavra, uma nova composição. "seria evidente absurdo dizer que nenhuma importância deve ser atribuída à forma e ao específico desenvolvimento da forma na arte. sem introduzir inovações de tipo formal, a literatura não pode apresentar novos conteúdos e novos pontos de vista para novas camadas de público" (brecht).

textos básicos da literatura brasileira: o inferno de wall street (sousândrade), memórias sentimentais de joão-miramar (oswald de andrade), macunaíma (mário de andrade), a obra de carlos drummond, a obra de joão cabral, grande sertão: veredas (guimarães rosa) e os poemas concretos de augusto de campos, décio pignatari, haroldo de campos, josé lino grunewald, ronaldo azeredo e wlademir dias pino.da literatura universal, entre os modernos: mallarmé, Joyce, pound, fernando pessoa. em suma: o nosso promultigrama, comprometido com toda uma situação social e tecnológica, se inscreve no plano da criatividade, funcionalidade, radicalidade e potencialidade. " ... no mundo moderno, que está caracterizado em alto grau como esfera técnica, é lícito pensar sem maiores objeções numa co-relação íntima entre arte e técnica, estética e construtividade" (bense).

anchieta fernandes, dailor varela, fernando pimenta, jarbas martins, joão charlier, juliano siqueira, moacy cirne, ribamar gurgel

Natal, dez.1966

(*) Manifesto lançado por ocasião da exposição "Dez Anos de Poesia Concreta" – organizada pelo "Grupo Dés", e primeira expo-

sição de poesia concreta em Natal. 5/12/1966 (abertura), O texto do manifesto foi publicado no jornal natalense "Correio do Povo", 13/12/1966. É interessante notar uma espécie de coincidência, que apontaria o município de Caraúbas como terra onde nascem criadores de vanguarda. Este primeiro manifesto é assinado por um goiano de Anápolis (Dailor Varela), um angicano (Jarbas Martins), um natalense (Juliano Siqueira), um jardinense (de Jardim do Seridó – Moacy Cirne) e quatro caraubenses (Anchieta Fernandes, Fernando Pimenta, João Charlier e Ribamar Gurgel).

DOCUMENTO 2: POESIA CONCRETA: O NOSSO SALTO (*)

O recente curso de Jomard Muniz de Brito – "O Cinema e a Moderna Cultura Brasileira" – serviu para comprovar a força da poesia concreta, em geral, e do nosso movimento, em particular. Pois, embora não constasse do programa, a poesia concreta provocou os mais acirrados debates no curso.

Já conhecíamos a posição de Jomard perante os concretos, inclusive suas principais restrições. Mas os que, em Natal, condenam o nosso movimento, esperavam do autor de "Contradições do Homem Brasileiro" as mais sistemáticas atitudes contrárias – fato que não se verificou. Logo no primeiro dia, respondendo a uma pergunta tendenciosa, o nosso movimento foi amplamente elogiado.

E o curso promovido pelo Serviço Cultural do Estado veio revelar – para muitos – uma situação incômoda: transformamos, em termos radicais, a estrutura literária dessa província; superamos o marasmo intelectual que a dominava; abrimos, potencialmente, perspectivas poéticas; criamos uma consciência crítica, ignorada por quase todos os que nos antecederam.

De um lado, os socialistas apressados; do outro, os que defendem a literatura acadêmica – todos esperavam a palavra de Jomard com avidez cômica. Impotentes para uma luta aberta já que – na verdade – desconhecem a poesia concreta, sua teoria e sua crítica, preferiram se escudar no professor pernambucano. Fomos claros em um dos últimos depoimentos: "Reconhecemos a urgente necessidade de, através de novas formas expressionais, libertar a obra de arte criativa da tralha das matracas e da mística do pecado original. O

grupo Noigandres entrou neste "campo de combate" há dez anos; nós apenas iniciamos o combate. É preciso destruir os alicerces da poesia dita pura (Cabral), da arte infuncional, através de uma linguagem construtiva."

Durante o curso respondemos a todas as questões levantadas, quer sejam por Jomard, quer sejam pelos admiradores de certos poetinhas. No segundo caso muitas vezes o próprio Jomard com invulgar brilhantismo, respondia. Sobre o problema da oralidade, respondemos com "poesia para (de barriga vazia)", de Haroldo de Campos, assim como poderíamos responder com "greve", de Augusto de Campos, "portões abrem", de Ronaldo Azeredo, "pedra", de José Lino Grunewald, "caminho", de Edgar Braga, e até mesmo "terra", de Décio Pignatari. Não esqueçamos, sendo um produto verbivocovisual, "com o poema concreto ocorre o fenômeno da metacomunicação: coincidência e simultaneidade da comunicação verbal e não-verbal, com a nota de que se trata de uma comunicação de formas, de uma estrutura-conteúdo, não da usual comunicação de mensagens."

À questão do formalismo e da arte participante, respondemos com Maiacovski ("Não há arte revolucionária sem forma revolucionária") e Sartre ("...uma vanguarda real pressupõe que o escritor não se limita a usar a linguagem, mas que ele próprio a cria ao escrever"). Aqui lembramos Marx: "Minha propriedade é a Forma. ela constitui minha individualidade espiritual. LE STYLE C'EST L'HOMME". E, compreendendo as diferenças existentes entre o mundo industrial de São Paulo e o mundo subdesenvolvido do Nordeste, realizamos o nosso salto, anunciado no manifesto de dezembro pp: "Faremos uma poesia voltada para a concretude informacional e para a problemática da terra e do homem nordestinos." Do mesmo manifesto: "... o simples experimentalismo (a gratuidade formal sem implicações contextruturais) deve ser abolido em função de uma poesia conteudístico-semanticamente revolucionária."

Estamos preparados para o combate!

Anchieta Fernandes – Dailor Varela – Fernando Pimenta – Jarbas Martins – João Charlier – Juliano Siqueira – Moacy Cirne – Ribamar Gurgel

(*) Manifesto lançado após um curso dado pelo Prof. Jomard Muniz de Brito, em fevereiro de 1967, na Faculdade de Jornalismo "Elói de Sousa". O manifesto foi publicado nos jornais natalenses "Correio do Povo" (a 26/2/1967) e "Tribuna do Norte" (a 28/2/1967).

DOCUMENTO 3: NOTA/MANIFESTO (*)

entregando esta exposição-volante de poesia de vanguarda à classe universitária norte-riograndense, o grupo DÉS realiza mais um projeto do seu promultigrama cultural.

sempre (desde a 1ª exposição de 11/12/66) assumimos ante o sistema cultural provinciano & (ou) superado uma posição única: somos contrários a idéias literárias acadêmicas e acomodadas, por uma poesia de linguagem, contra uma poesia de sentimentos.

o poema é uma "violência organizada" exercida sobre a linguagem cotidiana (wellek/warren, citando os formalistas russos).

reclamar novas estruturas sociais sem aceitar o promultigrama da vanguarda artística, parece-nos uma atitude reacionária. porisso defendemos crítico/criativamente uma poesia concreta, capaz de comunicar efetivamente, sem vetores políticos ou metafísicos. uma poesia que ao livrar-se da infuncionalidade do discurso , fala a linguagem do homem de hoje. está no nosso promultigrama levar ao estudante universitário norte-riograndense a informação adequada, sem a qual nunca superaremos o subdesenvolvimento social/cultural da área nordestina.

aceitamos o desafio dos reacionários (política/culturalmente) indagando ao próprio estudante: a poesia concreta é participante?

"participar, no melhor sentido da palavra, significa prestar uma atenção ativa" (mike weaver).

e a poesia concreta, sempre atenta às transformações da nossa época, participa a mensagem adequada.

(*) Manifesto distribuído à classe estudantil e aos visitantes da exposição/volante da poesia de vanguarda, promovida conjuntamente, a partir do dia 18 de setembro de 1967, no Restaurante Universitário – posteriormente na Faculdade de Medicina (desde o dia 10 de outubro) -, pelo "Grupo Dés" e pelo Diretório Central de Estudantes.

DOCUMENTO 4: POESIA NOVA, PROCESSO NOVO: 8 PONTOS (*)

1. poesia de processo: a que inaugura, em cada novo poema, processos informacionais (estéticos), voltando-se radicalmente para a concretude da linguagem. liberdade criadora. invenção.

2. não mais o processo em função da estrutura (as duas primeiras fases da poesia concreta: a da forma orgânica – fenomenologia da composição – e a da forma geométrica – matemática da composição), porém a estrutura em função do processo.

3. oswald de andrade, carlos drummond e joão cabral apenas radicalizaram processos já conhecidos. a partir de 1953-56 criaram-se, verdadeiramente, novos processos poéticos, sob o impacto das obras de wlademir dias pino, décio pignatari e augusto de campos, entre outros. o verso tornou-se, então, um simples elemento museológico.

4. no plano internacional criaram processos, principalmente: mallarmé, Joyce, cummings e maiacóvski.

5. a importância social do público como agente dinâmico na co-participação criadora dos poemas – montando-os, colando-os, movimentando-os,rasgando-os, destruindo-os. poemas-cartazes, poemas-objetos, poemas-filmes. o consumo imediato.

6. qualquer música dos beatles contém mais informação estética, para o homem de hoje, do que certas músicas ditas clássicas (de beethoven, wagner, vila-lobos). waldemar cordeiro é mais importante do que portinari ou di cavalcanti. na vanguarda artística do século os grandes criadores das estórias em quadrinhos: al capp, chester gould, lee falk, alex raymond. no cinema, depois de eisenstein e welles, são marcos revolucionários: resnais, antonioni, godard e lester. no teatro,brecht. a poesia de processo é também uma tomada de posição crítica e pro-multigramática diante desses fenômenos culturais.

7. nem todo poema de processo, embora sempre concrecionando a linguagem, é concreto, no sentido empregado pelo grupo noigandres (são paulo). mas todo poema concreto, para ser realmente válido, precisa encerrar um processo.

8. assim como existe uma poesia de processo, existe também uma arte de processo: os princípios definidores são os mesmos. poesia de processo, arte de processo: poesia nova, arte nova.

anchieta Fernandes, dailor varela, fernando pimenta, frederico marcos, marcos silva, moacy cirne, nei leandro de castro, ribamar gurgel, sanderson negreiros, falves da silva

(*) de vanguarda.Manifesto lançado por ocasião da "Explo/02", que expôs pela primeira vez em Natal (Museu do Sobradinho), o Poema/Processo, com inauguração a 11/12/1967.

DOCUMENTO 5: NOSSO HAPPENING: 5 PONTOS (*)

1) O passado para nós só interessa quando atua no presente. É o caso de Joyce, Mallarmé, Apolinaire, Oswald de Andrade, o norte-riograndense José Bezerra Gomes, entre outros, que contribuíram processualmente para novas tendências da poesia de vanguarda.

2) Não nos voltamos contra a cultura viva do passado. "Colher no ar uma tradição viva" (Pound). Voltamo-nos, sim, contra o marasmo museológico que domina a província e o país.

3) Somos contra qualquer atitude ditatorial que tente boicotar o promultigrama da vanguarda artística, e contra toda uma ditadura oficial, da Censura Federal, nas editoras e jornais.

4) Consideramos necessário agredir o máximo o sistema sócio-cultural, para conseguir uma comunicação adequada. "Todo criador moderno tem que ter algo de subversivo, caso contrário inexiste" (José Lino Grunewald).

5) Nosso povo precisa de uma mentalidade anti-literária, de uma tomada de consciência que o leve ao contexto da realidade poética atual e à própria realidade do país e seus problemas essenciais.

Ass: Dailor Varela, Frederico Marcos, Falves, Marcos Silva, Anchieta Fernandes, Charlier Fernandes, Alderico Leandro, Ribamar Gurgel, Alexis Gurgel.

(*) Manifesto em que a equipe/processo de Natal, depois de desistir (por pressões policiais) de um anunciado happening, explicou as razões porque queimaria obras de autores lineares, passadistas e sancionados pelo sistema político-ditatorial vigente. Publicado no jornal "Tribuna do Norte", a 18/2/1968.

DOCUMENTO 6: NORDESTESE (*)

I – PRELIMINARES

P: O que é Comunicação?

R: É o movimento da informação.

P: O que é Informação?

R: É a riqueza de possibilidades de conhecimento de uma coisa nova.

P: O que é Processo?

R: É a maneira ou a técnica de por em movimento a informação.

P: O que é Poema?

R: É uma idéia nova em informação.

P: O que é Poema/Processo?

R: POEMA/PROCESSO é aquele que inaugura, a cada nova experiência, novos processos informacionais. Contudo, essas experiências permitem versões diversas.

P: Qual o objetivo do Poema/Processo?

R: Informação/Comunicação.

P: Como se explica um Poema/Processo?

R: Um poema/processo explica-se por si. O que ocorre é que alguns poemas exigem um pouco mais do consumidor, e se este tiver preguiça ou não desejar aprender/informar-se falha diante da comunicação/informação do Poema/Processo. O Poema/Processo exige também "estar atento e forte", exige boa vontade.

P: O Poema/Processo é Artes Plásticas?

R: O Poema/Processo não é poesia, é poema; não é literatura, é informação; não é artes plásticas, é processo e formas novas de linguagem.

II – NORDESTESE

SITUAÇÂO DO NORDESTE: As estruturas sociais estão a exigir fórmulas de acelerar o conhecimento, de maneira a permitir acompanhar (e discutir criticamente) a corrida da mente industrial e da tecnologia.

O MAIOR OBSTÁCULO: Artesanato e/ou cultura popular.

COMO DEVE SER ENFRENTADO PELA VANGUARDA: Em termos de responsabilidade social, vanguarda propondo-se a mudar a própria mentalidade da infraestrutura, os complexos de subdesenvolvimento latentes no povo.

O QUE O POEMA/PROCESSO PROPÕE: Basta o processo, a idéia, o projeto da matriz. Tendo o projeto em mãos, o consumidor/participante (que é aquele que lê e se apropria da

idéia contida no processo) opta, de acordo com a sua preferência (de gosto estético, informacional) ou as suas possibilidades (financeiras, técnicas): construindo objetos com as formas e variantes do projeto, ou versões visuais gráficas do projeto, ou versões ambientais, situações nascidas do projeto.

Ass: Anchieta Fernandes, Bosco Lopes, Falves da Silva, Vicente Serejo, Alderico Leandro

(*) Manifesto/tese apresentado na Exposição Internacional de Poemas/Processo e Outros Poemas Visuais, organizada pela vanguarda natalense e realizada no Colégio Estadual Winston Churchil, de Natal, com abertura no dia 11 de outubro de 1970. No mesmo dia, a "Nordestese" foi publicada no Uruguai, no jornal de Montevidéu "El Popular", por iniciativa do poeta Clemente Padin.

DOCUMENTO 7: EXPOSIÇÃO DE VANGUARDA/72 (*)

ESTA EXPOSIÇÃO É MAIS QUE UMA EXPOSIÇÃO. É UM ESPETÀCULO VISUAL. PODES CRER. SE AS ROUPAS SÂO UMA EXTENSÃO DA PELE, A ARTE DA ERA DE AQUARIUS É UM PROLONGAMENTO DAS IDEIAS DAS CUCAS ENCARACOLADAS QUE TRANSAM/COMUNICAM A INFORMAÇÂO IMEDIATA, ATRAVÉS DOS QUADRINHOS E DO POEMA/PROCESSO. COMO UMA VESTE DO PENSAMENTO JOVEM. PARA QUE ESTAS IMAGENS/LINGUAGENS NOVAS SE TRADUZAM TÃO BEM QUANTO A LÓGICA/ABERTURA INTERNACIONAL DOS DADOS DE UM COMPUTADOR EM SUA APLICAÇÂO PRÁTICA. SE NATAL ESTÁ CRESCENDO VERTICALMENTE NOS ÚLTIMOS TEMPOS (VD. O SURGIMENTO DE TANTOS NOVOS EDIFÍCIOS), TEM SENTIDO A VANGUARDA, EM SUA COMPREENSÂO DA VERTICALIDADE ESSENCIAL AO SER HUMANO, PROCURAR A SIMPATIA DOS BAIRROS. POTILÂNDIA NA URBANIZAÇÃO DA CIDADE & OU: O SESC AJUDANDO

A DESCENTRALIZAÇÂO CULTURAL. ESTA MOSTRA, ESTE NOSSO TEMPO, ESTA NOSSA TRANSA, ESTA NOSSA CURTIÇÃO.

PARTICIPANTES: ANCHIETA FERNANDES, ALDERICO LEANDRO, BOSCO LOPES, EMANOEL AMARAL, DAILOR VARELA, LINDBERG REVOREDO, LUIS PINHEIRO FILHO, REINALDO AZEVEDO, FALVES, D.LUCAS BRASIL

(*) Manifesto lançado por ocasião da Exposição de Vanguarda, organizada pela equipe/processo de Natal, e apresentada no salão de exposições do SESC, em sua agência do bairro natalense da Potilândia, com abertura no dia 18 de março de 1972.

DOCUMENTO 8: MANIFESTO 1976 (*)

() o verso, como elemento expressional, há muito tempo que não tem mais nada a informar, embora, em casos bastante particulares, ainda posso comunicar. nós optamos pela comunicação que, filtrada pelo social, nasce da informação: o poema sem a necessidade neurastênica de conter poesia.

() os nossos caminhos produtivos não passam pelo verso: passam pela teoria da história, pela semiologia, pela leitura crítica de autores que contribuíram e contribuem para a fundação do novo poema, pela realidade social, pela teoria da informação, pela arte experimental – do cinema abstrato ao poema /processo.

() não nos preocupa atingir um número elevado de consumidores; preocupa-nos atingir/formar o maior número possível de produtores. maiakóvski – comentando a poesia de khliébnikov, em 1928, dizia: "...se um livro é endereçado a uns poucos como a energia de volkhovstrói se dirige a umas poucas estações transmissoras, para que essas subestações distribuam pelas lâmpadas elétricas a energia reelaborada, semelhante livro é necessário. tais livros são endereçados a uns poucos, mas não consumidores, e sim produtores".

() pretendemos aproveitar, cada vez mais, através de um redi-

mensionamento crítico, os materiais nordestinos: o cordel e sua oralidade gráfica, a terra e sua relação com as classes sociais – sem cair nas facilidades do folquilorismo.

() lutamos por uma leitura produtiva que seja capaz de apreender a funcionalidade do poema/processo e de estimular a abertura para as novas experiências no campo dos signos visuais, sonoros, opcinéticos, ambientais, gráficos etc.

() da poesia concreta ao poema/processo: a nossa trajetória, a partir de 1966, tem sido uma trajetória marcada & marcante que extrapolou e extrapola os limites estreitos de qualquer literatice provinciana.

(a) Anchieta Fernandes, Dailor Varela, Falves Silva, J.Medeiros, Moacy Cirne

(*) Manifesto publicado no número do suplemento "Contexto", do jornal natalense "A República", a 5 de dezembro de 1976, número este comemorativo dos 10 anos do surgimento da Vanguarda em Natal, com o "Grupo Dés".

DOCUMENTO 9: EXPOÉTICA (*)

Como um testemunho, a presente EXPOÉTICA documenta os 120 meses de um trabalho de pesquisa que, centralizado na Vanguarda Brasileira, assumiu também amplas ramificações teórico/práticas nascidas em outros países.

11 de dezembro de 1967: o poema/processo era lançado simultaneamente em Natal/Rio. Pela mesma época o italiano Michele Perfetti teorizava sobre a Poética Tecnológica; o argentino Carlos Raul Ginzburg propunha uma Poesia Atômica – e outras propostas surgiam dentro do contexto geral da chamada Poesia Experimental, tanto na Europa como na Ásia (o japonês Kitasono Katue que desenvolvendo experiências para/concretas aproveitava a visualidade do ideograma), e na Íbero-América (principalmente com a atuação cultural do uruguaio Clemente Padin, criador da revista OVUM-10; e de Edgardo Antonio Vigo).

Hoje, em uma síntese, atingindo as novas dimensões comunicacionais/informacionais da ARTE/CORREIO, traça-se propostas teóricas verificáveis através dos seguintes pontos:

() que toda poética consciente para atingir uma informação funcional precisa trabalhar novos processos.

() que a pesquisa, o experimental não devem servir a práticas gratuitas e sim serem resultados de necessidades sociais em prol do acréscimo do repertório histórico da contemporaneidade.

() que é importante o artista jovem ter um mínimo de conhecimento linguístico dos modernos estudos semiológicos.

() que é preciso lutar para uma maior abertura do público/consumidor no sentido de fazer-lhe sentir a necessidade de ler a vanguarda.

() que é preciso encarar o Correio não como uma simples Empresa de Serviços Públicos, e sim como veículo emissor de propostas d'Arte Contemporânea. Pois assim como a pintura está ligada aos museus (sentido estático da contemplação); assim como a literatura tipo Jorge Amado está ligada às livrarias; os quadrinhos de consumo às bancas de revista; o cinema às salas de projeção; a TV aos ambientes domésticos (sentido de escolha individualista do que consumir) – a Vanguarda está ligada ao correio (sentido da surpresa, quando o carteiro faz circular/redistribuir novos produtos explosivos da informação contemporânea).

() que o processo está em plena vigência.

1967/1977 – (10 ANOS – EQUIPE/POEMA/PROCESSO – NATAL – RN – BR)

J.MEDEIROS, ANCHIETA FERNANDES, FALVES SILVA

(*) Texto/Manifesto de apresentação no catálogo da exposição

comemorativa dos 10 anos do Poema/Processo, também denominada "Expoética", e montada de 11 a 17 de dezembro de 1977 na Biblioteca Pública Câmara Cascudo.

DOCUMENTO 10: POÉTICA EXPRESSÃO COLETIVA (*)

Estamos lançando a palavra de ordem prática, contra a prática da "ordem". A estrutura acadêmica quer uma ordem, ou seja, livros na prateleira para o consumo das traças; imortais-mortos como traças ambulantes pela vida. É preciso conscientizar-se da realidade objetiva.

Enquanto muitos poetóides continuam fazendo versos sobre a "flor da inocência das crianças", os meninos que catam lixo pelas ruas sabem, há muito tempo, que não é preciso definir um "ano internacional da criança" para eles sofrerem a não inocência da sobrevivência ano por ano.

Os intelectuais/artistas de proveta continuam insistindo & persistindo na química de produtos fáceis & falsos para o consumo individual. O que se deve é testemunhar/documentar o momento político/social com instrumentos adequados...o romper com hábitos estáticos da cultura de massa.

Contra o lirismo artesanal da poesia, a verdade objetiva do poema. Contra as cores ilusórias da pintura (acadêmica), a funcionalidade comunicacional da arte/correio. Contra o quadrinho-quadrado-colorido disneyano, a criatividade preto x branco do quadrinho/poema (Nenn, A.L.M.Andrade. Marcio Sidney, Lapi, Leib). Contra a importação letringlesada das discoteques, a informação tupiniquim de Marcos Vinícius, Pedro Osmar, Hermeto, Walter Franco. Contra a importação dos clichês históricos cinematográficos (Batalha dos Guararapes), o ineditismo e a contundência poemática dos filmes de Luiz Rosemberg Filho (todos censurados).

Natal, 14 de março de 1979.

Ass) Venâncio Pinheiro, J.Medeiros, Anchieta Fernandes, Falves Silva, Josfan Antunes, J.Salustiano, Emmanuel Amaral, Alexis Gurgel, Bené Chaves e Ivani Bastos.

(*) Manifesto lançado em Natal, pelo grupo "Denuncia (r) te" (formado em Natal nos últimos anos da década setenta do século vinte, por artistas de Vanguarda, contando com integrantes do Poema/Processo), no dia 14 de março de 1979, para comemorar o Dia Nacional da Poesia. Foi publicado no mesmo dia no jornal natalense "Diário de Natal".

Sem novos manifestos, acredita-se que a época dos manifestos da vanguarda norte-riograndense, dentro de uma linha programática que foi do Grupo Dés ao Grupo Denuncia (r) te, saindo do campo imobilista da Poesia Concreta para a mobilidade objetual da realidade que se vive – tenha terminado ao final da antepenúltima década do século passado. Na passagem para o século vinte e um, começou a ser aplicada a expressão "poesia visual", abrangendo poesia concreta, poema/processo e outras etapas da vanguarda. Em 1995, foi mostrada na Galeria Conviv'Art, do Campus da UFRN, a Mostra Nacional de Poesia Visual, organizada por Avelino de Araujo, BianorPaulino, Falves Silva e J.Medeiros, que no entanto não lançaram manifesto assinado coletivamente, e sim apenas textos individuais de Avelino de Araujo e J. Medeiros, de explicação dos novos repertórios poéticos, publicados no livrinho

ANCHIETA FERNANDE é escritor e pesquisador, autor de "Por uma Vanguarda Nordestina" e outros lívros.

Carta de um desterrado:

Oswaldo Lamartine a Hélio Galvão

Humberto Hermenegildo de Araújo

Dentre os gêneros discursivos, a carta tem ocupado um papel relevante nos estudos literários e culturais, por revelar aspectos que nem sempre são registrados nos textos exclusivamente poéticos e ficcionais e que, não obstante, mostram-se essenciais à compreensão dos leitores. Revelam-se, no gênero epistolar, elementos que podem servir à construção de uma narrativa historiográfica, seja no que diz respeito à conformação dos chamados movimentos literários, seja no que se refere à vida literária e cultural de uma comunidade, ou mesmo quanto à biografia dos escritores. Graças aos documentos epistolares, dentre outros elementos considerados marginais ao texto, os estudos literários ampliam o seu campo de visão sobre o fenômeno artístico que singulariza a área das letras e superam metodologias que, em nome da ciência, restringiram por muito tempo interpretações integradoras de todo um complexo de relações vinculadas aos sentidos que se vão agregando, com novas leituras, ao resultado de uma composição escrita.

No Brasil, destaca-se o conjunto da correspondência de Mário de Andrade, por ter sido ele um dos mais importantes líderes do modernismo, movimento decisivo da cultura no século XX, sobretudo pela abrangência do movimento e das relações estabelecidas pelo autor de *Macunaíma* com boa parte da intelectualidade brasileira do seu tempo. Dentre os seus correspondentes, para nós do Rio Grande do Norte interessa muito a figura de Luís da Câmara Cascudo, pelos mesmos motivos.

Com tais peculiaridades, cria-se uma rede de interesses em torno da pesquisa dos documentos que deram suporte ao que podemos chamar hoje de narrativa da inteligência brasileira do século XX. Neste sentido, a investigação estritamente crítica se amplia e a análise dos documentos ganha novas lentes, sem que a visão do que é específico fique empobrecida ou relegada a segundo plano.

Nessa rede de interesses, a personagem Câmara Cascudo lidera, como de costume, o foco das lentes sobre a correspondência no âmbito do Rio Grande do Norte, inclusive porque o acervo do escritor está preservado graças ao *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo*, que é administrado por sua família. Não cabe, dentro das limitações deste texto, fazer referências à ampla rede de pesquisa que já se formou em torno da correspondência cascudiana, mas o suporte desta publicação – *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras* – é propício a menções a esforços já realizados, por acadêmicos, no que diz respeito à divulgação da referida correspondência e também da "carta" como gênero praticado por nossos conterrâneos, aspecto que aponta para a formação de uma tradição.

Destaca-se, nesses esforços, o registro da correspondência de Adauto Câmara (primeiro ocupante da cadeira n. 1 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras) e, nesse registro, as interessantes notas elaboradas por Raimundo Soares de Brito (*Uma viagem pelo arquivo epistolar de Adauto* Câmara, 1981).

Por critério de antiguidade, é justo mencionar já o conjunto da obra de Nísia Floresta (patrona da cadeira n. 2), tão bem estudada por Constância Lima Duarte, com destaque para *Cartas: Nísia Floresta & Auguste Comte* (Santa Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNIS; Editora Mulheres, 2002). Essa cadeira seria ocupada por Henrique Castriciano, o autor das *"*Cartas holandesas*"*, publicadas em *A República*, entre os anos de 1916 e 1917, e reunidas por Câmara Cascudo em *Nosso amigo Castriciano* (1965). Um dos principais incentivadores de estudos sobre Nísia Floresta, Henrique Castriciano declarou a Adauto Câmara que iniciara uma pesquisa, sobre as missivas da autora de *Opúsculo humanitário*, que revelassem as suas relações com personalidades da escola romântica, concluindo "[...] que se perdeu num naufrágio a sua correspondência com essas grandes figuras". Esta afirmativa é citada por Hélio Galvão no seu discurso de posse da mesma cadeira n. 2, numa demonstração de apreço pelo estudo do gênero. Nesse discurso, qualifica as *"*Cartas holandesas*"* como "notáveis". O novo ocupante dessa cadeira era o autor das *Cartas da praia* (1967), livro que reúne uma série de crônicas publicadas no jornal *Tribuna do Norte*, de grande valor antropológico.

A esta altura, deste breve levantamento, estamos no domínio de um gênero que já não corresponde exatamente ao que poderíamos denominar de prosa extraliterária, mas que se apropria dos formulários disponíveis na tradição das missivas e investe na imaginação para criar um interlocutor que, embora ausente, é potencialmente "todo ouvidos" – um interlocutor que é, em última instância, o leitor da crônica.

Por essa via, são vários os acadêmicos que fingem uma situação para o exercício da escrita a partir do gênero carta, com o objetivo de escrever crônicas. Eloy de Souza (um dos sucessores da cadeira n. 15, autor de *Cartas de um desconhecido*, com edição de 1969), Paulo Bezerra (sucessor da cadeira n. 12, autor dos quatro livros *Cartas dos sertões do Seridó*, coletâneas de crônicas/missivas endereçadas a Woden Madruga na coluna jornalística *Jornal de WM*) e Vicente Serejo (sucessor da cadeira n. 27, autor de *Cartas da Redinha*, de 1984, crônicas originalmente publicadas na coluna jornalística *Cena urbana*).

Sabe-se, também, da existência de todo um acervo de cartas espalhadas nos arquivos particulares dos acadêmicos, a exemplo de Manoel Onofre Jr. (sucessor da cadeira n. 5 e organizador, juntamente com Thiago Gonzaga, da coletânea de cartas *O chamado das letras* (2015) e Diógenes da Cunha Lima (Presidente da Academia e sucessor da cadeira n. 26, guardião de cartas de Veríssimo de Melo).

A versatilidade desse gênero híbrido faz da carta um suporte de variadas intenções autorais, sendo uma delas a tematização do modelo, formulário ou mesmo o simples vocábulo "carta", como motivo de poesia. Em recente publicação (*Cartas para Zila Mamede*, EDUFRN, 2016) os acadêmicos Paulo de Tarso Correia de Melo (prefaciador do livro, sucessor da cadeira n. 11) Diva Cunha (cadeira n. 30) Eulália Duarte Barros (cadeira n. 13) e Nelson Patriota (cadeira n. 8) prestaram homenagens à autora de *Navegos*, por meio de cartas literárias, em projeto coordenado pela poeta Marize Castro.

Certamente, o assunto "carta" é transversal nas atividades de praticamente todos os acadêmicos, seja como tema de criação, seja com o suporte à vida literária que promove a circulação dos textos. Assim, de Auta de Souza a Jarbas Martins (cadeira n. 20), de Afonso Bezerra a Sanderson Negreiros (cadeira n. 40), desenha-se aí todo

um horizonte de pesquisa que poderia, inclusive, ser canalizado para divulgação nesta importante revista da Academia.

Nada mais relevante para manter viva a memória dos nossos representantes intelectuais do que aproveitar as efemérides como ensejo de divulgação daquilo que envolve a produção intelectual dos homenageados, inclusive como forma de suscitar o interesse pela pesquisa continuada. No caso específico deste artigo, o nosso interesse é a divulgação de uma carta, no momento em que se comemora o centenário do acadêmico Hélio Galvão. Trata-se de uma missiva com a data "30/VI/80", enviada por Oswaldo Lamartine (cadeira n. 12), do Rio de Janeiro, ao amigo católico (conforme se depreende pelo assunto tratado).

A carta foi escrita no formulário de um aerograma dos Correios e, portanto, com espaço limitado para o número de caracteres. Em uma única página, são dispostos cinco parágrafos em letra legível. No verso da carta, visualiza-se o traçado para preenchimento dos dados do destinatário e do remetente, bem como as linhas indicando as dobras que dariam o formato ao envelope que foi depositado na agência "Rua do Rosário", com data de 03/07/80, conforme o carimbo bem visível ainda.

Logo abaixo da data (30.VI.80), está escrito: "Chegada do Papa ao Brasil", destaque que confirma a vinculação dos dois missivistas ao universo da religião católica. A este respeito, lembra o acadêmico Padre João Medeiros Filho (cadeira n. 18) no artigo "O pensamento cristão de Hélio Galvão" (*Revista ANRL* n. 48, jul.-set./2016), que o autor das *Cartas da praia* chegou a ser agraciado com a comenda do grau de cavalheiro da Ordem de São Gregório Magno, pelo Papa João XXIII. Quanto ao remetente da carta, o Padre João Medeiros Filho também dá interessante depoimento no vídeo documentário *Oswaldo Lamartine: um príncipe do sertão* (NCCEN/UFRN, 2011), sobre a forma singular daquela personagem se relacionar com a igreja.

Não surpreende, portanto, que o assunto principal da carta em questão seja de conteúdo religioso. O primeiro parágrafo noticia que o remetente "bamburrou", no famoso sebo Livraria São José, três livros de interesse do amigo: *Pastorais* de D. Aquino Correia ("Cartas pastorais" que seriam reunidas na obra *Pastorais*, em 1985, em três

volumes); *Cartas pastorais* de D. Jayme Câmara e *Cartas pastorais* do Arcebispo Metropolitano. No parágrafo seguinte, o missivista esclarece que "Os títulos podem não ser exatamente estes de vez que fiz uma pequena e breve anotação em cima da perna". Tal informação revela a informalidade no trato com o amigo, aspecto que está indiciado desde a primeira linha do documento, que contém a forma da abordagem: simples e direta. "Hélio" é como se nomeia o destinatário, sem qualquer pronome de tratamento que o anteceda, o que denuncia certa proximidade entre os missivistas, sem grau de hierarquização.

Tal proximidade é confirmada no penúltimo parágrafo da carta: "A semana passada escrevi com água na boca pensando na canjica e pamonhas que você jantava...". Essa confirmação, no entanto, abre uma discussão que remete aos vínculos dos interlocutores com a tradição: como o documento é datado, verifica-se que o mês de junho, o "São João", expõe ambos no interior de um conjunto de valores regionalistas. Temos, aí, indícios da adesão de ambos a uma tradição cultural e literária regional. A *canjica* e a *pamonha* simbolizam nordestinidade e solicitam um aprofundamento da discussão que somente será possível com a leitura do conjunto das cartas disponíveis para pesquisa, além da comparação com outros conjuntos (por exemplo, aquelas *De Cascudo para Oswaldo*, organizadas por Vicente Serejo em 2005). Por enquanto, diríamos que interessa à análise não tanto a simples nomeação dos quitutes, mas a expressão que os antecede: "com água na boca", pois a relação que se estabelece é mais emotiva, "estomacal", do que propriamente racional.

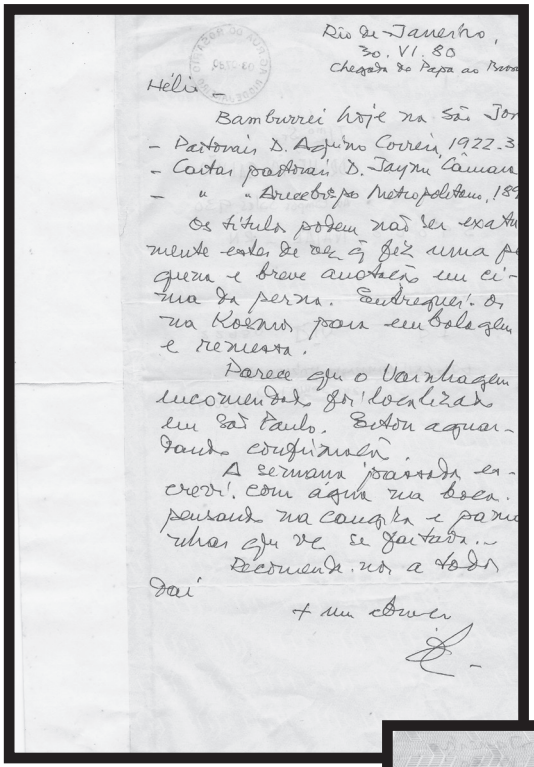
Tratava-se de um remetente que se encontrava distante da sua terra e que fazia questão de manter acesa a chama da identidade. O último parágrafo da carta é significativo, desde este ponto de vista: "Recomende-nos a todos daí". A localização do destinatário denuncia um aspecto que é contrastivo em relação à proximidade identificada no texto: a determinação de que o destinatário é "daí" excluiria o remetente dessa condição? Ele seria "daqui" (do Rio de Janeiro)? Por tudo o que se tem registrado como memória de Oswaldo Lamartine, sabe-se que ele não tinha identificação carioca e a sua biografia demonstra o retorno planejado ao Rio Grande do Norte, na velhice, ficando "aqui" até o momento em que faleceu. No entanto, a espacialidade referida denuncia uma sutileza: o autor da carta revela-se

como "desterrado" (que se desterrou, que foi banido da sua terra; exilado; expatriado), sentimento que ele demonstra, por exemplo, no depoimento ao vídeo documentário referido acima, quando se refere aos anos 1930.

Como comprovação de uma marca dessa condição de indivíduo deslocado do lugar de origem e, portanto, de dissonância em relação ao mundo circundante, um pequeno texto do autor expõe o seu estado emotivo, talvez como desejo de atingir uma relação de identidade com um leitor que, sabia ele, prometia forte teor de proximidade intelectual e até afetiva. Trata-se da dedicatória de um exemplar do livro *De Cascudo para Oswaldo*, nos seguintes termos: "Para o seridoense desterrado, Hermenegildo – estas, as que sobraram do meu ciganismo". Na dedicatória, o autor considera desterrado o leitor nomeado, também um seridoense radicado na capital, ao passo que se apresenta como praticante do "ciganismo", nomadismo parcial, próprio de quem saiu ainda adolescente do seu lugar de origem e perambulou, embora com suporte financeiro e de classe social, por territórios variados do país. Entretanto, a dedicatória aparece como memória: as cartas que sobraram são oferecidas ao leitor no tempo presente. Elas são, já, a narrativa de uma vida.

Destacam-se, ainda, certos detalhes da pequena carta de Oswaldo Lamartine a Hélio Galvão, como a referência à livraria Kosmos e ao desejo de aquisição de um Varnhagen... assuntos que, esperamos, virão à tona com a leitura do bloco de cartas que a família do acadêmico Hélio Galvão preserva no acervo do escritor. Por enquanto, fiquemos com a despedida cordial de Oswaldo Lamartine ao amigo: "+ [mais] um abraço" – e com os agradecimentos a José Arno Galvão (*in memoriam*) e Dácio Galvão, que cederam gentilmente esta carta para leitura.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é professor aposentado da UFRN, poeta e escritor. Autor de "O Lirismo nos Quintais Pobres", "Leituras Sobre Câmara Cascudo" e vários outros livros.



Rio de Janeiro,
30. VI. 80
Chegada do Papa ao Brasil

Hélio –

Bamburrei hoje na sã Jo
– Pastorais D. Aquino Correa, 1922-3
– Cartas pastorais D. Jayme Câmara
– " " Arcebispo Metropolitano, 19

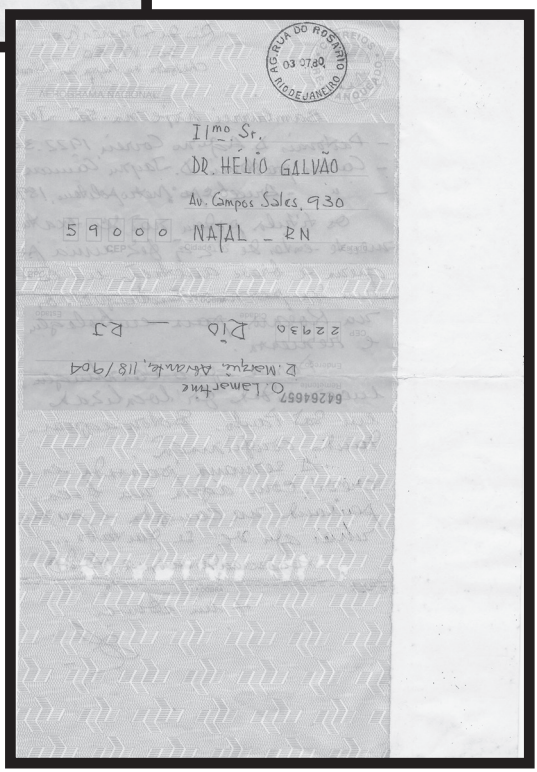
Os títulos podem não ser exa
mente estes, de cor. Já fiz uma p
queira e breve anotação em ci
ma da perna. Endereçei-os
na Kosmos para embolsar
e remessa.

Parece que o Varnhagen
recomendado foi localizado
em sã Paulo. Estou aguar
dando confirmação.

A semana passada en
crodi com água na boca.
passando na compota e pa
ruas que se fantasia.

Recomendo-nos a todos
daí

+ um abraço

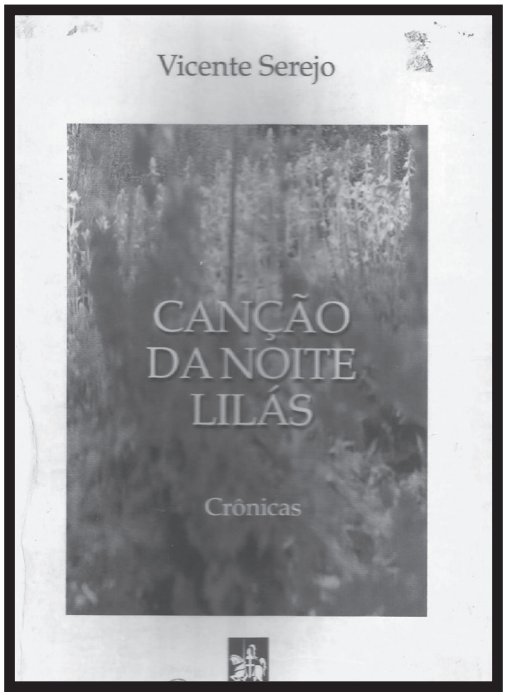


AG. RUA DO ROSÁRIO
03 07802
RIO DE JANEIRO

Ilmo Sr.
DR. HÉLIO GALVÃO
Av. Campos Sales, 930
59000 NATAL – RN

64264657 O. Lamartine
R. Marquês Abrantes, 118/904
22930 RIO – RJ

Vicente Serejo


Vicente Serejo
CANÇÃO DA NOITE LILÁS
Crônicas

Cartas da Redinha
VICENTE SEREJO

Vicente Serejo:

A crônica e a poesia do cotidiano

Thiago Gonzaga

Vicente Serejo é um dos bons cronistas que o Rio Grande do Norte doou ao Brasil, e já faz parte do cânone literário potiguar, inclusive está na antologia Literatura do Rio Grande do Norte, de Diva Cunha e Constância Lima Duarte. Macauense de nascimento, Serejo dedica-se há mais de quarenta anos ao jornalismo político e cultural, contribuindo, de modo singular, para a nossa literatura através de textos nitidamente poéticos. Em 1982, o escritor publicou pela Editora Universitária uma coletânea de crônicas, cujo título – *Cena Urbana* – era o mesmo com que assinava coluna no jornal "Diário de Natal", então, um dos principais órgãos da imprensa natalense. De forma criativa e inovadora, a obra apresenta textos curtos que versam sobre diversos temas com que nos deparamos, por vezes, no dia-a-dia, e que, de certa maneira revelam o que somos, além de outras temáticas. O livro está completando trinta e quatro anos do seu lançamento.

Vicente Alberto Serejo Gomes nasceu (em 1951) e se criou na terra das salinas, estudou no Atheneu Norte-rio-grandense, graduou-se em Jornalismo pela UFRN, foi professor do curso de Comunicação Social na mesma universidade. Trabalhou em alguns dos mais importantes jornais do Rio Grande do Norte, como repórter, editor, chefe de reportagem, editor geral e diretor comercial. Dois anos depois de lançar *Cena Urbana*, publicou *Cartas da Redinha* (1984), um dos livros de crônicas mais bonitos já surgidos no Estado. Em 2000 reuniu novas crônicas no livro *Canção da Noite Lilás.* Atualmente, escreve para o "Novo Jornal", de Natal. É membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, onde ocupa a cadeira Nº27.

Em vários textos, produtos da sua faina jornalística, o autor reflete, critica, questiona, faz revelações, deixa vir à tona detalhes da vida cotidiana, cultural e política da província. A partir da observa-

ção de fatos rotineiros, ele expõe, com engenho e arte, a dor, a alegria, o desejo, a negação, os problemas sociais e conflitos humanos, em todas as esferas, a tradição, a ruptura, sempre com sensibilidade e um olhar poético em sua prosa repleta de lirismo.

Vejamos um exemplo do livro *Cena Urbana*:

"Luíza"

Ontem, à tarde quando trafegava pela rua Antônio Basílio em direção ao morro onde imagino ter o meu território livre, olhei para cima e avistei, na parte das areias brancas do morro, um nome de mulher, escrito com galhos secos, grandes letras como um anúncio comercial voltado para a cidade : LUÍZA.

Ao lado de LUIZA, ali em forma de gravetos, estava a figura de um homem que, mesmo a distancia não permitindo fixar sua fisionomia, devia ser um homem comum, sem os grandes méritos que a cidade exige, mas certamente com os mesmos problemas existenciais, a mesma necessidade de fuga e de solidariedade.

Que mensagem era aquela que estava escrita no morro, nas areias brancas onde a vegetação já não nasce? O que queria dizer aquele nome de mulher? Seria LUIZA a grande paixão daquele homem? Ou seria a mulher dos seus sonhos, a mulher ideal que ainda não existe no morro, mas que bem poderia existir para beijá-lo?

(...)

A sensibilidade poética do autor ganha realce na crônica "Luíza", demonstrando empatia a fatos, muitas vezes, despercebidos, muitas vezes não considerados importantes. Um tema aparentemente banal é narrado pelo cronista com muito lirismo.

Atualmente a crônica já se estabeleceu enquanto gênero literário no âmbito das academias. Contudo, nem sempre foi assim. Para o pesquisador Luiz Carlos Santos Simon, Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a crônica foi um dos gêneros mais cultivados no século XX e ironicamente um dos mais subestimados pelos estudos literários no mesmo período. No entanto, com a predileção que grandes intelectuais manifestaram por esse gêne-

ro, o quadro começou a mudar e, de texto genuinamente jornalístico, a crônica constituiu-se então, literatura, com L maiúsculo.

Nesse trajeto, o pesquisador constata que, no Brasil, há uma divisão temporal da crônica: dos anos 40 aos 80, consagra-se a "Geração Rubem Braga", dada a preeminência do escritor capixaba, reconhecidamente, um dos maiores cronistas brasileiros, com ênfase temática no lirismo; dos anos 80 aos atuais, define-se a "Geração Pós-Rubem Braga", caracterizada pelo acréscimo do humor como ingrediente determinante. No Rio Grande do Norte, temos Alex Nascimento e Carlos Fialho, que se destacam com a prevalência dessa característica. Já em relação à estrutura narrativa, a diversificação é bastante acentuada, há crônicas que surgem a partir de diálogos, há crônicas narrativas, outras puramente jornalísticas, e ainda outras semelhantes ao conto, e nascem todas de memórias, de imagens, de fatos corriqueiros, de flagrantes. Na prosa de Vicente Serejo são perceptíveis essas virtudes. Vejamos um exemplo, na crônica a seguir, do livro *Cartas da Redinha*:

Sr. Editor

Faz dias que por aqui não aparece ninguém. Não fosse a presença de Inácio que passou três dias nesta casa, nada mais teria acontecido de bom vindo das bandas daí. Espero para qualquer final de tarde a visita de alguns amigos que prometem chegar com os bolsos cheios de assuntos e as mãos tomadas de jornais.

No domingo passado quem esteve por aqui foi o poeta Ruben G Nunes e veio trazer os originais do seu romance "Gestos Mecânicos", livro premiado duas vezes em 1981. Vou terminando a leitura do livro que tem a dimensão das conversas no Bar do Lourival e das experiências da vida.

(....)

Continuamos sem jornais à venda e se a ausência deles garante a distância crítica das desgraças politicas que acontecem aí, também nos deixa isolados da cidade. Por vezes, principalmente depois do jantar, vem a vontade de olhar os jornais do Rio e São Paulo limitados que estamos aos jornais da televisão.

Adeus deste seu leitor sem jornais.

V.S.

A possibilidade da temática é inspiradora, parece nunca se esgotar quando se trata da crônica de Vicente Serejo. São milhares delas ao longo de mais de quarenta anos de jornal. O livro *Cartas da Redinha* é de um lirismo muito peculiar, sobretudo porque compõe-se de crônicas, em forma de carta, ou seria ao contrário? O livro teve ilustrações de Dorian Gray Caldas, e prefácio do poeta Luís Carlos Guimarães. A capa foi criada por Nei Leandro de Castro, que, curiosamente é autor das capas dos três livros de Serejo. *Cartas da Redinha* foi publicado pela "NossaEditora", do saudoso escritor Pedro Simões Neto.

Voltando a Simon, o texto que qualifica a crônica, no entender deste autor, tem compromisso com o cotidiano, com o tempo presente; liga-se a um fato ou acontecimento relatado em relação ao tempo. Dessa forma, é natural que o cronista venha a se identificar mais com o espaço urbano, pois é nesse âmbito onde quase tudo acontece, e também porque há um vínculo do cronista com o fato ainda "quente", com as matérias de jornal. Todavia, mesmo diante de tantas ofertas temáticas para a produção de crônicas urbanas, o lirismo persiste como componente importante deste gênero, já que o faz propagar-se e perdurar.

Antonio Candido, que dispensa apresentações, supõe que "a crônica não é um gênero maior", mas, depois, complementa com "graças a Deus", para esclarecer que, em sendo um "gênero menor", poderia assim ficar mais perto de nós.

Antes de ser crônica, na concepção atual, a crônica foi folhetim publicado em jornal, quando se tornou bem conhecida e propagada, há uns 150 anos. Autores renomados, como, por exemplo, Machado de Assis, José de Alencar e Lima Barreto contribuíram bastante para a construção da crônica enquanto gênero. Produto de notícias efêmeras, aparentemente despretensiosas, a crônica, como se vê, nutre-se do dia-a-dia, da vida habitual, da pressa dos homens, da linguagem despojada e coloquial, do humor lírico ou amargo, enfim: retira o máximo do mínimo. O professor e crítico literário Afrânio Coutinho, comenta em um dos seus ensaios que o cronista se revela geralmente pela imprensa periódica e nela encontra um dos maiores vínculos de intimidade com seu gênero e que, por conta disto,

muitos críticos do século XX inclinavam-se a acreditar que a crônica não apresentava um caráter durável e permanente, considerando-a frequentemente uma arte menor.

Para outro importante estudioso, Massaud Moisés, "a função do cronista é pretender-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano; desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia", porque senão o cronista se frustra com a efemeridade e fugacidade das notícias de jornais que, "num dia são o colapso, e no outro, o lapso, virando papel para embrulho". É preciso ser mais que repórter; "é salutar que o cronista tenha a veia da imaginação, da fantasia, do humor, da opinião para filtrar o fato cotidiano e, além de inspirar-se nele, torná-lo mais suave e atrativo aos olhos do leitor". Neste sentido, a crônica literária assume a perenidade do livro, e esse é um dos grandes méritos que a literatura norte-rio-grandense tem, já por meio de uma tradição reveladora de grandes cronistas; basta citar alguns do passado, como Adherbal de França, Hélio Galvão, Newton Navarro, Augusto Severo Neto, Berilo Wanderley e Dorian Jorge Freire.

Na seara de Serejo, vejamos outro exemplo, agora do livro *Canção da Noite Lilás*.

"Cajuína"

A noite ficava mais curta e mal-assombrada se era véspera de viagem. As janelas e portas se fechavam mais cedo, mas dentro de casa a vida continuava fervilhando nas veias. Os preparativos acendiam nossas almas meninas e era bom sentir o cheiro da galinha chiando e torrando nas brasas do fogão todo de ferro e a farofa esperar em silêncio sua vez com aquele papel que só as farofas do interior sabem exercer sobre a fome dos simples

Dormíamos mais tarde, bem mais tarde, e isso esticava a noite como num passe de mágica. Mas chegava a um ponto que não era mais admissível para uma família de meninos e meninas bem educados. Era quando caía em nossas almas a ordem para que todos fossem dormir. Não havia luz elétrica. Só a tênue réstia dos candeeiros chegava até nossos quartos como se um florete de luz fugisse para ferir a escuridão do corredor tão comprido.

(...)

O poeta-cronista produz seu texto no ritmo e nos limites da indústria jornalística, limites de tempo para produção, de durabilidade do texto, de espaço nas páginas dos jornais, e de adequação vocabular e temática voltada para seu público alvo. Mas, mesmo sendo uma história contada em limites de tempo e espaço, sobre um determinado tema, seguindo uma certa lógica de produção, a crônica sobrevive ao longo dos anos e está ancorada na impossibilidade de esgotamento da narrativa.

Vicente Serejo está aí para provar o que a arte da crônica pode nos oferecer. Curiosamente, o autor publicou apenas três livros. Pode ainda contribuir muito mais, com esse gênero, para a nossa literatura. Em suma, Vicente Serejo consegue transpor para o papel e para a organização literária, recortes de vida e de história que se transformam em crônicas, verdadeiramente, modelares.

Lirismo, nostalgia, crítica social, humor, ironia, são alguns dos elementos que enlaçam a obra de Serejo. Partindo do contato diário com as ruas, lugares, pessoas, revela-se toda a poesia de um escritor interessado, sobretudo no que apreende empiricamente, e com muita sensibilidade.

THIAGO GONZAGA é pesquisador, especialista em literatura potiguar pela UFRN e mestrando em literatura comparada pela mesma universidade.

Eça de Queiroz e a culinária portuguesa

Manoel Onofre Jr.

Em seu livro "As Amargas, não...", Alvaro Moreyra diz a certa altura:

- "Come-se mal nos livros de Machado de Assis..."

Pois, digo eu: come-se muito bem nos livros de Eça de Queiroz.

Eça, ao que tudo indica, era um gastrônomo de primeira, haja vista a descrição que faz de inúmeras especialidades, sobretudo da cozinha portuguesa, de modo a deixar o leitor com água na boca.

Dia desses, dei-me ao trabalho de selecionar alguns trechos dessa riqueza culinária contida em cinco dos seus romances : "O Crime do Padre Amaro", "O Primo Basílio", "A Cidade e as Serras", "A Relíquia" e "A Capital". Transcrevo-os a seguir, sem maiores pretensões.

Bom apetite, leitor.

I

Em "O Crime do Padre Amaro", o personagem Cônego Dias, referindo-se aos dons culinários de sua outonal amada, a S. Joaneira, afirma:

"Não há dia que me não mande o seu presente. É o covilhete de geléia, é o pratinho de arroz-doce, é a bela morcela de Arouca! Ontem me mandou ela uma torta de maçã. Ora, havia de você ver aquilo! A maçã parecia um creme! Até a mana Josefa disse: "Está tão boa que parece que foi cozida em água benta."

Morcela, diga-se de passagem, é uma espécie de embutido à base de sangue de porco; tinha fama a que era feita na cidade de Arouca, situada na região das Beiras, Portugal.

-o-

No primeiro jantar do Padre Amaro em casa da S. Joaneira:

"Da terrina subia o vapor cheiroso do caldo, e na larga travessa a galinha gorda, afogada num arroz húmido e branco, rodeada de nacos de bom paio, tinha uma aparência suculenta de prato morgado."

Num sarau em casa da S. Joaneira, os convivas tomam chá e se deliciam com torradas:

"Vai um docinho, senhor pároco? – disse Amélia, apresentando-lhe o prato. – São da Encarnação. Muito fresquinhos.

- Obrigado.

- Aquele ali. É toucinho do céu."

"Encarnação" deve ser o nome de algum convento. Toucinho do céu: um dos mais apreciados doces conventuais, feito com gemas de ovos, amêndoas e açúcar.

-o-

"Por esse tempo o senhor chantre, uma manhã, depois do seu almoço de açorda, caiu de repente morto com uma apoplexia."

Açorda, prato tradicional da cozinha portuguesa, é um caldo engrossado com miolo de pão, em que entram, como temperos, alho, coentro e azeite.

-o-

"O abade da Cortegaça, "passava por ser o melhor cozinheiro da diocese". Todo o clero das vizinhanças conhecia a sua famosa "cabidela de caça". (...)" Vivia tão absorvido pela sua "arte" que lhe acontecia, nos sermões de domingo, dar aos fiéis ajoelhados para receberem a palavra de Deus, conselhos sobre o bacalhau guisado ou sobre os condimentos do sarrabulho."

Sarrabulho: ensopado feito com o sangue coagulado do porco, carne, fígado, banha e condimentos, especialmente cominho.

-o-

Padre Amaro, Cônego Dias, Padre Natário e outros da roda de conversa discutiam assuntos de religião.

"Mas a Gertrudes entrava com a larga travessa de arroz-doce.

- Não falemos nessas coisas, não falemos nessas coisas – disse logo prudentemente o abade. – Viemos ao arrozinho. Gertrudes, dá cá a garrafinha do Porto!"

Porto, vinho do Porto, o mais famoso vinho de Portugal. A elaboração deste precioso néctar segue processo *sui generis*: ao mosto (suco fermentado) de uvas selecionadas do Vale do Douro adiciona-se aguardente vínica, que suspende a fermentação, aumentando o teor alcoólico e conservando o açúcar da uva. Há comumente três qualidades de vinho do porto: **ruby**, encorpado e frutado, de coloração vermelha; **tawny,** menos doce e mais leve; **branco,** de dois tipos: seco e doce. Servido após as refeições, como digestivo, o vinho do Porto também é muito apreciado como aperitivo, especialmente o branco. À mesa, acompanha queijos, doces, etc.

II

Em "A Cidade e as Serras", romance da sua última fase, tido e havido como obra-prima, Eça reconcilia-se com Portugal. Até então toda a sua obra de ficção, retratando a sociedade portuguesa da sua época, tinha o espírito do *ridendo castigat mores*. Com "A Cidade e as Serras" ele muda, transforma-se; já não é o ironista ferrenho, o crítico social implacável, mas reencontra, desarmado, sua terra e sua gente, e exalta os seus valores, inclusive a culinária típica.

O personagem/narrador, Zé Fernandes, diz a certa altura:

"Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa!"

No palacete do amigo Jacinto, em Paris:

"...chegou a hora das luzes e do jantar. Eu encomendara pelo Grilo ao nosso magistral cozinheiro uma larga travessa de arroz-doce, com as iniciais de Jacinto e a data ditosa em canela, à moda amável da nossa meiga terra. E o meu Príncipe à mesa, percorrendo

a lâmina de marfim onde no 202 se escreviam os pratos a lápis vermelho, louvou com fervor a ideia patriarcal:

- Arroz-doce! Está escrito com dois "ss", mas não tem dúvida... Excelente lembrança! Há que tempos não como arroz-doce! Desde a morte da avó."

Vivente de Paris, habituado aos luxos e confortos da "civilização", o amigo Jacinto retorna a Portugal em busca de sua terra, a bucólica herdade de Tormes, na região do Baixo Douro: pouco a pouco ele se deixa cativar pela simplicidade da vida campesina.

No primeiro jantar em Tormes:

"Jacinto (...) desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia (...) Estava precioso: tinha fígado e tinha moela; o seu perfume enternecia; três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo."

(.....)

"... e pousou sobre a mesa uma travessa a transbordar de arroz com favas."

Jacinto, entusiasmado, não se contém e diz:

"– Deste arroz com favas nem em Paris, Melchior amigo!"

(.....)

"Diante do louro frango assado no espeto e da salada que ele apetecera na horta, agora temperada com um azeite da serra digno dos lábios de Platão, terminou por bradar: - "divino!"

Jacinto conversando com Zé Fernandes:

"- E também me parece que andamos léguas. Estou derreado. E que fome!

- Tanto melhor, para as trutas, e para o cabrito assado que nos espera.

- Bravo! Quem te cozinha?

- Uma afilhada do Melchior. Mulher sublime! Hás de ver a canja! Hás de ver a cabidela!

(.....)

Com efeito! Horácio dedicaria uma ode àquele cabrito assado num espeto de cerejeira. E com as trutas, e o vinho do Melchior; e a cabidela, em que a sublime anã de olhos tortos pusera inspirações que não são da terra (...)"

-o-

Num jantar em casa de Zé Fernandes, para apresentar Jacinto aos amigos do anfitrião:

"...à mesa, onde os pudins, as travessas de doce de ovos, os antigos vinhos da Madeira e do Porto, na suas pesadas garrafas de cristal lapidado, fundiam com felicidade os seus tons ricos e quentes (...)

"E a sopa, que era de galinha com macarrão, foi comida num tão largo e pesado silêncio que eu, na ânsia de o quebrar, exclamei, ao acaso, sem pensar que me achava em Guiães depois de tanto tempo e em minha própria casa:

- Deliciosa, esta sopa!

Jacinto ecoou:

- Divina!"

(.....)

"Eu, sempre na ânsia de espiritualizar o banquete, de produzir conversação, ataquei com desabrida alegria a Sra. D. Luiza por ela assim defender a profanação do nosso grande acepipe nacional!" (o arroz-doce).

(.....)

"...no desabado daquele silêncio cerimonioso, que viera pesando cada vez mais desde a sopa até aos frangos guisados."

(.....)

"Todos os olhares se desviaram para o meu Jacinto, que se servia de ervilhas (...)"

(.....)

"...todos (...) se lançaram nas conversinhas discretas, a que o champanhe, agora, depois do assado, dava mais viveza."

Terminado o banquete, com os convivas já na sala de visitas:

"...a tia Vivência apressara o chá, que o Manuel, seguido pela Gertrudes, com a bandeja de bolos, já começava a servir às senhoras."

III

O "grande acepipe nacional" também aparece no romance "A Relíquia", duas vezes servido em jantares na casa da sra. D. Patrocínio das Neves, a titi do Raposo, o personagem principal:

"A Vicência ofereceu o arroz-doce. Nós rezamos as graças."

"Longas horas nos detivemos à mesa – onde a travessa de arroz-doce ostentava as minhas iniciais, debaixo de um coração e de uma cruz, desenhadas a canela pela titi."

IV

A trama do romance "O Primo Basílio" é um caso de adultério: Luisa trai o marido Jorge, tornando-se amante do primo Basílio. Dois outros personagens, embora secundários, ganharam relevo – a criada Juliana e o conselheiro Acácio – magistralmente caracterizados. Obra realista por excelência, "O Primo Basílio" figura ao lado de "Os Maias" e "A Cidade e as Serras", como um dos melhores romances de Eça.

No chá em casa de Jorge e Luísa, a criada

"Juliana pousava sobre a mesa o prato das fatias, os biscoitos de Oeiras, os bolos do Cocó."

Leopoldina (a dissoluta amiga de Luísa)

"Tinha de se ir já! Fazia-se tarde, senão o outro (o marido) punha-se à mesa. Tinha um ruivo assado para o jantar. E peixe frio era a coisa mais estúpida!"

Leopoldina, em casa de Luísa, ao jantar:

"E como Juliana (a criada) entrava com o bacalhau assado, fez-lhe uma ovação:

- Bravo! Está soberbo!

‘Tocou-lhe com a ponta do dedo, gulosa; vinha louro, um pouco tostado, abrindo em lascas.

- Tu verás – dizia ela. – Não te tentas? Fazes mal!

Teve então um movimento decidido de bravura, disse:

- Traga-me um alho, senhora Juliana! Traga-me um bom alho!”

O bacalhau parece ser o prato número um da culinária portuguesa. Preparado de várias maneiras – à Gomes Sá, com rodelas de batata ou à lagareiro, regado de azeite, por exemplo – come-se muito bacalhau em Portugal.

-o-

O Conselheiro Acácio talvez seja o mais famoso personagem criado por Eça: tornou-se, com o passar do tempo, uma espécie de estereótipo: quando se quer designar pessoa medíocre, conservadora e formalista, de retórica oca, cita-se o conselheiro Acácio. Num jantar em casa dele:

“...o Alves Coutinho extasiou-se sobre a abundância das travessas de doce; havia creme crestado a ferro de engomar; um prato de ovos queimados, aletria com as iniciais do conselheiro desenhadas a canela.”

(.....)

“As colheres de prata, remexendo devagar a sopa muito quente, agitavam os longos canudos brancos e moles de macarrão.”

E o conselheiro Acácio diz:

“- Pode ir trazendo o cozido, senhora Filomena... – Mas detendo-a, com um gesto grave: - Perdão, com franqueza, preferem o cozido ou o peixe? É um pargo.”

(.....)

“Acácio, aflito, suspendeu o trinchador sobre o paio escarlate (...)”

(.....)

O conselheiro

"Ia fulminar a doutrina ultramontana – mas a senhora Filomena colocou-lhe diante a travessa com a perna de vitela assada."

(.....)

"O Alves Coutinho (...) discutia gulodices. Indicava as especialidades. Para os folhados, o Cocó! Para as natas, o Baltreschi! Para as gelatinas, o largo de São Domingos!"

"O café foi servido na sala."

"E a senhora Adelaide pode trazer os licores – disse à Filomena."

Duas especialidades feitas com natas, muito apreciadas: pastel de Belém e bacalhau com natas. O pastel à base de massa folhada e creme, tem a forma das nossas empadas.

V

O romance "A Capital", obra póstuma, contém apenas três referências à cozinha portuguesa, mas só menciona uma iguaria típica.

O personagem Meirinho planeja o jantar, em que o personagem principal, Artur, terá oportunidade de ler suas criações literárias para algumas das mais influentes personalidades de Lisboa.

"- Uma coisa elegante – dizia – duas sopas, *hors-d'oeuvres*, duas entradas, assado, caça, *entremets*, um jantarzinho para quinze libras..."

"O jantar no Cruz foi triste (...) E Melchior, lúgubre, só repetiu o paio com ervilhas, porque, disse – "era um prato que lhe fazia bem à alma."

"...as raparigas vozeavam também, oferecendo mexilhões e ovos moles de Aveiro."

Gema de ovo e açúcar são os ingredientes dos ovos moles. No romance "Os Maias", diz Eça: É um doce muito célebre, mesmo lá fora. Só o de Aveiro é que tem "chic".

Numerosas confeitarias, no centro da cidade de Aveiro, fabricam e vendem ovos moles, nas duas formas tradicionais: em pequenas barricas, adornadas com ingênuos desenhos, e como recheio de

doces em formatos variados (conchas marinhas, búzios, peixinhos) feitos com massa de hóstia.

-o-

Está visto de relance algo do Eça de Queiroz gastrônomo, apreciador da culinária da sua terra. Voltaremos ao assunto, tendo em mira os romances "A Ilustre Casa de Ramires" e "Os Maias", para uma releitura anotada.

MANOEL ONOFRE JR. é escritor, autor de "Chão dos Simples", "Ficcionistas Potiguares" e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras

O sonho de Stefan Zweig

Daladier Pessoa Cunha Lima

Carlos Heitor Cony consegue a proeza de transmitir, em poucas linhas, muitas ideias claras, com uma escrita de pensamento refinado. Sua ampla cultura favorece essa magia de dizer tanto em tão pequeno espaço, a exemplo das suas crônicas publicadas na Folha de S. Paulo. Há poucos dias, em uma dessas crônicas, Cony relembrou Stefan Zweig (1881-1942) que sonhava com uma condição humana única e solidária, com um mundo no qual as pessoas se movessem de um país para outro sem entraves nem barreiras. Portanto, um total contraste com o atual drama vivido pelas levas de refugiados na Europa.

Fiquei a pensar a respeito desse sonho de Stefan Zweig, de um mundo sem tanta divisão, mais coeso, cooperativo e altruísta. Decidi, então, reler o livro "Autobiografia: o mundo de ontem", o último desse famoso escritor, entre os mais de 50 que deixou como legado imortal para a humanidade, sendo algumas obras-primas. Zweig escreveu esse livro no curto período em que residiu no Brasil, de agosto de 1941 a fevereiro de 1942. Ele e sua segunda esposa, Lotte, mataram-se dentro do bangalô no qual moraram, na rua Gonçalves Dias, 34, na cidade de Petrópolis, RJ, transformado em museu – Casa Stefan Zweig – desde 2006, sob a direção do jornalista Alberto Dines. No prefácio do livro "Autobiografia: o mundo de ontem", Alberto Dines afirma que essas memórias o autor terminou de escrevê-las pouco antes de tomar a dose letal de sedativos. Dines alega que, no geral, os escritores só redigem os prólogos depois do ponto final do conjunto da obra. E chama a atenção para as últimas palavras do prólogo, escrito pelo próprio autor: "Portanto, recordações, falem e escolham no meu lugar, e forneçam ao menos um reflexo da minha vida antes que ela submerja nas trevas!"

Durante vários anos da primeira metade do século passado, Stefan Zweig foi um dos autores mais vendidos e um dos mais famosos escritores do mundo. Em suas memórias, ele diz que alguns títulos seus chegaram a vender mais de 20 mil exemplares em pou-

cos dias. Austríaco, judeu, humanista e pacifista, sentiu de perto os efeitos nocivos das duas grandes guerras do século XX. A primeira – 1914 a 1918 – fez-lhe sofrer pela agressão às suas convicções de pacifista, conforme ele mesmo afirmou: "... parecia-me um anacronismo criminoso no século XX ser treinado para manejar instrumentos assassinos". Na 2ª Grande Guerra, Zweig sofreu muito mais, apesar de vivê-la por menor tempo, pois a sua morte ocorreu em 23 de fevereiro de 1942. Foi vítima do nazismo, por sua condição de austríaco e de judeu, e amargou, pela segunda vez, a dor do ultraje às suas convicções de pacifista e humanista. Ele não entendia que tipo de humanidade era essa, na qual as pessoas tinham de ter provas de pertencerem ao mundo; ele, cosmopolita convicto, que sonhou com um planeta sem fronteiras e sem passaportes, com uma Europa única, tema presente na crônica de Cony, citada no começo deste texto.

A obra em apreço é o canto do cisne de Stefan Zweig, cuja fonte foi tão somente a memória do autor. E ele mesmo assim diz: "... essas minhas recordações escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio. De todo o meu passado, portanto, só tenho comigo o que carrego atrás da testa".

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é médico e professor, Reitor do UNI-RN. Autor de "Retratos da Vida", dentre outros trabalhos.

O que não é, mas finge ser

O diabo na literatura

Antonio Nahud

"Tudo é muito mais misterioso do que se julga, e tudo isso aqui -
Deus, o universo e eu (Satã) - é apenas um recanto mentiroso
da verdade inatingível."
(Fernando Pessoa, "A Hora do Diabo")

Em Guimarães Rosa transparece todo o misticismo do sertão, uma religiosidade quase medieval, baseada apenas nos dois extremos e marcada pelo medo, pelo pavor, em que há até mesmo a preocupação de não invocar o Demo, para que ele não "forme forma", daí o Diabo ser tratado na linguagem rosiana por "o que não existe" ou "o que não é, mas finge ser" e expressões semelhantes. Relendo o mestre Rosa, nasceu a vontade de invocar o Rabudo na história da literatura, apoiando-me nas palavras sábias de William Shakespeare: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa filosofia.". Afinal, ser capaz de considerar afirmações metafísicas denota sabedoria, cautela e intuição. Eu, acredito e não acredito no Senhor do Mal.

O protagonista deste ensaio se chama, em hebraico, Satã, isto é, o Adversário, o Inimigo. Em grego, o Diabo - o Acusador, o Caluniador. Ele é aquele que caiu do céu, como um raio, citado em "Lucas 10:18". Arrastou consigo uma legião de anjos celestes, descrito em "Apocalipse 20:2". As variadas denominações do Anjo Fulminante no meio popular revelam sua natureza dissimulada e camuflada. Conhecido como Semi-hazad, Azazel, Belial, Asmodeu (hebreus); o Eblis (muçulmano); The Old Man (Escócia); o Macaco de Deus (Idade Média); o Maligno, o Maldito, o Inimigo, o Tentador, o Maldito, o Pai da Mentira, o Príncipe das Trevas, o Cão, o Arrenegado, o Beiçudo, o Azucrim, o Porco, o Sujo, o Tição, o Coxo, o Anhangá, o Rabudo, como é chamado no Brasil.

Tão antigo quanto a própria literatura, Satã é um velho personagem literário, e muitos foram aqueles que registraram os passos claudicantes do Anjo Caído. Pode-se mesmo dizer que é nos tortuosos recônditos da mente humana que Lúcifer (do latim, "o portador da luz") encontra refúgio após sua mítica expulsão das esferas celestiais. E, ao fazer do imaginário dos homens seu pandemônio, passa a inquietá-los com sua enigmática figura, inflamando-lhes o intelecto e, por conseguinte, tornando-se o cerne de discussões travadas não somente em âmbito religioso, mas também filosófico, literário e artístico.

Muitos não partilham da credulidade acerca da existência, poderes e possibilidades do Maligno, conhecido como o primeiro rebelde do cosmos - seguido por Eva, a segunda rebelde, e por Caim, o terceiro. Como antagonista de Deus, foi e continua sendo um expressivo personagem literário, cinematográfico, musical, teatral etc. Talvez seja sua maior estratégia, converter-se em ficção e nos convencer de que não existe, e assim existir eternamente, como afirmou Charles Baudelaire: "O melhor truque do Diabo é nos persuadir que ele não existe". Sobre o tema espinhoso, o poeta britânico C.S. Lewis, definiu lucidamente: "Há dois erros idênticos e opostos nos quais nossa espécie pode cair acerca dos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é nutrir um interesse excessivo e doentio neles. Os próprios diabos ficam igualmente satisfeitos com ambos os erros e saúdam o materialista ou o fanático com o mesmo deleite.".

Quando era muito jovem, antes dos vinte anos, escrevi vários contos com a participação especial do Coisa Ruim, entre eles "Fúria", "Noites de Ninguém", "Disse-me o Demônio", "O Demônio Acossado" e "A Mão do Diabo Está Sobre Mim". Dois deles se perderam. Com o tempo, descobri que o Maldito pode ser encontrado em centenas de volumes. Sua epopeia – ou odisseia - diabólica foi inúmeras vezes revisitada na literatura. Como é bem típico de escritores: creio, logo duvido; não creio, logo questiono. A grandeza tétrica e a tristeza atroz do Diabo foram lembradas em divinos poemas, tragédias vigorosas, romances requintados e peças de teatro de renome.

O jesuíta Martins Terra, em sua obra "Existe o Diabo? Respondem os Teólogos" (1975), esclarece que a existência do Rabudo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio. Sem dúvida alguma é uma verdade de Fide Divina et Catholica pelo Magistério Ordinário da Igreja.

Logo é um dogma de fé."Se você não acredita em Deus, você é ateu, mas se não acredita no Diabo é igualmente ateu, já que a crença nele é um dogma de fé. Portanto, tínhamos os sem–Deus e agora temos o sem-Diabo. Não é sem razão que Jorge Luis Borges considerava a teologia como um gênero similar ao gênero fantástico", opina a escritora brasileira Salma Ferraz.

No século III, o númida Lucius Caecilius Firmianus, conhecido como Lactantius, na obra "Divinae Institutiones" (c. 311), afirmou que Lúcifer teria sido nada menos, nada mais que o irmão do Logos, do Verbo, isto é da Segunda Pessoa da Trindade. O "Inferno", a primeira parte da "Divina Comédia" (1321) de Dante Alighieri, sendo as outras duas o "Purgatório" e o "Paraíso", é descrito com nove círculos de sofrimento localizados dentro da Terra. Dividido em trinta e quatro cantos, a viagem de Dante é uma alegoria através do que é essencialmente o conceito medieval de inferno, guiada pelo poeta romano Virgílio. Os mais variados pintores de todos os tempos reproduziram visualmente esta obra de viés épico e teológico, inclusive Sandro Boticelli, Gustave Dorè e Salvador Dalí.

Em "Belfagor, o Arquidiabo que se Casou" (1549), a prosa envolvente de Nicolau Maquiavel nos conta com humor as desventuras de um Diabo que é mandado à terra para, como humano, verificar o que é o matrimônio. Certa vez, o autor declarou que ao morrer preferia ir parar no inferno, onde poderia se entreter com gente culta e engenhosa, a subir ao temeroso reino dos beatos. Christopher Marlowe e William Shakespeare usaram o Tentador como base para a representação estereotipada dos judeus em "A História Trágica do Doutor Fausto" (1604) e "O Mercador de Veneza" (1597) e dos nativos do Novo Mundo em "A Tempestade" (1611). O espanhol Calderón de la Barca colocou o Tinhoso no seu "Mágico Prodigioso" (1637).

No fim do século XVIII, a reação ao pensamento artístico neoclássico deu forma ao romance gótico fazendo do Diabo um sedutor maléfico. Na França, Jacques Cazotte publicou "O Diabo Apaixonado" (1772) enquanto que, na Inglaterra, M. G. Lewis lançou seu "The Monk" (1796). O romântico Friedrich Schiller fez apologia ao Senhor do Mal em "Bandoleiros" (1781). Alfred de Vigny e Mikhail Lérmontov, em 1840, fizeram de Satã herói de famosos poemas; Goethe, no seu "Fausto" (1808), colocou Mefistófeles como um dos protagonistas da sua história; Giosuè Carducci, agraciado com

o prêmio Nobel, escreveu sobre ele; Giacomo Leopardi lançou um "Hino a Ariman" (1835): "Rei das coisas, autor do Mundo, arcana / Malvadez, sumo poder e suma / Inteligência, eterno / Dador dos males e regulador do movimento"; Victor Hugo lhe consagrou um livro inteiro, "O Fim de Satanás" (1886); Dostoievski o apresentou no seu romance mais famoso, "Os Irmãos Karamazov" (1880); e Ibsen o evocou com o nome de "Grande Curvo" no mais significativo de seus dramas, "Peer Gynt"(1867).

Algumas obras, pelo seu conteúdo blasfemo, poderiam ser reconhecidas como inspiradas pelo espírito satânico. Um desses livros é certamente "Leviathan" (1651), de Thomas Hobbes. Ele conclui que a vida consiste na "guerra de todos contra todos". Em "Matrimônio do Céu e do Inferno" (1790), de William Blake, os provérbios do inferno têm um inconformismo irreverente. Assim como "O Assassínio como Uma das Belas Artes" (1827), de Thomas De Quincey, ou noutro criminoso diabólico retratado em "Caneta, Lápis e Veneno" (1891), de Oscar Wilde. A teoria do mal pelo mal foi exposta, com a costumeira implacável agudeza, por Edgar Allan Poe na célebre narrativa "O Demônio da Perversidade" (1845), no qual é descrita a atração do abismo. Reflexos satânicos podem ser encontrados ainda na obra de Petrus Borel, "Madame Putiphar" (1939). Borel fundou em 1884 um jornal com o título de "Satã".

O demônio que, sendo orgulho de poder é também mediocridade satisfeita, como dizia Gogol, no livro "Testamento" (publicado postumamente em 1762), do abade Jean Meslier, falecido em 1729, é senhor de uma frase macabra que se tornou famosa no tempo da Revolução Francesa: "É preciso estrangular o último padre com as tripas do último rei". A notoriedade do vigário escritor se deve à autoria de um tratado filosófico promovendo o ateísmo, descoberto após sua morte.

O primeiro escritor que repetidamente enunciou a teoria da superioridade do Mal e a beleza da crueldade foi o Marquês de Sade. Talvez a verdadeira substância do sadismo seja o satanismo. Choderlos de Laclos elegeu para protagonista das suas "Ligações Perigosas" (1782), uma dama de têmpera demoníaca, a Marquesa de Marteuil. Também o Julian Sorel de "O Vermelho e o Negro" (1830), de Stendhal, tem reflexos diabólicos no seu sinistro maquiavelismo de ambi-

cioso sem escrúpulos. Em Baudelaire, o intelecto satânico se destaca nas "Flores do Mal" (1857) e em certos frios e cruéis apólogos de "Pequenos Poemas em Prosa" (1869).

Por meio de escritores românticos, o imaginário literário quebrou o monopólio teológico da explicação demonológica para lançá-lo ao mundo onírico do fantástico, do grotesco e do maravilhoso. O mal reaparece na criação de E. T. A. Hoffmann; no romance gótico "Melmoth, o Errabundo" (1820), de Charles Maturin; nos "Cantos de Maldoror" (1869), do poeta Conde de Lautréamont; nos "Contos Cruéis" (1883), de Villiers de L`Isle-Adam; e no burlesco "Ubu Rei" (1896), de Alfred Jarry. No último poema de Arthur Rimbaud, "Uma Estação no Inferno" (1873), ele dialoga sem temor com o Rei do Inferno. Na trilha temática, "O Diabo e Tom Walker" (1824), conto de Washington Irving se inspirou parcialmente no "Fausto"; e "O Diabo e Daniel Webster" (1936), de Stephen Vincent Benét, fala de um fazendeiro azarado que vende sua alma ao Diabo para tornar-se próspero. No devido tempo, a dívida é cobrada. Um eminente advogado é chamado para defendê-lo, e por meio de uma habilidosa série de argumentos, vence a causa contra o Diabo e seu cliente é salvo da perdição.

O italiano Giovanni Papini publicou "O Diabo" em 1953. Inteligente e inusitado, expõe teorias e concepções bastante originais sobre Lúcifer, investigando acerca da sua origem e natureza, da rebelião e seus motivos, especula o "sofrimento" de Deus pela queda de seu anjo dileto, as relações perigosas entre Deus e o Diabo. Segundo Papini, "A criação da obra de arte exige e implica uma certa dose de sensualidade e uma certa dose de orgulho, e envolve por isso uma tal ou qual cumplicidade, nem sempre apercebida, com o Demônio. Um artista que não tenha qualquer familiaridade com o Adversário, seja embora para se esquivar dele e dominá-lo, não pode ser um verdadeiro artista". Fecha seu livro com uma peça – em três atos –, "O Diabo Tentado" (1950), carregada de lirismo.

O católico George Bernanos, que se celebrizou com "Sob o Sol de Satã" (1926), era obcecado pelos íncubos e laços diabólicos, marcando toda a sua obra. Satã brilha no existencialismo de "O Diabo e o Bom Deus" (1951), de Jean-Paul Sartre. Em "Meu Fausto" (1946), além de Mefistófeles, Paul Valéry introduz três repugnantes demô-

nios: Belial, Astaroth e Gungune. O alemão Thomas Mann, autor de "Doutor Fausto" (1947), causou polêmica ao dizer: "Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro, do mais dignificantemente generoso, ficará totalmente inacessível ao influxo de forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar: qual deles não necessitará nunca do fecundador contato com elas?". Mais recentemente, o Arrenegado foi best-seller em "O Bebê de Rosemary" (1967), de Ira Levin.

Na Literatura Portuguesa, Eça de Queirós começa o conto "O Senhor Diabo" (1877) dizendo: "O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma". Ele acredita que o Cão tem nostalgia do céu. Fernando Pessoa escreveu em inglês o enigmático "A Hora do Diabo" (1910), dizendo: "Mas essas chamas lançam, não luz, mas sim treva visível.". José Saramago teve consagração mundial com "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" (1992). Na literatura brasileira, o Cabrunco foi lembrado na peça teatral "Macário" (1852), de Álvares de Azevedo; no Machado de Assis dos contos "A Igreja do Diabo" (1884) e "O Anjo Rafael" (1869); Monteiro Lobato em "Bocatorta" (1921); na peça "O Auto da Compadecida" (1957), de Ariano Suassuna; no romance "As Pelejas de Ojuara" (1985), do potiguar Nei Leandro de Castro; e principalmente em "Grande Sertão: Veredas" (1956), de Guimarães Rosa, onde o demônio não tem corpo, não aparece, não fala. E tanto se faz mais forte quanto o seu silêncio e a sua ausência são presenças persistentes ao longo da narrativa. O escritor mineiro, por meio de Riobaldo, nosso Fausto sertanejo, afirma que "Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele".

Nos contos folclóricos brasileiros, de marcante influência europeia, a presença do diabo é uma constante. Entre eles, "Toca por Pauta", recolhido por Luís da Câmara Cascudo. Abundantes ainda são os exemplos em Literatura de Cordel, como "A Mulher que Enganou o Diabo" (1985), de Manoel D'Almeida Filho, em que a esposa, mais astuta que o demônio, consegue libertar o marido do pacto que este havia feito. Ser de muitas faces, "O-Que-Nunca-Ri", nas palavras de Riobaldo, tem acompanhado a humanidade desde os primórdios, incorporando ao longo dos séculos a tradição católica, além das crenças e divindades de outros povos.

Aquele cujo nome as pessoas preferem não pronunciar foi lembrado por William Shakespeare em "Rei Lear": "O Príncipe das Trevas

é um cavalheiro". E, que os crentes em Deus não se enganem, Ele precisa ser um cavalheiro. Afinal, que méritos haveria se seu adversário, a essência do mal, fosse um mero idiota com chifres e rabo? Sem alardes, Satã é reconhecido não somente como criação literária, mas também como um dos protagonistas da vida real, da nossa história. Nas últimas décadas, a evolução da sua figura mítica deparou-se com a apropriação de suas características pela indústria do entretenimento. O Diabo atual é uma sombra ofuscada daquela figura terrível e devotada do imaginário popular de outros tempos. Desconfio que seja somente mais um disfarce. Sem dúvidas, o Azucrim continua comprando almas e mandando/desmandando no mundo.

FONTES

"Cartas do Diabo ao Seu Aprendiz" (1942)
de C. S. Lewis

"O Diabo" (1953)
de Giovanni Papini

"Dicionário do Folclore Brasileiro" (1954)
de Luís da Câmara Cascudo

"Grande Sertão: Veredas" (1956)
de Guimarães Rosa

"O Diabo – As Percepções do Mal
da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo" (1991)
de Jeffrey Burton Russell

"Dicionário de Símbolos" (1997)
de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant

"Lúcifer – O Diabo na Idade Média" (2003)
de Jeffrey Burton Russell

"Anjos Caídos" (2008)
de Harold Bloom

ANTONIO NAHUD é jornalista, escritor e poeta. Autor de "Confissões" dentre outros livros.

Cascudo em quatro tempos

João da Mata Costa

I – Cascudo e a Xifopagia

A paixão gilbertiana pelo mestre da cultura popular Câmara Cascudo é comovente porque, com conhecimento de causa e leituras criteriosas do vasto e profundo universo cascudiano. Na revista "Caros Amigos" a primeira coisa que leio é o Pequeno Folhetim do Folclore do Gilberto Vasconcellos que acaba de lançar um belo livro, "A questão do Folclore do Brasil do sincretismo à xifopagia" pela EDUFRN no selo da coleção Estudos Norte-Rio-grandenses.

"Tudo que é importante no Brasil vem de Machado de Assis e Euclides da Cunha", concordo. Gilberto visitou Cascudo mouco e veio morar no Nordeste para escrever sobre o seu xará de Apipucos. Escreveu um livro comovente sobre o autor de uma das bíblias da cultura brasileira, Casa Grande & Senzala. O ensaio Xará de Apipucos foi editado pela Casa Amarela e é um hino de amor ao escritor e homem Gilberto Freyre.

Na Revista Caros Amigos a maioria dos artigos de Gilberto falam de Cascudo com uma certa devoção: " Nunca tive em minha vida respeito religioso por ninguém a não ser quando fui visitar Luís da Câmara Cascudo".

Pra falar do seu xará de Apipucos, Gilberto não consegue deixar de falar de Euclides da Cunha e Câmara Cascudo com um tríbio amor intelectual por esses três grandes fazedores da cultura que se complementam numa xifopagia. Gilberto lê Cascudo e destaca o importante conceito da xifopagia encontrado principalmente no livro Sociologia do Açúcar, de 1971.

O negro brasileiro, o santo guerreiro na Bahia, São Jorge esse siegfried católico, converteu-se em Ogum. Citando o pesquisador Roger Bastide, Cascudo constata que não há contradição entre a cruz e a figa, entre a missa e o terreiro, entre o Padre Eterno e Olo-

rum. O homem do candomblé no Brasil vive nos dois mundos sem nenhum problema (G. Vasconcellos p. 35 obra citada).

Mas o que é xifopagia? Consulto o dicionário do folclore de Cascudo e não encontro esse verbete. A xifopagia seria algo assim: uma miscigenação mantendo as individualidades. As etnias Europeias, Americana e Africana se misturaram mantendo sua identidade. Uma mistura sem mistura. Com a palavra meu querido Gilberto de Vasconcellos:

A trajetória do sincretismo à xifopagia detectada na disciplina do folclore com Luís da Câmara Cascudo mostra a influência ibérica predominante na cultura popular, e a inexistência de fusão propriamente dita de santos e orixás nos cultos afro-católicos. Assim, o procedimento sincrético, em termos de crença ritual, é substituído pela urdidura xipofágica em que a mistura não se diferencia do resultado, permanecendo uma estrutura mental com elementos distintos e paralelos. (A Questão do Folclore no Brasil p. 93).

Ler Cascudo é uma delícia. Vasconcellos sabe disso e se apaixonou por seu objeto de estudo. Cascudo é uma enciclopédia que dialoga com os grandes estudiosos da cultura brasileira: Gustavo Barroso, Roger Bastide, Henry Koster, Dante Laytano, Arthur Ramos e Silvio Romero. Todos referenciados pelo grande escritor Gilberto Felisberto Vasconcellos em mais um belo livro. Belo livro. Os cascudianos agradecem.

II – Cascudo Musicólogo

Cascudo vive no coração e mente de todos aqueles que conseguiram penetrar em seu Universo. De sonhos, crendices, superstições, gestos, arte, ciência e música. Cascudo vive em seus livros. Agora, em boa hora, reeditados por uma grande editora, a Global. Na estante, ao lado dos grandes clássicos da humanidade, a cascudiana tem lugar de destaque. Em cima uma jangada convida a navegar por este universo maravilhoso de nós mesmos, onde o passaporte não é necessário. Da cascudiana vou retirando algumas pérolas garimpadas ao longo de toda uma vida. Algumas precisam de restauro e nova encadernação. E o medo de me separar destas relíquias e desaparecer. Eu não resistiria. No mesmo final de semana, na estante da Gazeta Mercantil vejo o informe da reedição dos Contos tradicionais do Brasil. Uma bela edição que irá se juntar a outras cinco da coleção. Leio no Galo matéria muito boa do amigo Roberto Silva — relembrando uma

amizade—, entre dois grandes estudiosos da cultura popular, e que ajudaram a gente a ser mais brasileiro. Sem querer comparar, Almirante — a maior patente do rádio —, construiu um acervo grandioso, vivendo na metrópole e com ajuda das ondas Hertzianas. Através de seus programas educativos e informativos ele, não só transmitia cultura como solicitava dados em todos os cantos do país. Cascudo, vivendo na província, só podia dispor dos livros, amizades e muitas "cartas perguntadeiras". Construiu uma obra gigantesca e única. Agora vou dormir numa tipóia véia verde num canto de muro ouvindo *No tempo de Noel Rosa*, transmitido na voz possante do cantor e locutor Almirante. Parece que estou na década de 1950, quando houve um renascimento da obra de Noel. E que beleza: Cascudo lendo oito vezes o delicioso *No tempo de Noel Rosa*, escrito por Almirante. A cada dia é revelada mais uma nova faceta do musicólogo Cascudo. Toda obra de Cascudo, como toda grande arte e ciência aspira à Música. Antes de dormir olho para uma velha fotografia do Cascudo colocada junto à cascudiana. Sonho colorido com Cascudo . Ele está na sua casa de pijamas verdes e não escuta quase nada. A comunicação não é prejudicada porque ele também nos ensinou que os gestos falam mais que as palavras. A casa estava desarrumada mas transmitia uma grande alegria. Ele me mostra uma aquarela inacabada e me oferta. Eu quase desfaleci de felicidade e agora não sei o que fazer com esta preciosidade. Não sei como preservá-la nem como terminá-la, só sei que não vou deixar descolorir. É assim a obra de um grande escritor. Inacabada e vive para sempre em cada um dos seus leitores. Que belo final de semana. Ao som de uma melodia conhecida: vamos comer, vamos beber, vamos sonhar Cascudo.

III – Cascudo e os clássicos

A obra cascudiana é um arquipélago, pela multiplicidade e pela variedade dos territórios que a integram, diz um de seus grandes leitores e biógrafos, Américo de Oliveira Costa, em "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo".

Cascudo é um adepto fervoroso da longa duração e a Divina Comédia pode chegar à igreja do Senhor Bom Jesus das Dores da Ribeira em Natal, na voz de uma fiel zeladora: "No céu manda Deus e na Igreja manda o Papa…". Nas trinta "Estórias Brasileiras, Cascudo ouve a velha Bibi como uma Scherazade. Como foi isso Bibi? Eu lhe conto… E a "estória" começava. Parece que estamos lendo as

Mil e uma Noites, o Pantchatantra, o Hitopadexa, o Calila e Dimna, o Tuti Namé, Livro de Lucanor, etc. Ler Cascudo é dialogar com a grande literatura universal, matriz da nossa cultura popular.

Miguel de Cervantes, autor do clássico Dom Quixote de la Mancha, é um autor chave na ligação que Cascudo faz entre a idade média e a cultura popular brasileira. Cascudo publicou "Don Quijote no folclore do Brasil" na "Revista de Dialectologia e Tradiciones Populares" (Madrid 1952). Esse texto depois foi incluído no prefácio da melhor edição brasileira do Dom Quixote de la Mancha, publicada pela José Olympio, em várias edições na década de 1950. Miguel de Cervantes também aparece em várias outras obras do Cascudo, tais como Prelúdio e Fuga do Real e Literatura Oral.

Outro grande autor renascentista com quem Cascudo dialoga é Luís de Camões , que escreveu três autos nos moldes da escola vicentina. São eles Anfitriões, El rei Seleuco e Filodemo. Cascudo publicou um pequeno opúsculo com o título "O folk-lore nos autos camoneanos (Depto de Imprensa 1950)". Camões utiliza nesses autos muitas expressões populares, rifões, brincadeiras infantis e costumes populares. Cascudo extraiu e analisou algumas dessas brincadeiras e ditos populares tão ao gosto do século camoniano e vicentino.

Auto chamado dos Anfitriões (1ª ed. 1587):

– *Quem poupa ao inimigo morre às suas mãos.*

– *Patrão vossa boa estrela*

Alusão astrológica à estrela da pessoa na hora do nascimento

– *No alho a mis males culpa*

O alho – escreve Cascudo, possui uma literatura universal e vasta. Seu olor afastava os feitiços e também as amorosas o detestavam. Evitava tempestades e seres sobrenaturais.

No D. Quixote de la Mancha (1605 – 1615), Quixote aconselha Sancho Pança a não comer alho nem cebola para que "o hálito não denuncie a vilania dos teus hábitos" (D. Quixote 2ª parte).

Ainda no Auto dos Anfitriões: – Do perigo fogem os pés / Do diabo o coração.

– Jogais comigo a panela? De metal ou barro, a panela cheia de pólvora, era arremessada ao inimigo.

Auto Chamado Filodemo (1ª ed. 1587)

– Que por muito madrugar/ nam amanhece mais azinha (ed. anotada pelo prof. Marques Braga 1928, utilizado por Cascudo)

Por muito madrugar o sol não sai mais cedo. Azinha significa rápido (depressa), e é uma palavra muito utilizada por Camões e Bocage. Encontramos também essa palavra na poesia do poeta potiguar Lourival Açucena (1827- 1907). Para Açucena, o amor é uma rolinha "leda" e tão "azinha" (Soneto à D. Maria de Melo Azevedo). Leda tem o significado de alegre.

O D. Quixote é um rico manancial de provérbios e rifões bem ao gosto do renascimento de Camões. Excelentíssimo Camões, como dizia Cervantes. O provérbio acima comentado aparece na II parte do Quixote; – Mas vale al que Dios ayuda que al que mucho madruga (mas vale a quem Deus ajuda do que a quem muito madruga).

A paremiologia popular é o conjunto de provérbios, adágios, rifões, etc, e forma a síntese da cultura popular. Muitos desses ditos da sabedoria popular, utilizados por Camões e Cervantes, ainda são muito frequentes no Nordeste brasileiro. – Mais vale bom nome que muita riqueza (D. Quixote). – Sempre ouvi dizer: Quem canta seus males espanta (D. Quixote)

Gil Vicente (1465-1536) considerado o primeiro grande dramaturgo português, escreve: – Quem chora ou canta, fada más espanta. "Parece-me, Sancho, que não há rifão que não seja verdadeiro, porque todos eles contêm sentenças consagradas pela experiência, mãe de todo saber" (Cervantes in D. Quixote).

IV- Cascudo Repórter – "Vá baixar noutro terreiro"

Com essa expressão Câmara Cascudo termina o depoimento dado ao jornalista Jânio Vidal com belas fotos do Argemiro Lima. Artigo publicado em "Cadernos de Comunicação PROAL" de 1977.

No depoimento dado ao Jânio, digno de Cascudo, ele fala do jornalismo cultural, do repórter e outros assuntos correlacionados.

O jornalismo entre nós é recente e foi inspirado nos jornais franceses "Le Figaro" e "Le Matin", criadores da fofoca no jornalismo. Nosso primeiro jornal foi " O Natalense", de 1832. O jornal era instrumento de disputas políticas. No nosso estado, cobria a disputa entre nortistas (liberais) e sulistas (conservadores).

Em 1954- 55, Cascudo realizou uma pesquisa de como se lia um jornal. É uma ilusão pensar que o leitor vai lendo coluna por coluna (sic). O leitor lê o que interessa.

Aí entra o grande Cascudo repórter:

"Eu, por exemplo (desculpe falar assim), andei uma noite inteira a cavalo acompanhando uma ronda do esquadrão de cavalaria. E publiquei a reportagem com o título " Ronda da Noite", que é um quadro de Rembrandt".

Cascudo faz outras reportagens sobre tipos populares, costumes, música do povo, das anedotas. "Ninguém falou de prefeito, governador, roupa de mulher não". Numa reportagem sobre o Passo da Pátria, Cascudo falou do povo, do samba, o que se comia. O que se dançava: tentando dar uma visão movimentar (sic).

Depois Cascudo comenta da sua famosa coluna Brique-a-Brique que durou vinte anos. Das tentativas de jornalismo cultural e das revistas de cultura, todas falidas no Brasil. Fique triste não, Tácito!

O belo artigo termina com uma declaração com todo o molho da verdadeira verve cascudiana. "Eu vi os jornais começarem, por aqui". Não havia moleque em Natal com coragem para apregoar os jornais. Tiveram que trazer dois moleques de Recife para apregoarem "A República".

Acabaram-se os grandes pregoeiros de Natal. Os jornais infelizmente estão em queda livre. As fofocas continuaram. O tempo passou na esquina "e só Carolina não viu"!

JOÃO DA MATA COSTA é professor e escritor, colabora em jornais e blogs com artigos e crônicas.

A correspondência de Jean Mermoz

Roberto da Silva

Ao pressentir que sua morte estava próxima, a Senhora Gabrielle Mermoz expressou seu último desejo: as cartas de Jean a ela enviadas deveriam ser enterradas consigo. Mangaby (de *maman Gaby*), como o aviador Jean Mermoz a chamava, queria repousar em sua última morada com aquelas relíquias, representação sagrada de seu único filho.

Aquele pacote de cartas conservadas com tanto zelo e carinho, impregnadas da alma de tão especial remetente, foi, juntamente com as obras sociais a que se dedicou, cuidando de órfãos da aviação, um lenitivo para a Sra. Mermoz durante os anos em que ela sobreviveu a sua perda. Na condição de piloto do correio aéreo, no exercício da nobre missão de aproximar os homens, o filho transportou cartas além de oceanos e de continentes. Mangaby, uma das personagens essenciais da vida de Jean Mermoz e sua principal correspondente, desejou levar as cartas dele em sua viagem derradeira.

O desejo da Sra. Mermoz foi satisfeito em 1955, no cemitério de Mainbressy, na região das Ardenas, França. Cerca de dezenove anos antes, na manhã de 7 de dezembro de 1936, dois dias antes de festejar seus 35 anos de idade, quando sobrevoava o Atlântico Sul, seu filho desapareceu nas águas do oceano. O "desbravador do céu", um dos principais personagens dessa "gesta moderna" que é a história dos pioneiros da aviação postal francesa, conforme a definição de Joseph Kessel, havia partido de Dacar, na África Ocidental, pilotando o hidroavião Laté 300 *Croix-du-Sud* (*Cruzeiro do Sul*), em direção a Natal, Brasil. Com Mermoz desapareceu sua tripulação: o co-piloto Alexandre Pichodou, 31 anos, o mecânico Jean Lavidalie, 34 anos, o radiotelegrafista Edgar Cruveilher, 37 anos e o navegador Henri Ézan, 32 anos.

Sem a interferência do testamenteiro da Srª Mermoz, Christian Melchior-Bonnet, amigo desse herói e mártir da aviação, aquelas páginas estariam perdidas para a História. Contudo, antes de obedecer ao desejo de tão amorosa mãe, possivelmente com sua aquiescência, ele fotografou ou copiou esses documentos.

Melchior-Bonnet, um erudito, correspondente de Marcel Proust, com uma relevante folha de serviços na imprensa e na edição, foi redator-chefe do jornal em que Jean Mermoz colaborou com regularidade, *Le Flambeau* (*O Archote*), fundado pelo Coronel François de La Rocque, presidente-geral do Partido Social Francês, do qual o piloto foi vice-presidente. Deve-se também a Melchior-Bonnet a reunião dos escritos de Mermoz que compõem a primeira edição do livro *Mes vols* (*Meus voos*), publicado em Paris, pela editora Flammarion, em 1937, com sucessivas reedições ao longo dos anos.

Graças à gentileza de Melchior-Bonnet e de Gilles de La Rocque, filho do Coronel de La Rocque e autor do prefácio de *Mes vols*, cartas, notas e documentos do "paladino do espaço" foram confiados ao pesquisador Bernard Marck, autor de obras como *Il était une foi Mermoz* (*Era uma fé Mermoz*) e *Histoire de l'Aviation* (*História da Aviação*), publicadas, respectivamente, em 1986 e 1997, reeditados em 2001.

Ao longo da elaboração de sua *Histoire de l'Aviation*, Bernard Marck teve o privilégio de manter contato com alguns dos antigos companheiros do *Grande*, forma respeitosa como eles se referiam ao piloto, os quais lhe forneceram informações e documentos. A esses se vieram juntar novas cartas e documentos conservados por Jean Dabry, navegador por ocasião da primeira travessia do Atlântico Sul, a bordo do Laté 28-3 *Comte-de-la Vaulx*, (*Conde de la Vaulx*) em 12 de maio de 1930, quando Mermoz bateu o recorde mundial de distância, em voo direto, com duração de 21 horas e 15 minutos, em hidroavião, entre São Luís do Senegal e Natal; por Gilbert Louis, afilhado de Mermoz, portanto muito próximo da Srª Gabrielle Mermoz, e por Alexandre Couzinet, irmão de René Couzinet, o jovem construtor do Couzinet 70 *Arc-en-Ciel* (*Arco-Íris*), trimotor no qual Mermoz realizou, em 16 de janeiro de 1933, a primeira travessia do Atlântico Sul, em avião terrestre, entre São Luís do Senegal e Natal, em 14 horas e 32 minutos. É interessante assinalar que o próprio René Couzinet integrou a tripulação desse voo.

Depoimentos, confidências e arquivos pessoais de outras figuras, direta ou indiretamente relacionadas com Mermoz, possibilitaram ao historiador Bernard Marck a reconstituição de sua carreira civil e militar, de sua família, de seus amigos e, em sentido mais amplo, de sua

roda e dos acontecimentos nos quais eles todos estiveram envolvidos. Esse acervo, em que se destacam as preciosas cartas do piloto, guardadas por Christian Melchior-Bonnet durante mais de trinta anos, foi reunido e divulgado por Marck no livro *Jean Mermoz: Défricheur du ciel. Correspondance 1923-1936* (*Jean Mermoz: Desbravador do céu. Correspondência 1923-1936*), publicado em 2001, pela editora L'Archipel, de Paris. A obra, além da iconografia, da *Introdução* assinada por Bernard Marck, contém, para melhor compreensão do contexto em que as cartas foram escritas, um texto desse pesquisador precedendo cada conjunto desses documentos concernentes às várias fases da vida de Mermoz e, nos *Anexos*, uma cronologia e a síntese biográfica de seus principais correspondentes, de personalidades ligadas ao piloto e de outras apenas mencionados nas cartas.

O livro de Bernard Marck resgata cento e setenta e oito documentos de Jean Mermoz. A maioria das cartas, cento e dezesseis, é endereçada a Mangaby; aos Gillet, seus avós maternos e pais adotivos, são destinadas trinta e sete; uma ao amigo Henri Fournier, piloto que deixou a aviação ainda muito jovem e se tornou operador da Bolsa de Valores de Paris; duas ao piloto René Jomelli; cinco ao engenheiro em aeronáutica e construtor de aviões René Couzinet; três ao piloto Louis Duclos, seu amigo e compadre; duas ao piloto Henri Guillaumet; uma ao presidente da Câmara de Comércio de Toulouse; uma ao aviador Vsevolod (Vova) Martinoff; duas ao engenheiro belga Paul Chaussette, encarregado de interesses de mineração na América do Sul; uma a Didier Daurat, Diretor de Exploração da Latécoère; uma ao jornalista Jacques Mortane, publicada no *Excelsior* ; uma a Georges Houard, do periódico *Les Ailes*; um artigo para o jornal *Le Flambeau*; uma "Apresentação" de número especial da revista *La Belle France*; um discurso de agradecimento pelas homenagens recebidas por ocasião do primeiro voo direto de São Luís do Senegal a Natal e, por fim, o *Testamento* de Jean Mermoz, lavrado em Natal, Rio Grande do Norte.

Bernard Marck ressalta que a edição por ele organizada, divulgando pela primeira vez a correspondência de Mermoz, embora abundante, não é completa. Em acervos particulares de colecionadores se encontram centenas de cartas, telegramas, cartões-postais de Jean Mermoz, avaliados em milhares de euros, como pude constatar

em um site de venda em leilão de documentos históricos (http://postale.free.fr/plus/mermoz/malle/03/03mermoz_vente_aux_encheres.htm)Todavia, devo lembrar que em *Il était une foi Mermoz,* publicado cinco anos antes de *Défricheur du ciel*, Marck cita trechos de cartas inexplicavelmente não-incluídas nesse volume, entre as quais uma escrita em Natal, onde amerrissara no rio Potengi nove dias antes, e endereçada a Srª Mermoz, em 21-06-1930, com as impressões do aviador sobre a cidade, onde então estava retido por falta de ventos favoráveis para a decolagem do hidroavião *Compte-de-La Vaulx*. Nessa carta, escrita sob domínio da raiva, durante uma das pausas forçadas entre as cinquenta e três tentativas de decolagem, ele confessa a Mangaby ter chorado em razão de sua impotência, à espera de ventos propícios. E acrescenta:

"Arrasto minha tristeza e minha inação nas ruas sujas e monótonas de Natal. Nenhum hotel. Sim, há um somente, repugnante, com quartos em que os telhados não tem forro, onde chove tanto quanto lá fora, camas cheias de pulgas, cupins que demolem as paredes..." (Markc, 1986, p.247).

Essas cartas não inseridas em *Défricheur du ciel* também são mencionadas por Joseph Kessel em sua biografia do piloto, publicada em 1938.

Em seu livro *Mermoz*, Kessel, certamente apoiado em depoimento do biografado, de quem era amigo fraterno, assim descreve a vida dos pilotos naquela ocasião:

"Dias em Natal tão longos, tão vazios e de uma ociosidade funesta para os nervos... A cidadezinha triste e pobre com suas ruas em terra batida e esburacadas, suas casas irregulares e sombrias, a implacável magnificência de sua vegetação, sua população negra miserável, tinha um charme surdo, secreto, nostálgico. Mas para três homens impacientes por ação, loucos para partir, o ambiente era intolerável.

Um único hotel existia, então, em Natal. Os quartos com telhados sem forro, as pulgas fervilhavam nas camas, os cupins roíam as paredes. Mermoz e seus companheiros moravam em uma casa sem móveis, situada bastante longe da cidade. Lá eles armaram suas

redes, fizeram trazer latas de querosene que eram utilizadas como assentos e mesas. Era todo o seu mobiliário. Como bagagens apenas tinham a roupa do corpo. Mermoz mandou lavar seu terno marrom seis vezes. Ele nem pensava mais em sua higiene. Isso pouco lhe importava. Além do mais uma febre lhe tirou o apetite. Ele quase nem mais tocava a estranha comida, preparada por um *boy* brasileiro.

Os três homens arrastavam-se durante todo o dia, semidespidos, em sua casa sonora, falavam pouco, contemplavam displicentemente as buganvílias, as bananeiras que tremulavam no jardim sob o eterno vento sudeste. O mesmo vento da lagoa de Bonfim e que ia lhes ser favorável um dia. Mas, como esse dia estava longe...

Ao anoitecer, os três companheiros subiam em uma velha camioneta americana toda deteriorada e se dirigiam à cidade. Eles examinavam o hidroavião, sentavam-se à mesa de um café cheio de moscas. O farol dos Reis Magos, construído nas antigas ruínas de uma fortaleza portuguesa, se iluminava. Mermoz, Dabry e Gimié retornavam para seu jantar sórdido e suas redes.

A única distração de Mermoz era sua correspondência. A travessia do Atlântico lhe rendia cartas às centenas. Elas vinham de Aubenton, sua comuna natal, do Egito, da Alemanha, da Irlanda, de Toulouse, de San Francisco. Pediam-lhe selos postais, lembranças. Moças lhe suplicavam para levá-las em seu hidroavião. De Miami, ricas americanas telegrafavam-lhe oferecendo-lhe o coração e a fortuna. Mas logo essas mensagens, por sua tolice e sua presunção, pelo desprezo que elas lhe suscitava pela espécie humana, em vez de o distrair, o irritavam. Eles as rasgava sem ler.

E as palhas dos coqueiros balançavam ao vento sudeste e todas as noites o farol dos Reis Magos piscava..."

(Cf. Kessel, *Mermoz.* Paris, Hachette, [1966] p.217-218).

Devo assinalar que no dia seguinte à amerrissagem no rio Potengi, o hidroavião *Comte-de-la-Vaulx* foi deixado sob os cuidados de mecânicos e Mermoz, Dabry e Gimié partiram para Buenos Aires. Ao passarem pelo Recife, Mermoz fez uma visita pessoal e em Montevidéu eles tiveram um encontro com o Sr. Marcel Bouilloux-Lafont, presidente do Conselho de Administração da Aéropostale.

Naquela cidade, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, no retorno a Natal, foram recebidos pelos governos do Uruguai, da Argentina e do Brasil. No Rio, Mermoz tomou o avião postal que transportava semanalmente as malas postais destinadas a embarcar em Natal a bordo de um dos *avisos* do tráfego semanal. No dia 31 de maio eles estavam novamente em Natal e, logo no dia seguinte, Mermoz começou testar o motor, desmontado durante sua ausência. O plano da tripulação do *Comte-de-la-Vaulx* era tentar, no dia 8 de junho de 1930, a primeira travessia no sentido Brasil-África, nunca empreendida. As decolagens, os voos e as amerrissagens foram muito fáceis, o regime do motor satisfatório. O que eles não pressentiram foi a ausência dos ventos favoráveis à decolagem. Após 35 tentativas empreendidas em diferentes pontos do rio Potengi, no dia 11 de junho Mermoz decidiu tomar um avião e procurar uma bacia, um lago, de onde pudesse decolar. Pretendia ir até 250 quilômetros ao sul de Natal nessa busca. A 50 quilômetros localizou a lagoa de Bonfim. Foi de lá que às 16h 30min do dia 8 de julho, depois de outras 18 tentativas, o *Comte-de-la-Vaulx* enfim decolou. Foram necessárias, portanto, 53 tentativas para que isso ocorresse.

(Cf. Marck, *Il était une fois: Mermoz*, Paris, Éditions Jean Picollec, 1986).

Além da carta acima mencionada, Jean Mermoz escreveu quatro outras em Natal, todas para René Couzinet: em 4 e 13 de junho de 1934 e 29 de outubro de 1935. A quarta, embora o missivista não tenha explicitado o local, foi sem dúvida escrita em Natal:

"Fim de julho de 1936

Meu caro René,

Não quero deixar Natal sem lhe enviar algumas palavras de amizade. [...] "

(Marck, 2001, p.371).

Inúmeras cartas, entre as divulgadas por Bernard Marck, não trazem o local em que foram escritas; assim, possivelmente outras também o foram em Natal.

Leiamos três desses documentos, duas cartas e o testamento de Jean Mermoz:

Buenos Aires, 26 de setembro de 1928

Mamãe querida,

Recebi sua carta de Mainbressy, ou melhor, acabo de recebê-la, tendo estado ausente de Buenos Aires durante um mês. Vejo que Você soube de minha viagem à Bolívia. Da Bolívia eu deveria descer para Assunção, capital do Paraguai. Três horas depois de minha partida de Porto Suarez, rompimento do motor causado pela má qualidade do óleo. Consegui pousar em uma clareira no meio de uma floresta de palmeiras, sem nada quebrar, felizmente. Eu tinha como passageiros meu diretor e meu mecânico. Parti em exploração com o primeiro. Após duas horas de caminhada na floresta, com água até os joelhos e plantas acima da cabeça, chegamos a uma *estancia* indígena onde, felizmente, não nos receberam a tiros de fuzil. Tivéssemos ido apenas dez quilômetros mais adentro e cairíamos entre índios saqueadores, abundantes no "*Chaco*" paraguaio. Voltamos ao avião com um carro de bois pré-histórico, carregamo-lo com nossa bagagem e nos dirigimos com um dos índios para um povoado distante vinte e cinco quilômetros dali, à margem do rio Paraguai.

Chegamos quando era noite fechada. Ali, um curtume gerenciado por alemães, protegido por um fortim paraguaio. O comandante do fortim quis nos prender, tomando-nos por espiões bolivianos, vindos de avião; há, de fato, atualmente, quase um estado de guerra entre a Bolívia e o Paraguai. E todos os postos nos haviam assinalado de passagem vindos da Bolívia! Então não queriam ouvir nada, nós parlamentamos, dizendo que somos franceses. O comandante disse que omitíamos nossa verdadeira nacionalidade, tudo isso em espanhol. Felizmente eu falo espanhol agora quase tanto quanto francês. Sem isso, uma vez que o diretor e o mecânico sabem apenas umas duas palavras, estávamos mais ou menos certos de ficar lá durante um bocado de tempo. Enfim, levaram-nos à direção do curtume, onde encontrei um administrador argentino, meu conhecido de Buenos Aires. Ele se responsabilizou por nós e nos deixaram tranquilos. Tomamos um barco com o diretor para Assunção. Cinco dias para fazer trezentos quilômetros. Telegrafamos a Buenos Aires para nos enviarem

um motor e um mecânico. Chegaram três dias depois, transportamos o motor em uma espécie de bateira mista; dessa vez retomei somente com o mecânico essa espécie de tamanco que precisou de sete dias para fazer o trajeto em sentido inverso. Parávamos a cada quinhentos metros para pegar uma carta ou um pacote, transportados por uma piroga vinda de um lugar ribeirinho qualquer. A cada cinquenta quilômetros, uma noite para carregar com lenha, pois não existe carvão. Finalmente chegamos, desembarcamos o motor, transportamo-lo em carro de bois ao lugar da pane e enquanto meus dois mecânicos o montavam, levei durante 5 dias uma vida de caçador. A cavalo todo o dia, revólver à cinta e carabina ao ombro, perambulei como os *peones* da *estancia*, matando papagaios, macacos, caçando onças (tenho delas duas lindas peles) e javali, pescando, comendo caça abatida no local e bebendo água dos fossos, enfim, quase a vida de um herói de Fenimore Cooper! À noite, por exemplo, era devorado por mosquitos, verdadeiras nuvens de pulgões, pois dormíamos ao ar livre.

Montado o motor, lamentei deixar o lugar, afinal agradável, tendo como passageiros extras um javalizinho e papagaios; consegui levantar voo entre plantas e árvores, chegar a Assunção e, depois, a Buenos Aires.

Três dias depois, retornei a Assunção para ir ao Rio, sem escalas. Consegui chegar a Santos, onde tive de pousar, apanhado pela tempestade, e voltei anteontem a Buenos Aires.

Assim, em quarenta dias somente três passei em casa e quantas aventuras ainda! Teria naturalmente de me alongar muito para lhe pormenorizar tudo isso.

Irei ao Chile dentro de alguns dias, em uma viagem de estudos e propaganda para uma nova linha. E em dezembro ou janeiro viajarei para as Antilhas, igualmente em uma viagem de estudos. Gostaríamos de ir até ao Panamá a fim de juntar-nos à linha norte-americana.

Eis como estou atualmente com relação ao meu projeto de voo transatlântico. Eu tinha encontrado aqui mesmo um patrocinador que compraria para mim o avião, pagaria todas as minhas despesas, sob a condição de levá-lo. Proposta séria, uma vez que um contrato tinha sido elaborado. Antes de assiná-lo, comuniquei ao Sr. de Siéyès, representante direto de Bouilloux-Lafont, e lhe pedi autorização. Após consulta entre os três diretores, pediram-me para

não prosseguir com essa ideia, alegando que eu era o pivô da linha!!! na América do Sul, que não queriam me livrar disso e que eu não deveria fazer nada fora da companhia. Contudo, o Sr. de Siéyès me prometeu solicitar ao Sr. Bouilloux-Lafont que ele mesmo me subvencione, seja para Paris-Nova Iorque, seja para Paris-Buenos Aires, sem escala. Desse modo, tem certeza de me conservar e meu reide será uma boa propaganda para a companhia.

Aqui estou. Espera-se uma resposta de Paris que, sem dúvida, parece será favorável! Se for, partirei para a França nos primeiros dias de novembro, para me ocupar da compra do avião, de sua construção, pois tenho modificações pessoais a exigir: para aumentar a segurança no caso de pane. Passarei lá cerca de quinze dias, depois voltarei aqui para ir às Antilhas e, em fevereiro, retornarei novamente à França para o aperfeiçoamento completo e os testes com o avião, de maneira a ser um dos primeiros a partir para a grande aventura, em abril. Tenho em vista dois navegadores para me acompanharem, dois primeiros-tenentes do Exército. Preciso, naturalmente, de apenas um, mas tão logo eu esteja certo da realização do reide, irei ver como estão as coisas junto a Le Brix, que conheci pessoalmente na Mauritânia e que, se não estiver engajado, me dispensará de procurar um melhor.

Veja, mamãezinha, que me aproximo finalmente do objetivo. E se você pudesse pressentir a intuição certa do sucesso que me impulsiona, compartilharia absolutamente da minha confiança. E todas as pessoas, todos os companheiros aqui me dizem e da França me escrevem, que eu devo fazer isso e penso o mesmo.

Acabo de receber também uma medalha de ouro da Câmara de Comércio de Toulouse, pela realização do primeiro correio aéreo América do Sul-França. Quando eu lhe digo que já poderia montar uma joalharia não estou nem um pouco enganado.

E eu lhe falo sempre e sempre de mim, como um inveterado egoísta que sou. Desculpe-me, viu? Você está melhor agora?

Minha mamãezinha muito querida, deixo-a beijando-a com toda a minha alma muito ternamente como a amo.

Seu Jean"

(Marck, 2001, p.292-295).

"Buenos Aires, 14 de novembro de 1928

Meus queridos avós,

Vocês devem estar aborrecidos. Há muito tempo não lhes escrevo. É verdade que agora espero a cada semana o momento de lhes anunciar minha próxima partida para a França. Parece que tudo vai se resolver bem, como eu desejo. Creio que Bouilloux-Lafont, o chefão, vai me subvencionar para Paris-Nova Iorque ou Paris-Rio de Janeiro. Ele já perguntou por qual fábrica eu gostaria de fazê-lo e parece estar interessado seriamente pela coisa. Então, a vida é bela e com o pressentimento imperioso que tenho de ser bem sucedido, espero fazer algo de melhor em breve, pois é preciso sempre fazer o melhor. Agora, tive de prometer reassumir meu lugar de piloto-chefe em Buenos Aires tão logo termine o reide, o que aceitei naturalmente, pois o sucesso não me deixará pretensioso, e há muitas pessoas encantadoras para mim aqui! Terminarei, pois, de qualquer maneira, meus dois anos na América do Sul.

E ficarei tão feliz em ir beijá-los! Já faz um ano que deixei a França: não posso acreditar nisso. O tempo passou rapidamente e há tanto o que fazer aqui! Agora vocês devem ter mau tempo. Faz frio neste ano? Aqui, grande calor neste momento. Estamos no verão agora. No Rio de Janeiro faz um calor de forno. Felizmente, há o mar, a praia. Aqui somos privados disso, o Rio da Prata eternamente amarelo, sujo, não é, absolutamente, acolhedor. Em todo o caso, o ar é bom. Aumentei seis quilos. Estou pesando quase oitenta e sete quilos e, contudo, não sinto ter engordado. Temos sempre nosso apartamento com meus dois amigos. Tudo vai bem. Embora troquemos de empregada a cada quinze dias, mas, enfim, isso é detalhe. De minha parte, recebo convites de todos os lados quase todos os dias para almoçar ou jantar. Então, não percebo muito as evoluções culinárias em casa. Em todo caso, sei que reencontrarei com prazer os coelhos de vovó e a sidra de vovô.

Mamãe me escreveu dizendo ter encontrado alguma coisa para Lulu em Lille, uma colocação realmente interessante.

Espero que vocês não passem sozinhos o Natal e o dia de Ano, em Mainbressy. Ah! se eu apenas chegasse à França por esta época! Que bom *réveillon* faríamos em Lille!

Vocês tem ido à casa da Srª Coqueret? O que Paul está fazendo? Continua no Exército? Se ele é civil, ofereço-me para fazê-lo ingressar como mecânico na companhia. Estou tratando agora de trazer para cá o filho de Max Delty, que fez seu aprendizado em Toulouse, na companhia. Ele ganhará bem sua vida aqui e poderá ajudar os seus.

Nosso tráfego funciona bem neste momento. Oito dias e meio mais ou menos regularmente de Paris a Buenos Aires e vice-versa. Saímos na quarta-feira de Buenos Aires para chegar ao Rio na quinta-feira às quatro horas e, no dia seguinte, o correio está em Natal, de onde embarca imediatamente em um *aviso*. Impulsionamos a construção de hidraviões para deixar a duração do percurso em seis dias, seis dias e meio. Os barcos nos tomam o melhor tempo. Tão logo consigamos um resultado inquestionável, faremos uma grande publicidade. Até aqui, muita gente ainda desconhece a linha. Quando pensamos que na Europa tivemos cinquenta quilos de correio para o Marrocos no começo e que agora são quase quinhentos quilos diariamente, pode-se persuadir do sucesso na América do Sul. Mas quanto esforço foi necessário. Ninguém imaginará jamais o que foi feito de um ano para cá. Agora a segurança é mais ou menos completa. A organização está aperfeiçoada e se aprimora dia a dia. No início, foi preciso suplantar a falta de organização pela proeza e a cada correio, pode-se dizer atualmente, arriscamos nossa vida, a cada passo, para fazê-lo chegar o mais rapidamente possível. Felizmente tivemos um diretor perfeito*. Ele soube recrutar o pessoal e dele ter tudo sem nada exigir! E agora o orgulho que ele tem de nós somente é compensado pelo afeto que temos por ele.

Os alemães falam em concorrer conosco com seus *Zeppelins*, mas eles fogem dos acidentes e das falências, tenho quase certeza. E nós os esperamos! Estamos prontos.

Esperando, convém que eu lhes reitere mais uma vez toda minha felicidade de ir surpreendê-los logo, dessa vez creio que isso não poderá demorar mais de um mês ou dois.

Além do mais, é preciso que eu os abrace ainda à distância, com toda a força de minha profunda afeição.

Mil grandes beijos de seu Jean.

Abracem fortemente por mim a Srª Coqueret."

Marck, 2001, p. 305-307).

*Referência a Didier Daurat.

"TESTAMENTO

A ser entregue à Senhora Mermoz

por intermédio do senhor Daurat,

que dele dará ciência.

Eu, abaixo assinado,

Jean Mermoz,

nascido em 9 de dezembro de 1901 em Aubenton (Aisne), piloto-chefe da Compagnie Générale Aéropostale, com sede social na avenida de Friedland, Paris,

declaro:

que em caso de acidente fatal, sempre passível de me acontecer,

tudo o que me pertence neste mundo, sem exceção, seja entregue integralmente à minha mãe, Gabrielle Mermoz, em solteira Gillet;

e que ela possa dispor e fazer uso de todos os meus bens em espécie, aproximadamente trezentos mil francos, depositados no Crédit Financier Sud-Américain, Reconquista, 250, Buenos Aires, Argentina; de certa quantia em pesos argentinos, em conta-corrente, variando de 15 a 20.000 pesos, na Caisse Industrielle** des grands banques que integram o grupo financeiro do Senhor Bouilloux-Lafont;

e de todas as quantias – ordenados, seguros – que me forem devidas na data do meu falecimento.

Enfim, declaro, e este é meu testamento, que minha última vontade faz de minha mãe, Gabrielle Mermoz, a herdeira direta e única de tudo o que possuo integralmente.

Lavrado em Natal (Brasil)
24 de junho de 1930
Mermoz”

(Marck, p.2001, p. 326-327).
*Trata-se de Didier Daurat.

** Caisse Commerciale et Industrielle de Paris, sociedade fundada por Marcel Bouilloux-Lafont, em 1907.

ROBERTO DA SILVA é professor do IFPB-João Pessoa. É autor de *Ruídos na cristaleira* (1996), *Flama serena* (2005), *Consagração e glória* (2006), entre outros. Tem dois livros em elaboração, a correspondência anotada de Henrique Castriciano a Tobias Monteiro e um ensaio sobre Jean Mermoz.

As ilusões armadas

Autópsia do autoritário Regime Militar (1964/1985)

João Batista Machado

Doze anos depois de publicados os quatro volumes de Ilusões Armadas (2002 – dois livros - 2003 e 2004) editados pela Companhia das Letras, o jornalista e historiador Elio Gaspari concluiu a obra mais completa sobre o autoritário regime militar implantado mediante golpe de estado que derrubou o presidente da República, João Goulart (Jango) em 02 de abril de 1964. O quinto volume, A Ditadura Acabada, lançada este ano, fechou o ciclo do mais completo documentário sobre o regime obscuro implantado pela força das armas.

O presidente recusou-se a autorizar o envio de tropas leais ao governo para deter o comboio golpista que desceu de Minas Gerais com destino ao Rio de janeiro, dia 31 de março de 64, com a finalidade de viabilizar sua deposição, comandado pelo general Mourão Filho. Jango repeliu a permanência no poder à custa de guerra fraticida. Descartou a resistência, apesar dos apelos dos militares que eram leais à sua liderança. No dia 02 de abril seguiu para o exílio no Uruguai. Os militares assumiram o poder e permaneceram por 21 anos até a redemocratização em 1985.

Alguns historiadores e cientistas políticos preferem chamar de ditadura explícita apenas o período compreendido entre 1968/1978 durante vigência do totalitário Ato Institucional nº 5, decretado pelo presidente Costa e Silva, a pretexto de combater focos de luta armada em algumas regiões inóspitas do país. A partir daí surgiram os chamados anos de chumbo quando os opositores ao regime foram perseguidos, presos, torturados e mortos após supressão do Habeas Corpus.

O jornalista Elio Gaspari, ao contrário, denomina todo o período do regime militar de ditadura. E assim batiza os cinco volumes de Ilusões Armadas: Ditadura Envergonhada; Ditadura Derrotada; Ditadura Escancarada; Ditadura Encurralada e Ditadura Acabada. Nem mesmo o período do presidente Castelo Branco (1964/1967),

quando ainda existia uma réstia do sol da liberdade é poupado dos olhares aguçados do exigente historiador, com passagens pelos mais importantes órgãos de comunicação do país.

De posse dos arquivos confidenciais do general Golbery do Couto e Silva, o artífice da abertura política no governo Ernesto Geisel (1974/1979) e do major Heitor Aquino Ferreira, secretário particular da presidência da republica, que lhe confiaram suas memórias, Gaspari pôde reconstituir as duas décadas do regime opressor, além das doze horas de fitas gravadas com o ex- presidente Ernesto Geisel, o avalista da abertura. Com esse material adquirido durante sua vivência jornalística, preservando fontes privilegiadas, escreveu uma obra indispensável a qualquer biblioteca pública ou privada ou a quem pretende conhecer esse período conturbado da história do Brasil, à disposição das novas gerações.

Os fatos mais relevantes de Ilusões Armadas são as denúncias de tortura devidamente comprovadas com nomes dos militares que as praticavam, suas patentes, nomes das unidades a que pertenciam (Exército, Marinha e Aeronáutica) e os locais onde se praticavam tais atos insanos contra vítimas aprisionadas. Ninguém contestou as denúncias contundentes do autor, tais as veracidades das informações contidas nos escritos de Elio Gaspari.

Os livros estão isentos de conteúdo ideológico assegurando narrativa de forma isenta, circunscritos aos fatos narrados como se fossem grandes reportagens oferecidas aos leitores numa linguagem clara e objetiva, típica do jornalismo que dispõe de espaço restrito para ordenar ideias, através de determinadas linhas. Desconheço qualquer trabalho semelhante sobre o regime militar que se compare à obra histórica do jornalista Elio Gaspari.

De Castelo Branco (1964/1967) até a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral em 1985 e a posse do vice, José Sarney, dia 15 de março, em face da cirurgia de emergência a que se submeteu Tancredo Neves. Morreria este no dia 21 de abril. Nascia sob o signo da fatalidade a Nova República sinalizando o ressurgimento da democracia. Elio Gaspari disseca o regime opressor e a divisão dos militares que chegaram ao poder. Uns admitiam a abertura política e outros pregavam a continuidade do regime autoritário.

Os aliados da abertura e partidários da linha dura entraram em confronto e quase atropelaram a caminhada rumo à redemocratização mediante a radicalização de atos insensatos, não fosse a disposição enérgica do presidente Ernesto Geisel punindo o maior responsável pelas mortes do jornalista Wladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho no DOI-CODI (SP). Demitiu o comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila em 19 de janeiro de 1976, substituindo-o pelo general Dilermando Monteiro da sua absoluta confiança.

Os cinco livros de Ilusões Armadas enfatizam com detalhes a disputa dentro do próprio governo entre defensores da abertura e aqueles que se opunham a qualquer tipo de liberalidade. O teste definitivo da abertura se verificaria no feriado de 12 de outubro de 1977, quando o presidente Geisel recebeu em seu gabinete no Palácio do Planalto, de pé, o ministro do Exército, Sylvio Frota:

- Você não merece mais minha confiança. Peça demissão do cargo.

- Não farei isso, respondeu o general.

- Seu cargo me pertence. Então, vou demiti-lo. Assim procedeu o presidente Geisel encerrando o ríspido diálogo.

Naquele momento o presidente correu o risco de ser deposto. Mas seu dispositivo militar neutralizou as forças do exonerado Sylvio Frota. Estava afastada qualquer possibilidade de retrocesso da abertura política. Assumia o ministério do Exército, o general Fernando Bethlem em 14 de março de 1974, identificado com as ideias do presidente.

Na gestão João Figueiredo, bombas no Riocentro e na OAB com vítimas fatais, além de atentados às bancas de jornal no Rio sabotavam a abertura política. Ele teve ainda de engolir a farsa do atentado no Riocentro, dia 30 de abril de 1981. Foi o preço pago pela continuidade da abertura. O governo não deveria contestar as investigações apuradas, embora tendenciosas, com o intuito de encobrir a verdade. O chefe do Gabinete Civil, general Golbery do Couto e Silva pediu demissão por discordar da farsa.

O relatório fajuto do general Job Lorena, designado para apurar o incidente no Riocentro chegou à conclusão de que o capitão ferido e o sargento morto foram vítimas de "elementos subversivos".

Aconteceu justamente o contrário. Os militares tinham sido atingidos pelos próprios artefatos que escondiam no carro. Se as outras bombas tivessem explodido dentro do recinto onde se realizava um show às vésperas do dia do trabalho, teria sido uma grande tragédia.

Segundo Elio Gaspari os principais articuladores da abertura foram o presidente Ernesto Geisel e o chefe da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva na área militar, enfrentando a **tigrada,** como o historiador denomina os integrantes da linha dura responsáveis pelos atentados. Enquanto isso, o articulado presidente do Senado, Petrônio Portela ouvia todos os segmentos da sociedade colhendo sugestões, assegurando a todos eles uma abertura lenta, gradual e segura para evitar atropelos indesejáveis.

Consolidada a abertura política, o país caminhava rumo à redemocratização. Após o Congresso Nacional rejeitar a emenda das Diretas Já em 1984, uma dissidência do partido governista (PDS), denominada Frente Liberal optou pela candidatura do oposicionista Tancredo Neves no Colégio Eleitoral em 1985, rejeitando o candidato do partido governista Paulo Maluf. Este era respaldado pelo sistema vigente, após derrotar na convenção do PDS o concorrente Mário Andreazza. Esse desfecho rachou o bloco situacionista.

Tancredo venceu a eleição indireta por 381 votos a 133 do adversário. Chegava ao fim o autoritarismo que perdurou por 21 anos. Ressurgia no horizonte da pátria o alvorecer da liberdade. Nascia a Nova República sonhada por Tancredo Neves, o presidente eleito que não tomou posse. Uma cirurgia de emergência na região abdominal, mal sucedida, na véspera da posse - 15 de março de 1985 - o levaria à morte dia 21 de abril. Assumiu o vice-presidente José Sarney. Com esse desfecho trágico, o historiador ítalo-brasileiro Elio Gaspari conclui o quinto livro do conjunto da obra Ilusões Armadas.

JOÃO BATISTA MACHADO é Bacharel em Comunicação Social, jornalista, escritor, sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dia 27: Macaíba 139 anos

Valério Mesquita

O ponto alto das comemorações dos 139 anos da emancipação política e administrativa de Macaíba continua sendo o bicentenário de nascimento do seu fundador Fabrício Gomes Pedroza, cujas cinzas foram trasladadas do Rio de Janeiro para a igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição. A vinte e sete de outubro de 1877, pela lei nº 801, Macaíba – que antes se chamava Coité – desmembrou-se de São Gonçalo. Aí amplia-se o período de esplendor comercial do porto de Guarapes que irradiou energia econômica a todos os quadrantes. Monopolizou o sal para o sertão, incentivou a indústria açucareira do vale do Ceará-Mirim, financiou a produção adquirindo as safras das fazendas de algodão, cereais, couros e peles. Fundou a "Casa dos Guarapes" e do alto da colina comandou o seu mundo de transbordamentos, onde tudo era rumor, vida, agitação, atividade.

É nesse vácuo de duzentos anos que reside a minha perplexidade. Um silêncio dominado pelo abandono e a indiferença. Ninguém coloca em cena a coragem de contemplar restituído o universo oculto de Fabrício que fez brilhar o nome de Macaíba dentro e fora do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século dezenove. Não basta, apenas, reprisá-lo com lendas e narrativas, como tivesse sido um mundo de ficção. Melhor que a dispersão da palavra solta é ouvir o eco de suas paredes reerguidas, das vozes trazidas pelo vento, das vidas que não se pulverizaram mas renasceram pelas mãos das novas gerações. Esse universo semidesaparecido, clamo por ele, aqui e agora, afirmando que a melhor imagem de um homem, após a morte, não são as cinzas, mas a obra que legou à posteridade, revivida e restaurada como reconfortante e fiel fotografia de sua história e vida.

Como guerreiro solitário, luto há mais de quinze anos pela restauração dos escombros do empório dos Guarapes. Como membro, àquela época, do Conselho Estadual de Cultura do Estado, consegui o tombamento. De imediato, no desempenho do mandato parlamentar obtive do governo a desapropriação da área adjacente. Batalhei, em alto e bom som, junto aos gestores públicos a elaboração do projeto arquitetônico,

que, até hoje, dormita em armário sonolento da burocracia. Foi uma agitação, apenas, que não se moveu nem comoveu. Saí dos movimentos da superfície oficial, para as janelas da imprensa e outras vozes, em coro uníssono, oraram comigo pelas ruínas da mais reluzente história da economia do Rio Grande do Norte: os Guarapes. Todo esse conjunto de verdades fixas foi ilusão imaginar que a lucidez jamais se disfarçaria em surdez. Como enfrentei e venci no passado, partindo de perspectivas débeis e precárias, óbices quase intransponíveis para a restauração das ruínas do Solar do Ferreiro Torto e da Capela de Cunhaú, sinto que não perdi os laços entre a fragmentação do sonho e a fé incondicional no meu pragmatismo, de que tudo, até aqui, nada foi em vão.

Reproduzir a realidade, tal que se imagina que fosse, o burburinho comercial e empresarial daquele tempo de Fabrício, faz-nos refletir e aprender para ensinar aos jovens de hoje através de exemplos, imagens e ritmos, a saga de que vultos como o dele iniciaram uma figuração, nova, nítida e luminosa, pouco tempo depois, numa Macaíba que começava a nascer com Auta de Souza, Henrique Castriciano, Tavares de Lyra, Augusto Severo, Alberto Maranhão, João Chaves, Octacílio Alecrim e outros que construíram em modelos de vidas o prestigio da terra natal – que não se evapora, nem se desmancha. Essa realidade para mim é tensa e inquieta, porque cabe hoje revivê-la em todos nós. É imperioso que os nossos governantes tracem esboços para uma saída, uma superação, criando-se fendas e passagens, para juntos, todos, respirarmos o oxigênio da convivência com os nossos antepassados. Se todos nós pensarmos assim, com cada palavra significando labareda, lampejo, no centésimo trigésimo nono aniversário, derrubem, pois, os obstáculos que impedem as luzes da memória dos Guarapes refletirem sobre a posteridade. Se assim não agirmos tudo será cinzas.

Até hoje, o que foi feito: a) Projeto técnico de restauração está numa UTI da Fundação José Augusto; b) O Ministério do Turismo destinou quase hum milhão de reais para a largada; c) É preciso que esse projeto chegue em Brasília dentro do prazo além da contrapartida do Estado; d) Que nos Guarapes se erga o Museu do Comércio do Rio Grande do Norte. Viva o 27 de outubro!

VALÉRIO MESQUITA é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de "Notas de Oficio", "Poucas e Boas" e outros livros.

A descoberta do Rio Grande

Iaperi Araújo

Após a expedição comandada por Pedralvares Cabral avistar as terras do novo mundo em 22 de abril de 1500, apressou-se o comandante português em mandar de volta a Lisboa uma nau comandada por Gonçalo Coelho levando documentos e provas de que teria aportado oficialmente num novo mundo.

Preocupado com a ocupação e o domínio da terra, certamente no lado português do Tratado de Tordesilhas, dom Manuel I determinou a ida de uma nova expedição ao mundo novo, levando padrões de pedra para serem fixados como marco do domínio português.

Esta expedição, com três navios partiu de Lisboa em 10 de maio de 1501, sob o comando de Gonçalo Coelho, André Gonçalves e Gaspar de Lemos, tendo como navegador, o florentino Américo Vespucio, indicado pelo banqueiro Bartolomeu Marchionni, interessado nas riquezas daquelas terras.

Após 67 dias de tormentosa travessia do oceano, enfrentando mais de 40 dias de chuvas chegou a esquadra às terras do novo mundo, diante de uma baía de tranquilas águas tépidas, onde fundearam suas naus.

Era o dia 7 de agosto de 1501.

Américo Vespucio apressou-se em calcular a localização da esquadra com seus rústicos e rudimentares instrumentos de navegação. Estavam a cinco graus ao sul do Equador, numa praia hoje chamada de Marcos no limite dos atuais municípios de Pedra Grande e Touros.

Descendo à terra por escaleres, viram os navegantes que do alto das dunas brancas de areia que cercavam aquela baía, alguns nativos os observavam curiosos, dissimulando-se entre a mataria rasteira.

Logo o comandante determinou que fosse fixado na praia o marco de posse português que trouxera em sua nau, com 1,20 metros de altura tendo entalhados a cruz de Cristo e o brasão de armas

de Portugal. Ao lado, foram fixados ainda, quatro tenentes de pedra para favorecer a localização do marco,

Interessado em saber quem eram os nativos que os observavam, determinou o comandante que dois marinheiros voluntários fossem ao encontro dos selvagens ainda escondidos nas dunas, assegurando-lhes que poucos dias depois voltariam para resgatá-los.

Na carta "Mundus novus" datada de 1502 o florentino Américo Vespúcio conta o que aconteceu a seguir:

[...] No sétimo dia, dirigindo-nos outra vez à terra firme, percebemos que aquela gente trouxera consigo mulheres. Assim que chegamos, logo enviaram muitas esposas para falar conosco, embora não estivessem inteiramente seguras a nosso respeito. Percebendo-o, concordamos em enviar até elas um de nossos jovens, que era valente e ágil, e para torná-las menos temerosas, entramos nos navios. Assim que desembarcou, (o marinheiro) misturou-se entre elas, que, circundando-o, tocavam-no e apalpavam-no, maravilhadas por ele; eis que do monte vem uma mulher portando uma grande estaca, aproxima-se do jovem e, pelas costas, deu-lhe tamanho golpe com a estaca que, imediatamente, ele caiu morto ao chão. Num instante, outras mulheres o pegaram e pelos pés arrastaram-no ao monte... Todos em fuga correram de volta ao monte onde estavam as mulheres a esquartejar o jovem que haviam matado, enquanto nós olhávamos em vão, mas não era em vão que nos mostravam os pedaços que, assando num grande fogo que tinham aceso, depois comiam: também os homens, fazendo-nos sinais semelhantes, davam a entender que haviam matado e assim comido outros dois cristãos nossos, e exatamente por isso acreditamos que falavam a verdade.."

A tropa que desembarcara, para demonstrar sinais de amizade havia entrado nos escaleres e ficado a meio caminho da praia e das naus e observava horrorizada as cenas de canibalismo. Os nativos, até então aparentemente pacíficos, atacaram os escaleres com paus, pedras e chuços na maior zoada, ao tempo em que os das naus, observando a gritaria responderam o ataque com alguns tiros de canhão que surpreendentemente não os amedrontavam.

Refeito do susto e aterrorizado com as cenas de canibalismo, o comandante determinou que fossem levantados os ferros e que as naus seguissem na missão navegando para o sul, margeando a costa.

Em 17 de agosto avistaram um cabo geográfico que denominaram cabo de São Roque por ser o dia daquele santo. Na costa pernambucana deram o nome de cabo de Santo Agostinho e desceram toda a costa brasileira até a Patagônia na Argentina.

Por séculos o marco chantado pela expedição de reconhecimento do Brasil ficou esquecido. Os nativos da aldeia moradores da praia, depois de catequizados, vendo no entalhe de pedra a cruz de Cristo do marco, consideraram-no um marco santo. Algumas vezes faziam procissões e festas votivas e reconheciam seus milagres e acendiam velas e colocavam fitas e esculturas de partes do corpo que haviam sido curadas pela fé. Braços, peitos, cabeças e pés.

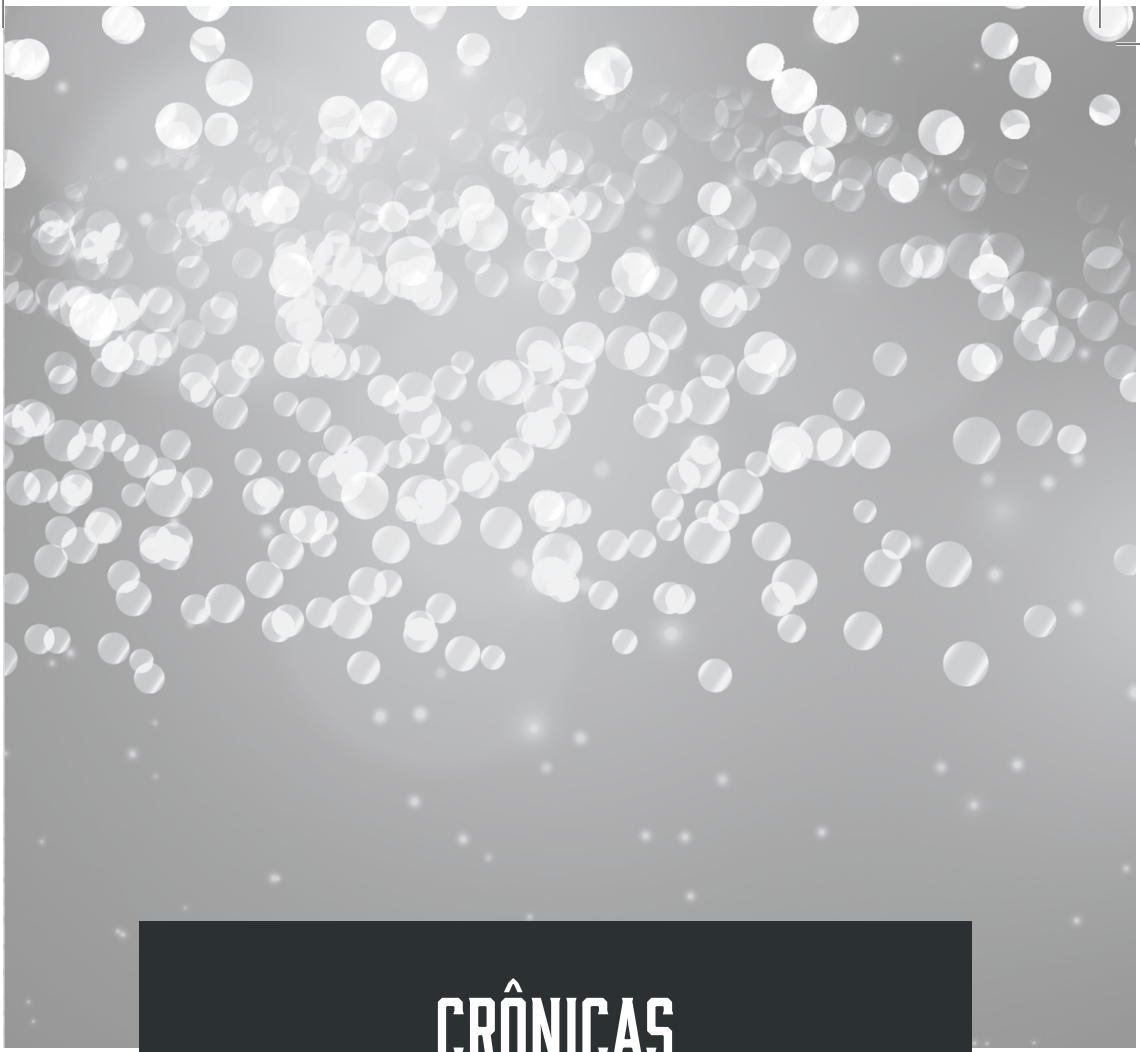
No final do século XIX, o Barão de Studart deu conhecimento ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro da existência do marco, comparando-o com o encontrado na Bahia e o de Cananéia em São Paulo, já descoberto e removido para aquela Instituição, sendo este, chantado no Rio Grande considerado o mais antigo marco de posse do Brasil.

Em 1928 o historiador Luís da Câmara Cascudo esteve no local, fotografou e registrou sua existência.

Em 1976 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional após tombá-lo como patrimônio nacional, removeu-o para a fortaleza dos Reis Magos, deixando no local uma cópia para preservar as tradições populares.

O marco de Touros é o mais antigo registro de posse das terras brasileiras e a data de sua fixação, 7 de agosto de 1501, por intermédio da Lei 7.831 de 30 de maio de 2000 foi considerada como o dia do Rio Grande do Norte.

IAPERI ARAÚJO é médico, escritor e artista. Ocupa uma cadeira da Academia Norte-rio-grandense de Letras e dos Institutos Histórico e Geográfico do RN e Goiás. Presidente do Conselho Estadual de Cultura e Diretor da Fundação José Augusto.



CRÔNICAS

Ele tinha nome de anjo*

Vicente Serejo

Afaste-se tudo quanto nos outros seriam as qualidades raras, porque nele eram todas naturais: a cultura jurídica, o texto impecável, as boas leituras, um jeito boêmio, e o violão. E fiquemos com o que tinha de mais precioso e mais escondido num canto da alma: aquele seu olhar suntuoso sobre a vida. Kerubino era um filósofo que não aceitava ser, de fato, só por teimosia. Achava sua filosofia caseira, tanto que fez questão de titular assim os pequenos ensaios que publicou depois de muita luta.

Nossa amizade nasceu de um acaso. Conhecia Jairo Procópio, seu irmão, à distância, levado pela admiração de Silvino Sinedino, então diretor do Diário de Natal. Um dia, abro o computador, e vejo um bilhete. Era sua filha que desejava, sem ele saber, prestar homenagem ao pai nos setenta anos. Gostei da sua trama carinhosa. Disse o número de linhas para o espaço exato da coluna e no dia combinado lancei o texto. Ele agradeceu num pequeno bilhete, meio emocionado. E ficamos amigos.

Com o tempo, e diante de alguns comentários que fazia, desconfiei: Kerubino não era apenas um grande formulador de argumentações jurídicas. Ia muito além do apenas bem escrito. Juntava idéias que pareciam contraditórias e tinha um estilo incomum de metaforizar as palavras com novos sentidos. Passei a instigá-lo a abrir a gaveta, até que um dia aceitou emprestar um pequeno arrumado de folhas presas numa pasta. Lá estavam vários pequenos ensaios, alguns com algumas poucas linhas.

Começava ali a idéia de reuni-los num livro. Teimou, com aquela sua teimosia risonha, mas dura de vencer. Resistia a duas pressões, ao mesmo tempo. De um lado, Diógenes da Cunha Lima, a quem revelei seus ensaios. Do outro, minhas pequenas traições, aqui na coluna, publicando os textos sem avisá-lo. A resistência durou um tempo, mas acabou sem forças. Fez uma seleção mais rigorosa e o livro saiu com um pequeno prefácio que escrevi e o título perfeito: Ensaios de Filosofia Caseira.

Diógenes queria vê-lo na Academia de Letras, mas nossa luta fracassou. Ironizava a idéia de ser imortal. Não houve jeito. Teimava em ser um homem comum, e não era. Sua coragem pessoal era feita de um destemor sem bravatas. Resistiu, mesmo ferido, a um assalto à sua fazenda, trocando tiros. Sabia contar sem jactância. E tinha uma explicação: sua grande admiração não era a coragem, mas a simplicidade de Jairo, o irmão. Um simples que, para ele, era tocado pela bondade humana.

Vivemos perto nos últimos anos. Uma confraria sem obrigações nos reúne a cada quinta-feira, no almoço: Genibaldo Barros, Haroldo Bezerra, Aécio Emerenciano, Álvaro Alberto, Ivis Bezerra, Daniel, Sávio Hackradt e José Bezerra Marinho. Ficamos sem ele, ali, meio calado. Já não bebia para não assustar o coração. Dizia, aos oitenta anos, que só desejava viver um pouco mais. Aprendi muito com Kerubino sobre os vícios e as virtudes da vida. Ele era de carne e osso, mas tinha nome de anjo.

*Crônica publicada no Novo Jornal, edição de 01 de novembro de 2016

VICENTE SEREJO é jornalista, escritor e professor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de "Cena Urbana", "Cartas da Redinha" e "Canção da Noite Lilás".

O circo chegou!

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Na vida de cada um de nós existe uma história especial envolvendo o Circo, notadamente quando a memória registra a convivência nas cidades do interior, onde as coisas eram postas de forma diferente.

Geralmente eram os Circos Mambembes, onde as lonas eram remendadas e havia permissão para se levar as cadeiras de casa para ter mais conforto.

A duração de uma temporada em uma pequena cidade não passava de 60 dias, haja vista que a população pequena não permitia mais demora e já partiam os empresários para outros lugares a fim de acertar novo contrato e obter as licenças oficiais. Isso era motivo dos famosos anúncios: "últimos dias", "descontos especiais para crianças acompanhadas" etc.

Em alguns casos ocorria o contrário. O circo passava meses (quando os invernos eram mais rigorosos). Nesses casos havia uma maior convivência dos artistas com os moradores do bairro onde estava armado. Gerando uma cumplicidade de amizades, namoricos, prática de esportes, comemorações de aniversários, serenatas e churrascos – tudo efêmero, deixando saudades.

Quando os números artísticos se esgotavam e o circo estava ruim das finanças, vinham os apelos alternativos: encenações de peças dramáticas, dentre as quais "Coração Materno", "A paixão de Cristo"; "Ricardo III"; ainda, Shows de artistas em começo de carreira; apresentação de algum número que detinha a criação de algo diferente, como andar numa bicicleta minúscula ou um grande ilusionista, um mestre do mamulengo, como Chico Daniel.

Em termos locais, algumas peças já eram consagradas, como são exemplos: "Elvira do Ipiranga", "A Farsa do Poder", "A Festa do Rei" e "Pedro Malazarte" – esta que musicada por Danilo Guanais, se transformou na "Ópera Malazarte", espetáculos tantas vezes apresentados no Circo da Luz, patrocinados pela COSERN e sob a supervisão do próprio autor, Racine Santos.

Com o passar do tempo vieram os Circos Catedrais, somente para as grandes cidades, tomando espaços físicos extraordinários, de curta temporada em cada lugar, deixando um rastro de modernidade no mundo cibernético, mas desprovido do sentimento maior que sempre foi o lado forte dos Circos. Apenas um grande espetáculo, ou melhor, um espetáculo "soberbo".

O rádio era então a distração maior, principalmente com a apresentação das suas novelas as quais oportunizavam o devaneio e a criação mental de figuras, lugares, paisagens.

Com o advento da televisão e da internet o tradicional Circo do passado passou a habitar em auditórios e estúdios fechados, muito bem patrocinados, esmagando a "trupe" legítima, que foi obrigada a migrar para animar as festinhas familiares e as convenções profissionais e até os semáforos das cidades grandes.

Mas o circo teria morrido com isso? Creio que não, apesar da falta de apoio do Poder Público e do pouco valor que se lhe dá no Brasil, porque a sua lembrança restará ativa no coração de qualquer criança que teve a grande alegria de conhecê-lo, embora sem o encanto de antes.

Posso afirmar que os Circos contribuíram enormemente para aperfeiçoar o tablado e permitiram a ampliação de conhecimentos das artes e habilidades dos seus figurantes deixando em todos um pedaço de amor verdadeiro e uma eterna saudade!

Esta crônica corresponde à introdução de um livro que estou trabalhando sem maiores pretensões, senão apresentar ao público leitor excelentes gravuras de jovens artistas do desenho, muitos dos quais guardam pouca ou nenhuma lembrança dos circos, posto que de uma geração massificada pela modernidade e invenções. A eles eu destinarei o sucesso da obra. Que fiquem para mim as críticas!

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é advogado, professor e escritor, autor de "O Menino do Poema de Concreto" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Num restaurante em Londres

José Delfino

Aconteceu há exatos trinta e seis anos. Sobrevivíamos na Inglaterra eu, minha mulher e três filhos com os minguados cruzeiros da UFRN, convertidos em Libras Esterlinas . Do bolso lembro bem, da noite também: chovia a cântaros, o frio gelava os ossos. Do local nem tanto, mas recordo uma lareira em brasa , uma mesa retangular, uma toalha alvíssima. Ao redor , um silêncio sepulcral, pois – engraçado - Inglês não fala em restaurante , só nos pubs é que a verborreia desenfreada predomina. Ao nosso lado um garçom de meia idade, educado , meio careca, empertigado, impassível, imune às paixões humanas. Com a garrafa inclinada entre as mãos facilitando a visualização do rótulo, sugeria austero:-" This one I strongly recommend . Expensive, Sir ,but perfect ! Inexperiente , escolado, até então, em inúmeros goles de cachaça "Rainha" de Bananeiras, minha cara de idiota indecisão, possivelmente , o incitou: -" I'm afraid you should try it. By all means, Sir". Sua aparente atitude de superioridade anglo-saxã provocou o meu revide, o que fiz a seguir, sem medir conseqüências. Um cheirinho , de amador , no bordo do cálice e um ligeiro gole. A bem da verdade, a coisa começou muito acima da garganta: vermelho escuro, cheiroso, encorpado, musculoso, como diria o sr. Gilvan Passos. De lombra induzida rápida , lógico , pois começávamos a batalha de estômago vazio. Sorvi lentamente, refreando uma avidez falsamente instintiva. Suave e sedosa, a fera tocou meus lábios, subindo lentamente ao céu da boca. Nele, a felicidade filtrada em doçura juntou-se a um desbragado estalar de língua , seguido de um incompreensível e sonoro " eita , porra ! " , imediatamente equilibrado por um quase imperceptível e educado suspiro de Margot. Acompanhando um carneiro da Nova Zelândia no molho de agrião, detonamos a primeira garrafa. A segunda deveu-se mais àquela sensação enganosa de poder e à ilusão de riqueza que o vinho dá: o prazer aberto ao infinito. O deleite da abundância esbanjada e a desordem financeira subseqüente nos fizeram retornar à original condição de "working class". Por quase um ano só nos

permitimos degustar “plonk” a , mais ou menos , uma libra esterlina, a garrafa de três litros. Foi uma única vez (aliás, duas , se levadas em consideração as garrafas derrubadas), mas valeu. Continuo alimentando o ritual de sabedoria e espera de uma satisfação semelhante que , talvez , não vai mais se repetir. Comparados a ele, os demais até hoje , induzem um prazer menor. Parecem cada vez mais anódinos . Deixam , apenas , a impressão física de um frouxo amolecimento das panturrilhas: Château Rayas, cem por cento uva Grenache, envelhecido. Talvez o melhor e mais requintado Châteauneuf-du-Pape do sul de Rhône. Contei para Elmano, (hoje , um renomado esculápio, liso à época) que parece ter gostado do papo , pois alguns anos após me disse , lá em Ari: “ Comprei o Château Rayas , degustei e concordo , Zedelfino “. Nem me convidou para repetir o feito . De graça , dessa vez. Filho da puta ingrato.

JOSÉ DELFINO é médico, poeta e professor. Autor do livro “A Estação de Ana e outras Estações”, dentre outros.

Cibercondríacos

A nova geração dos hipocondríacos

Maciel Matias

- Tenho uma cunhada hipocondríaca que só pensa em doença, toma remédio desnecessário e vive no médico, queixou-se um amigo.

- Essa história de hipocondríaco é antiga, a novidade agora é cibercondríaco.

- O que é isso? Não conheço esse termo.

- O termo cibercondria é um neologismo, surgiu da união das palavras «cibernética" e "hipocondria". Dentro de critérios bem estabelecidos, a hipocondria como a cibercondria são consideradas como um transtorno psiquiátrico.

- Tem a história de um sujeito que além de hipocondríaco, a mulher lhe passou para trás com o vizinho. Logo que descobriu o caso iniciou uma dor de cabeça constante. Após se auto medicar, resolveu procurar o médico para tirar uma dúvida.

- Doutor, a minha mulher me traiu há uma semana e só surgiu dor de cabeça, ainda não me apareceram os chifres. Será que estou com falta de cálcio?

- Realmente essa é boa. Típico do hipocondríaco.

- Os hipocondríacos do passado evoluíram para as consultas frequentes a internet. Uma busca sobre sintomas, tratamentos, diagnósticos, escolha de profissionais e serviços de saúde. Atualmente, uma oportunidade racional e lógica no mundo moderno. Porém, o acesso obsessivo a internet na procura do sinal da doença que se acredita ter é típico dos cibercondríacos.

O acesso fácil a essas ferramentas acelerou a curiosidade e a psicose dos hipocondríacos, da mesma forma que aumenta o pânico, o risco e a insegurança. Pesquisas internas do Google revelaram que

61% dos americanos adultos buscam informações de saúde através de sua rede. A grande oferta de sites especializados, confiáveis ou não, colabora para o aumento dessa ansiedade.

O fenômeno preocupa a classe médica e os órgãos que assistem à saúde (governos, empresas e seguros-saúde). O aumento nos atendimentos, o custo da assistência e também o incentivo a automedicação é uma realidade.

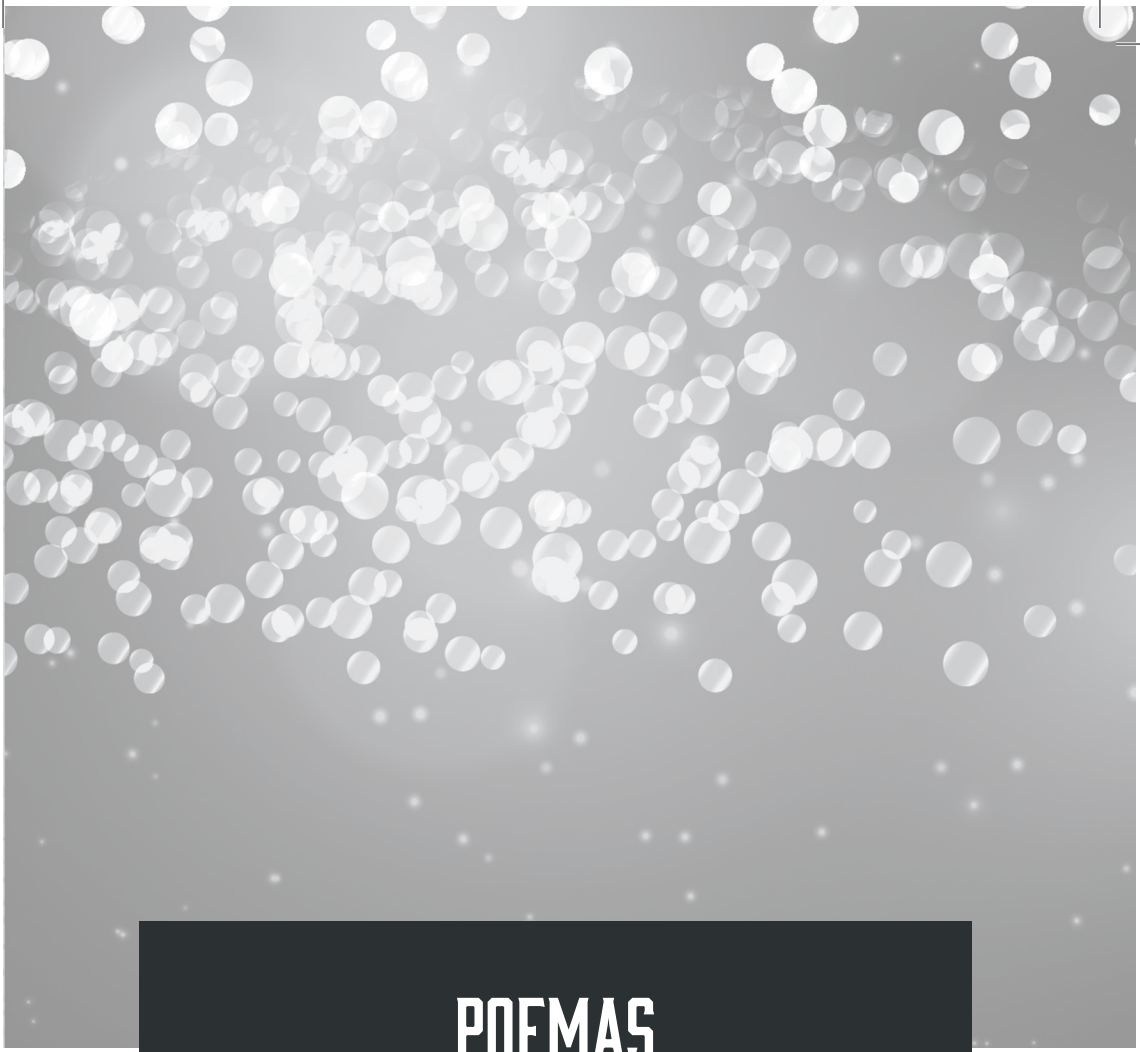
Dor de cabeça será um tumor cerebral? Dor no ombro esquerdo será um infarto agudo? Existe uma tendência a exagerar os sintomas triviais atribuindo-os a doenças graves e incuráveis.

A busca obsessiva por informações médicas na Internet, a tendência em presumir que são doentes só em compartilhar os comentários de outras pessoas, levam aos ataques de ansiedade e pânico.

Nos Estados Unidos, 80% dos usuários da web procuram informações sobre saúde e 36% sobre medicamentos. Fenômeno comum a todo o mundo moderno, onde a maioria acredita nas informações sem avaliar a veracidade e credibilidade das mesmas.

- É, de fato, um problema que necessita do cuidado e da atenção de todos nós.

MACIEL MATIAS é medico e professor. Presidente da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, autor do livro "Bebi Água Benta. E agora?".



POEMAS

A cidade vista do rio

Dorian Gray Caldas

A cidade se avista
de pedra edificada.

Plataformas despontam claras
em suas diversas áreas

Cortes longitudinais
na linha dos beirais,

onde cresce a vegetação
no desenho do portão.

Pedra como convém
a cada um, na solidão comum.

A cidade com seu casario
repete-se dentro do rio.

DORIAN GRAY CALDAS é artista plástico, poeta e escritor, autor de "Os Dias Lentos", "Campo Memória" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Missão

Jarbas Martins

A Juliano Siqueira, companheiro de jornadas político-poéticas, nos tempos revolucionários do Grupo Dés e do CPC da UNE.

Raros, são tristes os poetas.
Com a voz de flâmulas esfarrapadas
indagam- fâmulos do vento –
a missão do homem pelas estradas.

Tristes, são breves os poetas –
com a pontual linguagem dos arqueiros
denunciaram os decretos do horror
e os nodosos dedos tiranos que os assinam

Breves, são pobres os poetas –
por um maço de pão que mal mastigam
ou um gole de vinho e não mais
abrem clareiras na relva da miséria.

Pobres, são ricos os poetas –
com a rara intuição dos diamantes
sinalizam o território da Esperança
no amanhã que a cada dia nasce

JARBAS MARTINS é promotor de Justiça e professor aposentado, poeta, autor de "Contracanto" e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Teorema da pedra

Clauder Arcanjo

Viajar, não viajei.
Errei pelos catetos da pedra,
Para ser enterrado
Na hipotenusa do silêncio.

+++

CLAUDER ARCANJO é escritor e editor, autor de "Licânia", "Novenário de Espinhos" e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras.

Um beco

Elder Heronildes

Um beco sem lama, não é beco
Um beco sem a alma, não tem lama
Um beco que não assombra, não aponta
Um beco que não aponta, não faz sombra
Um beco que não assombra, não tem vida
Um beco que não tem vida, não é beco
Um beco sem a vida não projeta
Um beco que não projeta, não se cria
Um beco que não cria, não produz
Um beco não produzindo, gera o nada
Um beco sendo nada não tem arte
Um beco sem arte, não renasce
Um beco com arte, recria a vida
Um beco recriando, faz a arte, e faz a vida
Um beco fazendo arte, se completa
Um beco completando, se sublima
Um beco sublimando se sustenta
Um beco universaliza-se ao se integrar
Um beco tem substância infinita
Um beco é a substância harmônica que vive em tudo
Um beco sendo tudo é universal e tem vida
Um beco tendo vida é aspiração suprema do destino
Um beco sendo assim é a fusão de tudo.

ELDER HERONILDES é escritor, autor de "A Rua de Jaime" e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Alinhavando

Oreny Júnior

alinhavando

a
linha
veio

alinhavando

a
língua
veio

alinhavando

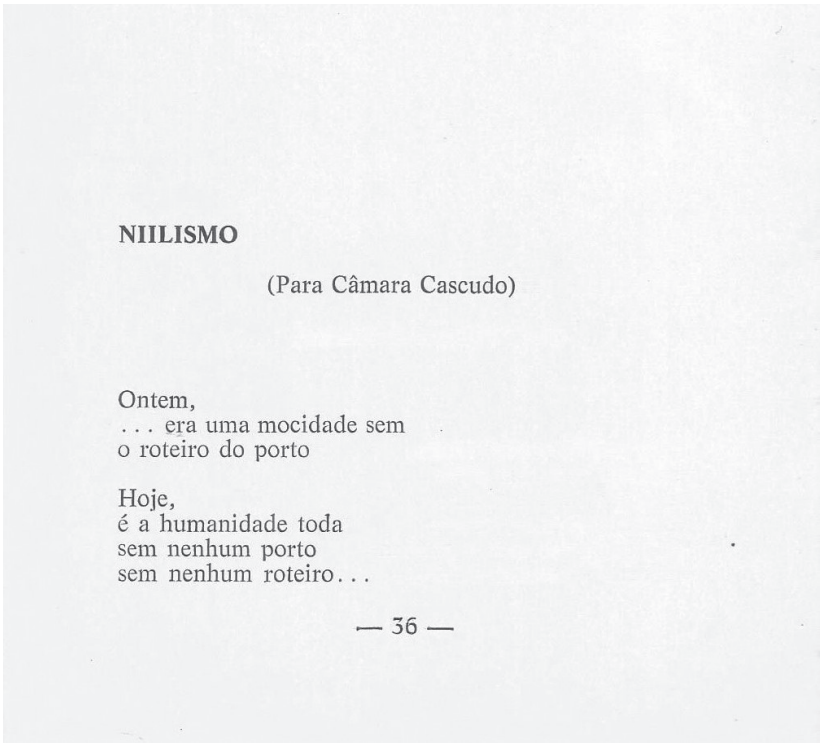
a
veia
veio

alinhavando

ORENY JÚNIOR é poeta e escritor, autor de "Fórceps".

Niilismo*

Sônia Faustino



NIILISMO

(Para Câmara Cascudo)

Ontem,
. . . era uma mocidade sem
o roteiro do porto

Hoje,
é a humanidade toda
sem nenhum porto
sem nenhum roteiro. . .

— 36 —

*Poema originalmente publicado no livro "Sonância", de 1984.

SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO é professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de "Rose la France" e outros livros.

DISCURSOS ACADÊMICOS

Saudação ao escritor Ivan Maciel de Andrade pelo Acadêmico Vicente Serejo.

Imagino como estão surpresos os olhos e os ouvidos dos que me veem e me ouvem na tribuna desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, para saudar a chegada a esta casa de um intelectual da magnitude do jurista e escritor Ivan Maciel de Andrade. Ele que vem para suceder, com sua grandeza, a presença de homens como Dioclécio Duarte e Aluizio Alves.

Confesso - pra que negar? - que se não fosse, certamente, um velho bem-querer de família, nada justificaria a escolha de um simples cronista de jornal para falar numa hora tão solene. Mas, aceitem: algumas escolhas nascem da cerzidura do tempo a costurar a vida, fio a fio, nos seus exercícios de convivências e afeições recíprocas, como num milagre de transcendência.

Naquela hora do convite, me senti como um menino que mexia na cristaleira de sua mãe e, assustado com a voz do irmão mais velho, deixasse cair um vaso de cristal. E de repente, dos seus estilhaços, e como se fossem os cacos de um velho vitral de família, se projetassem no mais íntimo do sentimento humano os pedaços de uma história antiga, feita de dor e de espanto.

Ora, se é verdade, como avisou o poeta, que o coração tem catedrais imensas, aquele vitral que desabou da nave das lembranças, e se desfez, se recompõe agora, na magia do reencontro.

Compreendam: Ivan Maciel de Andrade é uma herança que meu tio morto me deixou.

Naquele tempo, como até hoje, éramos poucos e humildes. Mas tínhamos o pequeno ouro da humana vaidade. Um dia, perdi minha tia Edianeube, professora da Escola Doméstica. Ainda sinto no meu rosto os seus beijos e as suas mãos alisando meus cabelos. Ela que chegava trazendo maçãs de uma Natal distante. Ainda guardo o perfume que voava do papel de seda lilás e perfumava a alma do me-

nino. Só muitos anos depois, pude então compreender que aquele era o triste tempo perdido. E aquelas manzanas argentinas eram as doces madeleines da minha infância naquela pequena Combray, tão pobre e tão minha.

Poucos anos depois, perdi meu tio Antônio, o desembargador Mattos Serejo, aos 43 anos de vida. Um tiro acidental nos roubou sua presença insubstituível, depois de longa enfermidade. E ele tinha, entre seus amigos, um amigo: Ivan Maciel de Andrade. Foi um irmão. Aquele que fez tudo para salvar sua vida, até um avião para levá-lo a São Paulo, de onde nunca mais voltou.

Eis o elo perdido que mora na gaveta de uma cômoda de família, onde guardo esse velho álbum de recordações.

Somos cúmplices, pois, de uma história pessoal. Daí o convite, nascido da jurisprudência do afeto. Santo Agostinho, o sábio doutor da Igreja, admitia que a lógica pode ser também uma deformação do cérebro. E não há lógica no coração dos homens tocados pela ternura humana.

Minhas Senhoras,

Meus Senhores

Ninguém melhor do que Ivan Maciel para compreender o quanto é difícil contar a história de uma vida. Estamos diante de um leitor erudito. Do maior conhecedor, entre nós, de Hannah Arendt. Daquelas vidas em tempos sombrios, os mais belos e densos perfis humanos que o mundo leu ao longo da segunda metade do Século XX. E onde aprendeu que a fama é uma dama cobiçada com muitas faces, mas que só a alguns é dado ir além de uma semana na capa das revistas.

Mas, para os homens luminosos, mostra Hannah Arendt, não há tempos sombrios. E Ivan Maciel de Andrade faz parte daqueles homens que mesmo algumas vezes iluminados por uma luz incerta e bruxuleante, são intensos como um sol e fazem a vida brilhar irradiando luzes.

O diplomata Celso Lafer – ex-aluno de Hannah Arendt na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, e hoje na Academia

Brasileira de Letras, autor de um ensaio sobre o pensamento arendtiano – no posfácio erudito que escreveu para a edição brasileira de *Homens em Tempos Sombrios*, lembra sua professora célebre numa observação valiosa para se medir o perigo dos testes a que são submetidos os homens quando exercem cargos públicos importantes:

" ... O reconhecimento público é uma tentação que dificulta o juízo".

Lafer lembra ainda a 'sociedade das celebridades', e Stephan Zweig na autobiografia, quando fala das elites intelectuais européias "embebidas no irradiante poder da fama".

Eis a moldura ideal para traçar o perfil humano e intelectual de Ivan Maciel de Andrade, este a quem não faltou a glória de todos os cargos cobiçados pela deusa da fama, como adverte Arendt, sem se deixar embriagar nas elevadas funções que exerceu, como temia Zweig. Até hoje é uma referência de postura, de requintado e sereno saber jurídico nas universidades, fóruns e tribunais superiores.

Promotor por concurso aos 21 anos, foi tudo na carreira jurídica que escolheu para exercer, até se aposentar como Procurador de Justiça. Foi diretor geral do Departamento Jurídico do Estado, Procurador Geral da Prefeitura, Procurador Geral de Justiça, Consultor Geral do Estado em três períodos governamentais; titular da cadeira de Introdução ao Estudo do Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; membro do Conselho Estadual de Cultura; e advogado em alguns dos momentos mais importantes da história do Direito entre nós.

Bem nascido intelectualmente porque modelado como leitor na biblioteca do seu pai, o juiz de Direito Darío Andrade, em tudo Ivan Maciel foi sempre o mesmo homem cordial. O humanista culto e sensível respeitado nas lutas jurídicas e nos embates das teses acadêmicas e de opinião. Firme na sua solidez intelectual, nunca precisou impor sua autoridade porque soube erguê-la com a pedra e a cal do seu grande saber e da sua sensibilidade.

Nunca recuou diante dos fortes. Nunca mudou sua opinião frente a poderosos. Íntimo de alguns deles como Consultor Geral do Estado por longos doze anos, e em momentos relevantes da nos-

sa vida política e constitucional, nunca serviu à injustiça. Nunca deixou que se abrissem em suas mãos as chagas dos gestos contra os fracos e gravassem na sua pele as tatuagens da traição. Hoje, quando ultrapassa seus setenta anos, na maturidade de suas reflexões, é a mesma luz e o mesmo homem na fortuna de ser, ao lado de Maria Clara, um exemplo para os filhos e os netos, e o mesmo amigo a servir o sal da terra, o vinho da amizade e o azeite da bondade humana.

Estudioso da filosofia e da sociologia do Direito, nos aprofundamentos exegéticos cuja erudição só percebem os leitores de cultura específica dos seus pareceres e peças jurídicas consagradas, nem assim negou seu olhar para a grande literatura. Aquela que ele descobriu nas prateleiras da biblioteca do seu pai, onde começou a inventar um mundo que depois expandiu para nele viver a vida inteira, como um homem de espírito e de gênio.

E esse grande leitor há quem ateste, com todas as honras do saber. Ao prefaciar *O Exílio das Palavras,* Sanderson Negreiros escreveu o testemunho da magnitude intelectual de Ivan Maciel:

-Limpo de espírito, atravessou os desertos e revelações em todas as leituras, e guarda, agora, quase aos setenta anos, a jovialidade espartana de ser também um escolástico, no sentido universal do termo.

E acrescenta:

-Tudo leu e aprendeu. É a maior expressão cultural e humanista desta nossa geração, que já prefere os barcos na sua beleza parada nos portos a ter de partir, neles, para a aventura do grande maralto.

Minhas Senhoras,

Meus Senhores

É o Ivan Maciel retornado do exílio, aquele que já não precisa enfrentar as aventuras do mar-oceano para iluminar-se porque hoje ilumina a seus leitores; é o Ivan que escreve no jornal, todas as semanas, nesse livro de folhas grandes e soltas, tão comum e tão íntimo; é esse o Ivan Maciel que posso avistar da minha gávea. Confesso: seria impossível a um cronista, navegante de pequena cabotagem de um mar antigo, primevo e talássico, avistá-lo nas suas circunavegações

atlânticas. Sesmeiro da Rua da Frente, porto humilde de barcos e baleeiras - para lembrar o verso de Edinor Avelino - é desta minha enseada, com sombra e água fresca, que parto para a pequena viagem em torno de Ivan Maciel. Uma viagem que de tão humilde sequer pode prometer a fortuna das grandes descobertas.

É do exílio que prefiro partir.

Do exílio onde mora uma dúvida encantadora.

Porque a dúvida, como queria Dante, agrada quando é expressão do saber. Não a dúvida traidora de que fala Shakespeare. A dúvida no sentido nobre. A dúvida de Roger Martin du Gard, em carta a André Gide – aquela onde ele reconhece que a dúvida é o começo do pensamento.

É quando Sanderson Negreiros, já preparando o leitor, no final do seu prefácio, para iniciar-se na leitura do livro *O Exílio das Palavras*, desenha o mapa desse lugar, a biblioteca, onde Ivan Maciel exilou-se durante tantos anos. E escreve assim:

"Depois de uma timidez inexplicável, resolveu escrever e publicar seus ensaios – ou crônicas por dever do espaço jornalístico – e sair assim do seu exílio consentido".

E fecha o prefácio, uma verdadeira cartografia existencial, lugar de ruas e lembranças, identificando o filósofo que vem do exílio, depois de tanto tempo:

"As palavras, sábias palavras, por ele escondidas tantos anos, fizeram-no, enfim, neste livro, um autor que se consagra por auscultar sempre o coração selvagem da vida".

Nada é mais Montaigne, o criador moderno dos ensaios, do que essa sutil e maravilhosa capacidade que Sanderson Negreiros percebe em Ivan Maciel – a de saber auscultar sempre o coração selvagem da vida. É o modelo montaigniano por excelência no esplendor de sua forma clássica. Sanderson é um ensaísta, com as raízes também plantadas em Montaigne, e prisioneiro voluntário, como o próprio Ivan, da clausura do pequeno espaço do jornal. Daí aquela aparente ambigüidade que oferece ao leitor, como se fosse uma dúvida, ao classificar de ensaios ou crônicas os textos de Ivan Maciel,

publicados no jornal e reunidos no livro *O Exílio das Palavras*

Porque Ivan Maciel é um ensaísta. Nascido da mesma matriz clássica de Câmara Cascudo, Edgar Barbosa e Américo de Oliveira Costa, para citar as maiores expressões, entre nós, no exercício intelectual da compreensão.

Lembro a conferência sobre o ensaio, na Academia Brasileira de Letras, de Eduardo Portela, mestre e doutor em literatura. Mesmo ele, cingido pelo rigor de sua formação acadêmica, define o ensaio como gênero *múltiplo, feito de muitas facetas, algo* entre a literatura e a filosofia. E pergunta: "*Por que localizado entre a literatura e a filosofia?* E ele mesmo responde: *"Porque há com ele um compromisso de pensar"*. E acrescenta: *"E há um compromisso com o texto, com a qualidade do texto, sem o que não é ensaio". Para* concluir, livre de modelos: *"O ensaio é uma forma, uma forma não formal, que se identifica pelo vigor crítico e pela qualidade textual".*

Seria demorado se aqui, fascinados pela exegese, trilhássemos os velhos caminhos do ensaio no Brasil, desde a Escola do Recife, com Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua e Tobias Barreto. A eles a história do pensamento brasileiro deve o início do seu jeito próprio e moderno de pensar. Como deve a Euclydes da Cunha a ousadia do ensaio como um olhar transverso, oblíquo, lançado da margem da História, não para ser contramão, mas para erguê-la de forma testemunhal, viva e aquecida pelo calor da vida.

Talvez a crítica brasileira deva a Sílvio Lima, então professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, hoje tão anoitecido pelo esquecimento, o primeiro estudo formal sobre a ensaística como gênero lançado no Brasil. O seu *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*, publicado em São Paulo, em 1946, pela Livraria Acadêmica, veio ensinar que o ensaio não é um gênero comum. Tem também AA sua certidão clássica. Nas suas palavras, é um "*fruto tardio, de seivosa maturidade outonal*" de uma Renascença nas últimas luzes, no triunfo da individualidade. Quando o homem ainda vivia no velho mundo, mas já de olhos no novo mundo que descobrira.

Não é por simples coincidência que seis anos depois, em 1952, ao prefaciar a antologia dos *Ensaístas Ingleses* para a coleção *Clássicos Jackson,* Lúcia Miguel-Pereira abriga como a origem do ensaio a

mesma gênese tardia e renascentista. Ao admitir que a sua invenção, vem do impulso humanista que gerou a Reforma e produziu a descoberta da América.

Lúcia reconhece que o gênero não nasceu na Inglaterra, mas nela encontrou uma pátria capaz de fazê-lo íntimo, profundo e substancial. Aos olhos de Lúcia, desaparecida tão cedo num acidente aéreo, o ensaio é, antes de tudo, uma atitude mental. Uma forma de olhar. Principalmente de perceber que tudo pode e deve ser reexaminado, *desde as questões metafísicas aos menores gestos cotidianos.* E essa atitude mental nasce há mais de quatrocentos anos, com Montaigne. Na solidão do seu mundo, do seu exílio voluntário, cercado dos livros de sua biblioteca, mas de olhos voltados para as janelas de sua torre, e, como avisa Lúcia, "atento ao espetáculo da vida".

Não é possível esquecer, como referência clássica, a conferência de Eugênio Gomes, cinco anos depois do prefácio de Lúcia Miguel-Pereira, na Academia de Letras da Bahia, publicada pela Universidade baiana e que titulou com uma só palavra, numa síntese plural e absoluta: *Ensaios*. É aquele mesmo Eugênio que merece uma citação consagradora de Eduardo Portela, por ser ter sido, a seu tempo, o ensaísta brasileiro de mais sólida formação inglesa, estudioso das influências de Shakespeare no Brasil e da ficção inglesa no romance de Machado de Assis. É de Eugênio o aviso, colidindo sem medo contra a questão de fundo que tem sido a de procurar, em vão, uma fórmula fixa para o ensaio:

"*Em seus comentários, o ensaísta, com um olho no fato eventual, em que se inspira e, com outro, na posteridade, conjuga assim, o jornalismo e a literatura. Um serve o particular e o efêmero; outro, o geral e permanente".*

E rebate, na mesma linha de Lúcia: *"Não há fórmula para o ensaio"*

Tem razão Eugênio Gomes. O que existe é mais um vício de linguagem. Nascido da brevidade e popularidade da crônica que a tudo nomeou, como a todos os pequenos textos assinados nos jornais diários. No Brasil, adverte, então, Eugênio, *o designativo de crônica tem prevalecido indiscriminadamente sobre o de ensaio, o que não exclui a coexistência de ambos em nossas letras, desde o mais remoto passado.* E acrescenta, buscando a boa tradição inglesa: "Aliás, já Francis Bacon lembrava que o ensaio

era um nome novo para designar uma coisa muito antiga...".

E conclui, num corte inapelável: *Ensaio é ensaio, eis tudo*.

Forma, extensão e profundidade não são idéias fixas nem mesmo em Theodor Adorno, grande teórico da Escola de Frankfurt e um cultor do modelo no seu indispensável O *Ensaio como Forma,* traduzido no Brasil nos anos setenta. Reconhece a degradação do gênero na Alemanha, se visto sob a sisudez e o pedantismo científico dos olhos acadêmicos, exigindo-lhe método. Mas, é dele, de Adorno, a surpreendente constatação na sua definição de que o ensaio abriga o dito e o contradito, e pode ser "um roçar de leve nos temas".

O professor Bento Itamar Borges, doutor em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, no seu recente *Ensaios Filosóficos e Peripécias do Gênero,* ao estudar os ensaios de Walter Benjamin, chega a admitir que o grande teórico, em alguns dos seus *agradáveis textos breves*, prefere mesclar *o ensaio com crônicas e também com resenhas.*

Para Leandro Konder, no capítulo que dedica ao ensaio no seu manual *As Artes da Palavra, o tratado é* a raiz ancestral do gênero ensaístico. E afirma: ... *sua força está muito mais naquilo que ele recusa do que na clareza e na coerência do que pro*põe. Para depois definir: é um gênero ousado pelo seu caráter experimental, pois nasce do *inconformismo seu empenho em questionar as construções acabadas.*

Há poucos meses, no seu número de estréia, a revista Serrote, uma sofisticada publicação do Instituto Moreira Sales, voltada para retomar os ensaios em torno de idéias antigas e novas, na Carta aos Leitores, ao expor seu compromisso editorial, adverte:

O ensaio é um gênero sinuoso. Ele parece fácil, mas é um perigo. Um descuido – você rola abaixo em uma escada sem corrimão. O ensaísta sabe onde começar, mas nunca sabe onde acabar: o desvio, a vereda e a curva à beira do abismo, são sempre um convite.

Mas, foi em Manuel da Costa Pinto, no recente livro que abriga sua tese de doutor - *Albert Camus, um elogio do ensaio*, que imagino ser possível encontrar o melhor sentido de compreensão do estilo ensaístico e filosófico de Ivan Maciel. É quando pergunta:

O que é um ensaio?

Ele mesmo responde, com a fusão, numa só definição, das idéias de dois grandes clássicos da crítica literária universal - Hugo Friederich e Erich Auerbach:

-Um método de auscultação interior, corpórea, de nossa vacilante condição humana.

Perdoem se ouso tanto, nesta pequena viagem de simples leitor, mas devo confessar o achado: os ensaios de Ivan Maciel cumprem aquele desenho teórico nascido da fusão de dois grandes críticos da modernidade literária. E consagram, na plenitude, a visão de Sanderson Negreiros, quando também percebe aquela capacidade de *auscultar o coração selvagem da vida.*

A formação filosófica de Ivan Maciel o fez dominar a técnica de bem construir a arquitetura do texto ensaístico. Aquele fluir natural, aquela capacidade do ensaio escrever-se a si mesmo, como recomendava Martinich, para quem *a elegância na escrita não se aprende porque resulta de uma espécie de gênio, e o gênio começa onde as regras acabam.*

Não há impasse insuperável, como querem impor os modelos acadêmicos, no espaço livre e experimental do ensaio, esse lugar de encontro da filosofia com a literatura. E ninguém mais credenciado para atestar do que o filósofo Bento Prado Jr, desaparecido recentemente, no grande ensaio que escreveu como introdução aos ensaios de Jean-Paul Sartre, enfrentando a dúvida:

- Não se trata de confundir filosofia e literatura, mas de abrir caminho para uma filosofia que seja capaz de exprimir a experiência mais concreta e de valorizar uma literatura que nos permita ver melhor a nós mesmos e o mundo presente.

Os ensaios de Ivan Maciel cumprem as exigências do exercício da erudição e da liberdade experimental. Têm o compromisso de pensar, como exige Eduardo Portela. Lançam aquele brilho iluminista, como pede Sílvio Lins. Nascem de uma atitude mental, como defende Lúcia Miguel-Pereira. São sempre captados com um olho no efêmero da vida e outro na eternidade do saber, como quer Eu-

gênio Gomes. Seu olhar, como se tivesse apreendido em Adorno, às vezes é um roçar de leve nos temas; noutras, cumpre o modelo de Walter Benjamin, e mescla-se com as resenhas e observações circunstanciais. São experimentais, como deseja Leandro Konder; sensuais e sinuosos, no dizer editorial da moderna revista paulistana; fluem sobre as regras, na lição de Martinich; e diluem as fronteiras entre a filosofia e a literatura. Há nos seus ensaios a auscultação do mundo interior, corpóreo, como propõe Hugo Friederich e Erich Auerbach, aquele mesmo auscultar do coração selvagem que Sanderson Negreiros sentiu e escreveu.

Como disse Alexandre Eulálio - que redescobriu o ensaísta Brito Broca, organizou e publicou sua obra, fazendo dos seus ensaios impressionistas objetos de estudos eruditos pelos doutores da Universidade de Campinas - ao analisar a ensaística brasileira ao longo de duzentos anos, de 1750 a 1950 - a magia do ensaio é promover a convivência da filosofia com a literatura, reunindo a *erudição pura e o apontamento ligeiro, mesmo em* breves e instigantes especulações.

Minhas Senhoras,

Meus Senhores

É a natureza culta desse gênero nascido da melhor tradição, de Montaigne aos folhetinistas; de Francis Bacon aos modernos, que faz de Ivan Maciel um ensaísta. De olho no efêmero e no eterno, a vislumbrar, nos traços da fisionomia política de um presidente de hoje, o Rei Lear da tragédia shakespeariana. A perscrutar, séculos depois, na ambigüidade da retórica de um presidente e de um rei, o que há de trágico, e tragicamente comum, na tragédia grega do Século XVII e no populismo de um governante contemporâneo. Afinal, ele sabe observar o perigo que cerca o homem universal, rei ou presidente, porque é deles a mesma ambição trágica.

Ao escrever sobre um tema circunstancial e noticioso, como os prisioneiros de Guatánamo, não discute a factualidade da notícia, mas a desventura humana de um mundo que ainda escraviza homens livres e, se deixam de ser livres, é porque ainda há homens no Século XXI sem compromisso com a liberdade. Por isso vai buscar

em Beccaria, no Século XVIII, a velha certeza desse horror, para mostrar ao leitor que não há nada de novo, nem o crime, no poder sem limites.

É instigante, a partir do título que lança como disparo a despertar a atenção do seu leitor, a aproximação que faz dos personagens no romance de Proust, e o que chama de extravagâncias de um partido político. Leitor de Harold Bloom e Álvaro Lins, sabe da multiplicidade de seres em cada personagem proustiano, principalmente no Poder. Naquilo que chama de *cambiantes visõe*s – escavando, no mais fundo da alma humana, os desvãos do homem e sua natureza psicológica. Daí o temor de que o tempo leve o poder a revelar, como em Proust, a força dominadora da maldade e o efeito das intoleráveis deformações morais que o tempo faz nascer no coração dos poderosos.

Não é à toa que vai a Foucault para compreender a loucura do Alienista, de Machado de Assis; do Idiota, de Dostoiévski; ou do Quixote, de Cervantes. É para mostrar que só assim é possível compreender que a loucura é sempre a mesma. Porque Ivan Maciel, com seu olhar filosófico, sabe colher o ódio e a compaixão em cada fracassado ou vitorioso. No seu eterno retorno à política que embriaga os homens, reencontra o reinado maquiavélico que há séculos serve à mesa dos governados, a verdade e a ilusão, num misto de escuridão e fulgor.

Embebido no éter de uma leitura embriagante, com um olho no livro e outro no pequeno e misterioso mundo de um vacilante avião em turbulência, entre o sopro da vida e o eterno da beleza, sente a leveza das aeromoças flutuando sobre um chão que voa, afinal, avisa Eduardo Portela a lembrar Montaigne, todo instante é uma situação de risco inevitável na fruição do olhar.

Arendtiano, e por isso refinado em perscrutar a condição humana, conhece a solidão, essa velha companheira da indagação existencial do homem na sua grande aventura que é viver. Do homem que sem a convivência se desumaniza; da solidão que faz o gênio e o louco; da melancolia que tinge de lirismo o clown das ruas e revela a dor da tristeza ou a miséria da alegria sem dono.

Mesmo quando escreve intencionalmente a crônica, despojando-se dos rigores canônicos que cercam a construção do artigo e do

ensaio tecendo os liames do juízo de valor, cumpre aquele *divertissement* que tanto agradava a Gustavo Corção. Porque sabe, e certamente aprendeu com Alceu Amoroso Lima, que a crônica deve ter a capacidade de tratar de maneira leve as coisas graves, e de ser grave com as coisas leves. O poeta e ensaísta Ivan Junqueira, que viu em Machado de Assis um grande leitor de Montaigne, atribui ao criador dos ensaios toda a destreza machadiana em perceber *o teor de eternidade nas coisas efêmeras.* E todos esses rastros de leituras eruditas são raízes no chão da escrita de Ivan Maciel.

Filosófico e literário porque sobretudo humanista, é aquele Ivan Maciel que numa conferência na Ordem dos Advogados do Brasil, em Natal, há mais de vinte e cinco anos, ao fixar o desenho conceitual da técnica jurídica, vence a aridez teórica e ensina:

A *técnica jurídica é apenas a arquitetura do processo, o arcabouço, o palco onde se encena ora uma comédia, ora um drama, ora uma tragédia do repertório do Direito que é constituído por uma diversificada gama de situações humanas socialmente vivenciadas.*

Nada é tão Ivan Maciel, e tão ensaístico, quanto seu texto *A Orgia Perpétua*. É como se fosse um instante de arpejos improvisando arranjos de notas musicais que tentam dissimular, entre finas camadas, as peles que escondem o fruto da erudição. Num movimento suave, lembra o drama de cada um. E revela, como a confessar um segredo, a eterna novidade de que a literatura é uma orgia perpétua e a única invenção humana que ensina ao homem de espírito a suportar a vida.

Como todo homem cerebral, Ivan Maciel precisa descobrir a cada dia uma razão para continuar essa aventura que é viver. Por isso escreve. Triste ou feliz. Porque todo texto é uma revelação. Porque é um humanista no requinte da consciência diante do sentimento trágico da vida. Exilado na sua biblioteca, está entre os que sabem compreender aquele instante sublime do mundo, quando Camus, diante da Academia, ao receber a glória eterna do Prêmio Nobel de Literatura, pediu desculpas às majestades e altezas por nada mais saber fazer além de sua arte.

Meu querido amigo Ivan Maciel

Como é bom vê-lo entrar nesta casa para ser um dos nossos. Como é justo vê-lo suceder a homens da grandeza de Dioclécio Duarte e Aluizio Alves. Recebê-lo nesta noite é diminuir, com a luz do seu talento, a dívida intelectual desta Casa para com sua própria história.

Minhas Senhoras,

Meus Senhores

Chego ao fim da minha pequena navegação. Volto ao meu mar antigo para outra vez descansar a âncora nas águas humildes e tranqüilas da enseada calma e boa, desfeita em remansos.

Agora, só preciso repetir em voz alta o que está escrito nas pedras do cais.

É de Hannah Arendt, a filósofa da liberdade. Aquela que chamou a atenção do mundo para a banalidade do mal. Aquela que é uma das grandes admirações do novo imortal da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – o jurista, filósofo e ensaísta Ivan Maciel de Andrade:

Há uns que nos falam e não ouvimos;

há uns que nos tocam e não sentimos;

há aqueles que nos ferem e nem cicatrizes deixam...

Mas, há aqueles que simplesmente vivem e nos marcam por toda a vida.

Obrigado a todos.

Discurso lido no salão nobre da ANRL na noite de 10.07.2009

Discurso de posse do Acadêmico Ivan Maciel de Andrade

Foi durante o segundo mandato de Garibaldi Alves Filho no governo do Estado. Eu exercia o cargo em comissão de Consultor-Geral. Lembro-me que era de manhã, em torno de dez horas. Abri a porta de uma sala de reuniões. Lá encontrei o ex-Ministro Aluizio Alves. Estava sozinho, cercado de jornais. Quando ele fora Governador, me nomeara para o cargo em comissão de Procurador-Geral de Justiça. Eu tinha apenas vinte e cinco anos de idade. Logo depois, me confiou a missão de implantar o Departamento Jurídico do Estado, transformado na atual Procuradoria Geral.

Aluizio Alves fez sinal para que eu entrasse na sala de reuniões e convidou-me para conversarmos.

Eu o chamava de Governador, por força do hábito criado na época em que ele exercera o governo do Estado.

Nessa época eu convivera com Aluizio Alves de perto e praticamente durante todos os dias. Isso se explica pelo fato de que o Departamento Jurídico funcionava no próprio Palácio do Governo e o Diretor-Geral tinha seus pareceres submetidos à apreciação do Governador, com quem despachava pessoalmente.

Comecei a conversa naquele dia lhe dizendo que ainda tinha vivas na memória imagens de sua campanha de 1960 para o governo do Estado. Perguntei-lhe se não sentia saudades do tempo em que, de cima do "Caminhão da Esperança", falava dias e noites para multidões que o aplaudiam, gritavam o seu nome, agitavam lenços, bandeiras e galhos verdes, riam e ao mesmo tempo choravam de emoção.

Essas multidões assistiam a seus comícios e participavam das passeatas, nos longos percursos do "Caminhão da Esperança", em atitude quase mística, arrebatadas pelo amor, pela fé, pela esperança em seu líder – uma ilimitada e ardorosa esperança. Ele era o maior líder popular que o nosso Estado já tivera em toda a sua história e

um dos grandes tribunos políticos daquela fase da vida pública de nosso país.

Sempre me questionei: que forças profundas e recônditas da sensibilidade do nosso povo foram tocadas pela mensagem desse político, ao ponto de sua figura de líder ficar tão fortemente impregnada na memória e no imaginário de várias gerações de norte-rio-grandenses?

Voltando à conversa que comecei a reproduzir: Aluizio Alves respondeu à minha pergunta sobre a campanha de 60 com uma afirmação concisa: "Já repeti em algumas oportunidades que foi a primeira vez na história da República que a campanha política deixou de ser um encontro de chefes".

Indaguei se ele reconhecia que frustrara sua vocação de jornalista em razão da política. Uma vocação, por sinal, que se manifestara muito cedo, enquanto Aluizio ainda era menino em Angicos. E que o levou à redação dos grandes jornais do país. Até mesmo à direção de um jornal que desfrutou de enorme prestígio em todo o país, durante o período em que Carlos Lacerda desenvolveu a sua atividade política – a "Tribuna da Imprensa". Aluizio Alves tinha, é forçoso constatar, o talento dos melhores jornalistas que brilharam até hoje na imprensa brasileira.

Ele me falou sobre sua vocação de jornalista com evidente satisfação, negando havê-la preterido pela política. Fora sempre uma coisa e outra – jornalista e político. Admitia, no entanto, que, se não fosse a política, sua vocação de jornalista teria alcançado outros patamares e talvez o tivesse absorvido completamente.

Afirmou: "Orgulho-me de ser protagonista de um feito inédito: fui diretor de um jornal de um só exemplar, em Angicos, e diretor de um jornal, a 'Tribuna da Imprensa', que chegou a circular com 120 mil exemplares".

Mas o senhor teve também, indaguei-lhe, uma experiência na edição de livros?

Ele me confirmou: "José Augusto, com quem tive um compromisso que perdurou inabalável até o final de sua vida, me fez um convite que me levou, no começo de 1939, para Fortaleza. O relacionamento com o Instituto Histórico e a Academia de Letras

do Ceará me deu a idéia de organizar a 'Biblioteca Norte-Rio-Grandense de História'. Na Biblioteca, publicamos vários livros, dentre outros, 'Angicos', de minha autoria".

Fiz a pergunta seguinte ao governador Aluizio Alves iniciando-a com um comentário: quando se trata de alguém muito precoce, a vida política começa na adolescência. A dele começara na infância.

Ainda assim, observei, é surpreendente que o senhor aos 23 anos de idade tenha sido eleito Deputado Federal à Assembléia Nacional Constituinte de 1945.

"Quando entrei na chapa de Deputado Federal, admitiu Aluizio Alves, minha expectativa era de que não seria eleito. Mas enquanto os outros candidatos faziam campanhas convencionais, percorri todas as feiras do Estado. Terminada a eleição, a UDN fez dois Deputados: fomos eleitos Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros e eu. Ainda era estudante: fazia o primeiro ano de Direito."

Quis saber como tinha sido a estreia na Constituinte de um primeiranista de Direito.

"Minha estreia na Constituinte, contou Aluizio Alves, foi com um discurso sobre a nova política de Previdência Social, de proteção e assistência à maternidade e à infância. Esse discurso teve uma grande repercussão. Daí veio a minha amizade com Carlos Lacerda que era, à época, repórter do 'Correio da Manhã' junto à Assembléia Nacional Constituinte.

– Por sinal, essa minha preocupação com os problemas sociais era antiga. Quando ocupei a secretaria geral da Legião Brasileira de Assistência, propus a criação do Seras – Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social. Com recursos da LBA, fiz o Abrigo Melo Matos, para meninos, e o Instituto Padre João Maria, para meninas. E com ajuda do Prefeito José Varela, fiz o Abrigo Juvino Barreto, para idosos. Participei da criação em 1943 da Escola de Serviço Social."

Nessa altura, algumas pessoas entraram na sala em que eu conversava com Aluizio Alves. Queriam ouvi-lo sobre problemas relacionados a assuntos políticos. Vi que nossa conversa havia terminado. Ele chegou a me propor que a continuássemos em outra ocasião naquele mesmo local. A verdade é que essa segunda conversa

nunca houve. Cheguei a registrar num arquivo de computador as linhas básicas do que tínhamos conversado, procurando ser fiel às suas palavras.

Mas aquela conversa ficou definitivamente interiorizada em minha memória, como importante experiência humana. E, mais do que as palavras, fixaram-se na minha lembrança as suas reações fisionômicas, determinadas inflexões de voz, alguns movimentos de mãos que eram tão expressivos quanto as afirmações que ele fazia. Adquiriu um sentido especial até mesmo o riso discreto que acompanhava certos comentários sobre episódios de sua vida política. Daí a necessidade que senti de reproduzir esse encontro, que, reconheço, merecia ter sido até mesmo melhor documentado.

Minhas senhoras e meus senhores:

Aluizio Alves exerceu, a partir de 1945, sete mandatos de Deputado Federal. Ocupou com projeção e brilhantismo os postos de secretário-geral da UDN e de vice-líder da bancada.

Foi Governador do nosso Estado de 1961 a 1966. O seu governo criou praticamente toda a organização administrativa que ainda hoje existe no Rio Grande do Norte. Modernizou e dinamizou a Administração Pública estadual. A começar pela criação de um órgão de planejamento (o Conselho Estadual de Desenvolvimento – CED), que mudou o tradicional estilo de governar. Passou a existir, a partir daí, em meio às dificuldades e resistências com que se depara qualquer esforço inovador, um programa de governo, concebido com racionalidade e respeito a políticas de desenvolvimento e bem-estar social.

O seu governo criou a Companhia de Serviços Energéticos do Rio Grande do Norte - COSERN, que realizou o 1.º Plano de Eletrificação do Estado; a Telecomunicações do Rio Grande do Norte - TELERN, que realizou o 1.º Plano de Telefonia do Estado; o Instituto de Previdência do Estado - IPE, que realizou o 1.º Plano de Previdência dos Servidores; a Companhia de Águas e Solos do Rio Grande do Norte - CASOL, que realizou o 1.º Plano de Poços e

Açudes; a Companhia de Habitação Popular - COHAB, que executou um programa nacionalmente pioneiro para construção de casas populares antes mesmo do surgimento do BNH.

Instituiu também a Superintendência de Turismo. Na realidade, a área de turismo começou a existir em Natal e no Estado com o governo Aluizio Alves, que planejou a construção de hotéis em Natal, Mossoró, Angicos, Olho d'Água do Borges, Caraúbas e Caicó.

Durante o governo Aluizio Alves chegou ao Rio Grande do Norte, realizando o sonho de muitas gerações de empresários, de políticos e do próprio povo de nosso Estado, a energia de Paulo Afonso. Com isso se viabilizaram vários e importantes projetos em áreas econômicas e sociais.

Utilizando recursos da "Aliança para o Progresso", programa do Governo dos Estados Unidos para a América Latina, o governo Aluizio Alves construiu escolas, qualificou professores e implementou o pioneiro método de alfabetização de adultos "Paulo Freire".

Na área cultural, foram criadas a Fundação José Augusto, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, a Faculdade de Sociologia e Política e o Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine.

Se o governo Aluizio Alves não conseguiu realizar muitos outros projetos inovadores e de alcance social – que já estavam elaborados e com recursos assegurados pela "Aliança para o Progresso" – isso se deve a dois fatos: a morte de Kennedy e o golpe militar de 1964. Esses dois acontecimentos acabaram com a "Aliança para o Progresso" no Brasil.

Aluizio Alves foi duas vezes Ministro de Estado. Na primeira, escolhido por Tancredo Neves e confirmado por José Sarney, exerceu o cargo de Ministro da Administração. No desempenho desse cargo, criou a Escola Superior de Administração Pública e a carreira de gestor público, bem como instituiu o 13.º salário para os servidores públicos federais, iniciativa que serviu de paradigma às Administrações Públicas dos Estados.

No governo Itamar Franco, foi Ministro do Interior. Promoveu a elaboração do projeto de transposição das águas do rio São Francisco para o Nordeste setentrional. Infelizmente, apesar de ini-

ciada sua execução, esse projeto continua sofrendo resistências políticas, mascaradas de justificativas ambientais. Na verdade, interesses subalternos retardaram e paralisaram até hoje o andamento dessa obra revolucionária, em detrimento das perspectivas de crescimento econômico e social da região nordestina.

Senhores acadêmicos:

Confesso que, para mim, esta não é apenas uma hora de contentamento. É também uma hora de reflexões. Entendo que as nossas instituições políticas, que hoje vivem uma das piores crises da história brasileira, mergulhadas no descrédito e na falta de autoridade ética, se desfalcaram profundamente com a perda, ao longo do tempo, da liderança de homens públicos com a visão, o talento e a capacidade empreendedora de Aluizio Alves.

O passado político-administrativo que foi marcado por sua presença – e que pode ser hoje julgado de forma isenta e impessoal, por gregos e troianos, sem o peso de preconceitos e ressentimentos – ainda continua bem próximo de nós, em seu significado institucional e humano. E por isso mesmo é que temos condições de sentir o quanto empobrece e esvazia a vida pública do Estado e do país a ausência de uma figura com a estatura intelectual e a força carismática de Aluizio Alves.

O sociólogo alemão Max Weber definia carisma como "determinada qualidade de um indivíduo que faz com que ele se situe numa posição à parte e venha a ser considerado pelas demais pessoas, os chamados homens 'comuns', como alguém dotado de poderes excepcionais".

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz, fundador da chamada Antropologia Hermenêutica ou Interpretativa, discordava do conceito weberiano de carisma. Para ele, o carisma não se reduz às "características psicológicas do líder". Clifford transfere o conceito de carisma para o plano cultural e, portanto, histórico. O líder carismático é "aquele que se identifica, historicamente, com o 'centro dinâmico' de sua cultura" e se comunica, através das "estruturas simbólicas", com o imaginário social.

De acordo com ambos os conceitos, Aluizio Alves foi um completo e perfeito líder carismático. No sentido psicológico we-

beriano, ele era um condutor de massas, um líder com qualidades messiânicas, capaz de desempenhar um papel decisivo no destino de sua comunidade. E no sentido da Antropologia Hermenêutica, era um líder "ajustado ao centro dinâmico de sua cultura", apto a captar os valores históricos da sociedade em que realizou o seu projeto político. Tinha a sensibilidade sintonizada com os símbolos representativos dos sonhos e das aspirações de seu meio e de sua época. Por isso é que o legado de suas ações inovadoras se incorporou, definitivamente, ao patrimônio de nossas tradições políticas.

Mas Aluizio Alves não se conformava em dispor do apoio popular às ideias e propostas que defendia. Ele tentava de todas as formas transformar essas ideias e propostas em realidade. Não era apenas um grande líder popular. Sabia planejar, organizar e levar adiante os sonhos que plantava na imaginação e na esperança de seus eleitores. Mesmo depois de cassado e perseguido pela ditadura militar, ainda conseguiu trazer para o nosso Estado indústrias, investimentos, obras físicas e, mais que isso, estímulos e diretrizes para iniciativas pioneiras que ainda hoje contribuem para o fortalecimento e expansão de nossas atividades econômicas.

Minhas senhoras e meus senhores:

Aluizio Alves nasceu em 11 de agosto de 1921 na cidade de Angicos e faleceu em 6 de maio de 2006 em Natal. O acadêmico Ticiano Duarte nos transmitiu, em discurso nesta Academia, o sentido das homenagens fúnebres prestadas pelo povo a Aluizio Alves: "A última viagem de Aluízio suplantou todas as grandes homenagens fúnebres que a cidade assistira. Foi a maior consagração que um homem público pôde receber na morte: a saudade e o carinho do seu povo."

Senhores acadêmicos:

A cadeira n.º 17 desta Academia tem como patrono Francisco de Souza Ribeiro Dantas. Segundo Aluizio Alves, ele "descendia de uma das três famílias que, no Império, dominavam a política e a economia rural da região, os Ribeiro Dantas, os Duarte e os Salles".

Nascido em São José de Mipibu, concluiu em Recife o curso de humanidades e, depois, o curso jurídico. De lá foi para o Rio Grande do Sul, onde ingressou na magistratura, tendo sido Juiz de Direito e Desembargador, e, simultaneamente, conquistou uma cátedra universitária. Exerceu com brilhantismo tanto a carreira no Poder Judiciário como a docência superior, ensinando a disciplina Direito Penal. Era detentor de notável cultura jurídica – refletida nas obras em que publicou as suas sentenças, abrangendo matérias cíveis e criminais.

Aposentado, ingressou na política. Elegeu-se Deputado à Assembléia Legislativa gaúcha. Faleceu em 25 de abril de 1931. Ao ser fundada esta Academia, seu nome foi lembrado, legitimamente, por Juvenal Lamartine para ser homenageado como patrono da Cadeira n.º 17.

O primeiro ocupante desta Cadeira foi Dioclécio Dantas Duarte, que nasceu em Natal em 16 de outubro de 1894 e faleceu no Rio de Janeiro em 22 de dezembro de 1975.

Fez o curso de graduação na Faculdade de Direito do Recife. Ainda quando estudante universitário, exerceu o jornalismo político, atividade a que se dedicaria com grande talento durante praticamente toda a sua vida. Foi, ainda muito moço, diretor da imprensa oficial do Estado de Pernambuco.

Em 1918, elegeu-se Deputado Estadual no Rio Grande do Norte, tendo seu mandato renovado por diversas vezes. Foi eleito, em 1927, Deputado Federal, havendo sido reconduzido para várias legislaturas federais. Compunha a bancada de Deputados Federais do nosso Estado em 1945, participando, assim, da Assembléia Nacional Constituinte que votou a Constituição de 1946. Exerceu interinamente a Interventoria Federal no Rio Grande do Norte durante o Estado Novo.

Serviu no Ministério das Relações Exteriores como alto funcionário do consulado do Brasil na Alemanha. Recebeu a Legião de Honra concedida pelo governo francês. Foi membro dos Gabinetes dos Ministros da Marinha e da Justiça. Exerceu diferentes cargos de Secretário de Estado no Rio Grande do Norte e foi presidente do Instituto do Sal.

Dioclécio Duarte era um intelectual erudito, orador parlamentar de grande prestígio e escritor, tendo publicado várias obras em que abordou temas econômicos. Desfrutou da amizade, do respeito e da admiração dos mais renomados escritores brasileiros da época.

Meus amigos:

É grande a satisfação que sinto ao ingressar nesta Casa de Cultura, que tem como patrono máximo o escritor e cientista social Luís da Câmara Cascudo. A ele se aplicam os versos em que Machado de Assis homenageia o filósofo Spinoza. De início, Machado exalta a dedicação do pensador à atividade intelectual. Depois reconhece que o filósofo terá de cumprir "a lei comum". Então, conclui: "(...) e morres, e transmutas/ O suado labor no prêmio eterno".

O suado labor do antropólogo, historiador, romancista e, sobretudo, humanista Luis da Câmara Cascudo resultou na extensa produção de obras que desafiam o tempo. E essa perenidade da obra cascudiana é o "prêmio eterno" a que se refere Machado de Assis no final de seu poema.

Como já se disse que a existência de Machado de Assis prova que o Brasil é um país viável, pode-se dizer também que a existência de Luis da Câmara Cascudo demonstra a viabilidade do Rio Grande do Norte.

Meu caro Vicente Serejo:

Agradeço comovido as palavras excessivamente generosas da saudação que você me fez em nome desta Academia. Todos nós que somos seus fiéis leitores admiramos o seu invulgar talento de escritor, jornalista, cronista e ensaísta. Mas o que impressiona, sobretudo, é a sua sólida formação cultural e, a serviço dela, a refinada qualidade de seu estilo que, além das melhores características do moderno jornalismo, contém uma dicção poética que sobressai tanto em suas crônicas como em quaisquer peças literárias que produza.

Um ponto comum nos identifica fortemente: a memória de seu tio e meu grande amigo, já falecido, Antônio Luiz de Aguiar Mattos Serejo, um dos mais dignos e brilhantes profissionais do Direito que o Rio Grande do Norte já teve, pelos conhecimentos jurídicos e

pela ética que norteava o seu comportamento, primeiro na advocacia e, depois, no exercício do cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça do nosso Estado.

Senhor Presidente:

Não tenho o propósito de ocupar o espaço que era de Aluizio Alves nesta Academia: apenas ocuparei a Cadeira que a ele pertenceu. Até porque sei que a pretensão de substituí-lo à altura seria irrealizável. O espaço nesta Academia que era dele por todos os seus méritos, reconhecidos não só em nosso Estado como nacionalmente, não será jamais preenchido. Como não será em tempo algum preenchido o espaço que ele ocupava, com sua inteligência e a força de sua personalidade, na militância política, no jornalismo, nas atividades empresariais, na vida pública do nosso Estado e de nosso país.

Discurso lido no Salão no Salão Nobre da ANRL, na noite de 10 de julho de 2009.

Saudação à escritora Eulália Duarte Barros pelo acadêmico Paulo Bezerra

Quando eu fui escolhido para fazer a saudação de praxe, aqui nesta Academia de Letras, na cerimônia de posse de Eulália Duarte Barros, e agora está acontecendo, eleita que foi pela vontade soberana dos seus membros, senti um forte baticum dentro do peito, bem aqui do lado esquerdo, qualquer coisa assim como um prazer imenso e um bem estar, agarrados, no entanto, à responsabilidade maior de não dizer palavras ao vento, mas antes aquelas impressas na face do granito, a ecoarem todas dentro de mim mesmo, ao mesmo tempo e no mesmo ímpeto. É que partindo da fibra mais sensível de um velho sertanejo do Seridó que nem eu, já vislumbrando o sol poente do seu viver, se por um lado tem dureza da terra seca e nua lá, e a aridez daquele bioma único e desprezado, de outra parte trás o elenco multifacetado das coisas que se cristalizaram na formidável civilização avoenga que herdamos. Receba, portanto, Lalinha, os meus parabéns e os da gente ordeira da minha terra por mim trazidos até você.

Foi em Goianinha onde ela nasceu e desabrochou para a vida, no Engenho Ilha Grande – um bem de raiz – em terras de Mata onde a monocultura da cana para a produção do açúcar, da rapadura e da aguardente e onde as chaminés fumacentas, as casas amplas confortáveis, com móveis, trastes e utensílios vindos de fora, a cavalaria e as charretes, os cuidados com a educação, com a saúde e com os usos e costumes, em suma, o fascínio dos engenhos, uma casta fidalga, o titulo de barão. Daí, o seu encantamento pela vida rural, pela sua origem, e as águas cantantes e cristalinas, e as suas flores todas, de tantas cores.

Depois vieram os estudos na cidade grande onde minha prima Amélia Bezerra Filha, (a Melissinha), precedeu Dona Noilde Ramalho na direção da Escola Doméstica e onde ela, a ribeirinha, com imensa satisfação é ex-aluna, guardando no peito o carinho e, por que não dizer, o orgulho de haver estado ali, ajudando a fazer a renomada Escola. Em 2000 publicou valioso trabalho – "Uma escola suíça nos trópicos" - onde revela o seu poder de observação, o seu estilo de escrever registrando a história fecunda da Escola então já

existente entre nós, que veio para educar a mocidade daqui e a de longe. Fala da fundação em si, das professoras vindas do estrangeiro, das outras tantas e de tantos outros mestres, do currículo, do fardamento, da disciplina, dos lautos jantares - os tais banquetes daqueles tempos - da visita de grandes nomes e da impressão por eles assinalada em livro próprio, além de alongada documentação fotográfica e da relembrança de pessoas simples e humildes, ainda vivas na sua memória, que ajudaram também, com as suas mãos já cansadas de tanto lutar, a escrever a história.

Pontos de encontro há entre nós quando falamos de Escola Doméstica. Sei de quando minhas irmãs estudaram nela, no prédio da Ribeira para aquele fim construído -onde o seu primeiro ninho!- a mais velha, vinda ao mundo em 1916, e a mais nova em 1920, contemporâneas de outras tantas parentas, no regime de internato. Como o nosso modo de viver sempre esteve preso aos costumes do sertão, continuando na mesma pisada, i. é. sem comemoração disso ou daquilo, sem festa de aniversário, de natal, de virada de ano e coisas tais, vez por outra, no entanto, os ensinamentos, da Escola, fundada em 1914, eram repassados por elas, as minhas irmãs, na feitura de biscoitos e iguarias outras, de almoço e de jantar , afora observância constante dos bons costumes, do bem receber, do bem tratar, do bem vestir asseado e limpo e, de resto, da civilidade enfim, diante todas ali ensinadas, algumas então já vigentes nos sertões do Seridó, porque herdadas de costumes vindos de longe, do além mar, em priscar eras, sobretudo da Península Ibérica.

Depois homem feito, formado, pai, veranista da velha Redinha, fui ter com o meu bom amigo Fernando Cabral de Macedo, agrônomo da fornada de Areia, na Paraíba, em casa da sua sogra Dona Maria Vênus, viúva do Dr. Abelardo Melo. E de conversa em conversa, ela, ex-aluna da E.D. tomou ciência de que eu era o irmão caçula da sua grande amiga Lourdes, apelidada Cadocha, também ex-aluna, e foi apanhar entre os seus guardados, velho cadernos de lembranças com anotações feitas por ambas , onde a assinatura das duas, no que se tornou, aquele instante, num momento de terna emoção para todos nós.

Ademais, no livro biográfico sobre Noilde Ramalho, de Daladier Pessoa da Cunha Lima, onde há fotografias de ontem, saí catando, uma a uma com lente de grau, e encontrei ás folhas, tantas, o rosto da minha irmã mais nova, entre jovens estudantes - e eram quatorze - que se congregavam alegremente, sendo nominadas entre elas, Valdeci, Elza Bezerra, (esta, sobrinha do meu pai), e Valdívia.

Estes, os nossos encontros ao acaso, em idos tempos.

Graduada em Letras pela nossa Universidade, mestra em Educação, lecionou nos cursos de Pedagogia e de Licenciatura, criou o Núcleo Educacional Infantil do qual, por anos, foi a sua diretora e ensinou no Curso de Licenciatura, na disciplina Psicologia da Educação. Amante das letras, com escrita simples e correta, atuando no Conselho Estadual de Cultura, é sócia efetiva da União Brasileira de Escritores, (UBE-RN) e, quase sempre, se fez presente nos acontecimentos desta Academia.

Em 2004 publicou "Verdes campos verdes vales" alentado trabalho onde se acham as suas raízes, as mais profundas e entranhadas no sensitivo das suas emoções, a sua terra, o berço, a família e toda uma gente que respirava o mesmo ar, rezava as mesmas rezas e cuidava do bem público com seriedade e carinho, num mundo de engenhos que as lides do futuro foram sepultando, assim como tantas coisas sepultaram no Seridó, sobretudo quanto a cultura do algodão mocó. Reconheci no acervo dos retratos a figura do Dr. Joaquim Manuel de Meiroz Grilo (1892-1956), juiz de Direito na minha terra, que me levou com sua mulher, a nativa Geralda Barroso de Meiroz Grilo, no ano de 1933, lá no Acari, à pia batismal, observando todo o rito do tempo: a reza, a água, o sal, o óleo, a veste branca, a vela acesa, o toque sutil dos dedos do celebrante Padre José de Medeiros Leite, mais tarde bispo de Oliveira, em Minas Gerais, nos ouvidos e nos lábios do batizado.

A mulher de quem eu falo soube ser filha, esposa e mãe e também tem sabido, de algum tempo a esta data, ser avó. Aí, ao ser companheira de Genibaldo Barros, exemplo de sertanejo probo, primo meu do segundo grau de sangue, uniu o Sertão, aquele mundo a um tempo seco e quente, pedregoso e poeirento, de solo escarvado e raso, árvores sem folhas, nuas, mas, noutra fase, a terra viçosa, molhada e

cheirosa, e as flores e os passarinhos e os frutos, unindo assim tudo aquilo à Mata – verdejante ribeira com as suas diferenças e os seus terrenos de arisco vezes planos, vezes ondulados, entrelaçando deste modo as duas etnias – a do Sertão e a da Mata – para os confins dos tempos vindouros. Também o progresso, do ponto de vista sentimental, foi ingrato ao transformar a atividade canavieira, trabalhosa, é verdade, e a precisar de muitos baços, em tristes e solitários engenhos de fogo morto. De esposa a mãe foi um pulo. A descendência sadia e bem formada, voltada para os livros, chegou à Universidade buscando, cada um por si, o próprio caminho, o seu destino.

De modo que precisava zelar dos filhos, protegê-los, encaminhá-los, dar-lhes educação, amor e amizade e, por outro lado, cuidar do marido no desempenho da sua longa, profícua e limpa vida pública em cargos importantes que por tanto tempo exerceu com asseio e ética e, por quê não se ocupar de si mesma, na luta permanente e empedernida em que se empenhou farejando no rasto do saber, do conhecimento e da cultura! ... Entre tantas coisas, lá um dia – e em mim ainda não havia nem sequer cabelo branco – fui chamado a uma homenagem na minha terra, uma lembrança simples que fosse, onde estavam jovens de então, titias, mães e avós de hoje e gente que já se foi arrebanhada pela moça Caetana. Ali, metido em roupa de gente lorde, de paletó e gravata, sapato engraxado, recebi uma lembrança que me foi entregue por ela, com um sorriso discreto, esguia, metida num vestido longo e branco, uma cidadã naquela noite festiva do Seridó, depois do que um aperto de mão fechando a cena. Corria o ano de 1975, porém, por ali uma máquina de tirar retrato havia, documentado o ato.

Em 2014 veio à luz outro valioso trabalho, este a quatro mãos, em parceria com Nídia Mesquita, também ex-aluna e senhora da fazenda Arvoredo, em Macaíba. Nele estão reproduzidas cento e vinte e três (123) fotografias maravilhosamente processadas, verdadeiros documentos do dia a dia das atividades da Escola no decorrer destes 100 anos, daí o seu título "Escola Doméstica de Natal – 100 anos em retratos".

E assim por diante. Passo a passo, com determinação, comprometida com os novos dias que vinham chegando carregados de

esperanças as mais diversas, umas a se fixarem, outras fugazes, algumas mutáveis ao correr dos anos, foi conquistando o seu mundo de todas as horas, para se afirmar senhora do seu tempo, ajudando com o seu procedimento a desatar os nós cegos que tolhiam as mulheres com tantas amarras, tirando-lhes, portanto, as peias para outros enfrentamentos, outras posturas, outra vida.

Isto posto, Lalinha, seja bem vinda a esta Casa, porque este é o seu lugar. Puxe a cadeira 13 que lhe deixou Ana Maria Cascudo Barreto e se abanque, posto que por merecimento a ela você chegou carregando valores nascidos do berço, aqueles outros tomados aos seus mais próximos, e todo um aprendizado de vida que lhe deram, e que foram tantos, e de tantas outras pessoas, tudo somando ao longo do seu linheiro, sadio e claro caminho, segundo o seu entendimento e o seu bem querer.

Aqui, senhoras e senhores, o meu dizer chega ao fim. De resto, estamos todos de parabéns. É que Lalinha e a Academia se merecem.

Obrigado

Natal, 13 de julho de 2016

Discurso de posse da Acadêmica Eulália Duarte Barros

Chego a esta Academia no ano em que se comemoram os oitenta anos de sua fundação. Sinto-me no dever de iniciar a minha fala, contando "à guisa de introdução" um resumo da história de como tudo aconteceu.

As minhas palavras não são de elogios - elogios são fáceis de serem levados pelo vento e pelo tempo.

Quero fazer homenagens. A primeira e a mais merecida e justa a um jovem de 38 anos, em uma cidade pequena e provinciana, mas que abrigava homens e mulheres de intelectualidades reconhecidas, mas com tendências culturais diversas. Aquele jovem conseguiu motivá-los e unificá-los na mesma direção e determinação: fundar uma Academia de Letras.

Depois de duas tentativas frustradas por diferentes motivos, consegue na terceira reunião concretizar o sonho. Esse jovem, Luís da Câmara Cascudo, com a participação ativa e valiosa do escritor Henrique Castriciano de Souza, desenvolveu trabalho com outros intelectuais.

Não foi fácil, pois havia cicatrizes de embates políticos partidários e suas consequências, separando parentes e amigos de ideologias diferentes. O Dr. Otto de Brito Guerra diz que foi preciosa a colaboração dos intelectuais amigos que se reuniam, em várias ocasiões para discutir o projeto de criação da Academia.

O Dr. Adherbal de França, seu grande colaborador assim sintetiza: "uma tarde de domingo no dia 09 de agosto de 1936, quando a sombra da noite nos advertiu do tempo consumido, a Instituição virtualmente estava lançada sobre a base de 25 nomes". Diz ainda o Dr. Otto Guerra "que a primeira reunião dessa fase (a preparatória) realizou-se no dia 14 de novembro de 1936, às 19h30 horas, em reunião nas salas do Instituto de Música, na rua Vigário Bartolomeu, num. 630, cedido por gentileza do seu Diretor, o Maestro Waldemar de Almeida".

Câmara Cascudo presidiu aquela primeira reunião e considerou essa data como o Ato da Fundação da Academia, e foi constituída a sua primeiro diretoria.

Presidente: Henrique Castriciano de Souza

Secretário: Luís da Câmara Cascudo

1º Secretario: Edgar Ferreira Barbosa

2º Secretario: Adherbal de França

Tesoureiro: Clementino Hermógenes da Silva Câmara

Comissão de contas

. Francisco Ivo Cavalcanti

. Virgílio Galvão Bezerra Trindade

.Francisco Tavares Pereira Palma

Comissão de Regimento interno

. Sebastião Fernandes de Oliveira

. Matias Carlos de Araújo Maciel Filho

.Otto de Brito Guerra.

Comissão de redação da revista

. Juvenal Lamartine de Faria

. Floriano Cavalcanti de Albuquerque

Antônio Soares de Araújo

Estou trazendo agora, neste solene momento, os nomes que são os alicerces e pilares desta casa, e que, no dizer de Cascudo, são "os sumidos na voragem da eternidade" aos quais devemos tanto.

A bandeira, o selo e o timbre da Academia, devem-se ao Padre Acadêmico, Jorge O´Grady de Paiva.

Foi solicitado ao Acadêmico Padre Luiz Gonzaga do Monte, criar e apresentar o lema da Academia. Ele, com a sua erudição preparou quatro lemas, e foi aceito o mais profundo em beleza gráfica, e sobretudo, na significação e no conteúdo: "Ad Lucem Versus" – Rumo à Luz.

Essa luz já dissipava qualquer discriminação, admitindo-se duas expressivas representantes do sexo feminino, Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, como acadêmicas. E a escritora Nísia Floresta, e a poeta Auta de Souza, como patronas, por escolhas dos Acadêmicos H. Castriciano e Palmyra Wanderley, respectivamente.

Hoje, a Academia é composta por 40 Acadêmicos, que conservam os mesmos patronos da fundação desta Casa e que honram-na com as suas inteligências e as suas erudições, na pessoa do Acadêmico Manoel Onofre Jr. e na memória do saudoso Ticiano Duarte.

Neste ano de 2016, em que esta entidade completa 80 anos , tenho gestos de louvor e acho oportuno nominar aqueles que foram seus presidentes:

.Henrique Castriciano de Souza

.Antônio Soares de Araújo.

Juvenal Lamartine

Paulo Pinheiro de Viveiros

Américo de Oliveira Costa

Edgar Barbosa

Paulo Pinheiro de Viveiros

Manoel Rodrigues de Melo

Onofre Lopes da Silva

Dom Nivaldo Monte.

Esta jovem e bonita senhora teve a sorte de bons presidentes. Eu rendo minhas homenagens ao professor Dr. Diógenes da Cunha Lima, que é o sustentáculo dessa Academia, e o grande biógrafo de Cascudo. Faço menção honrosa a Manoel Rodrigues de Melo que com muito amor, construiu este prédio e que é um marco na arquitetura da cidade, a casa da família acadêmica.

Cumprindo determinação convencional das Instituições Acadêmicas, discorro sobre o patrono da Cadeira número 13, o Dr. Luiz Manoel Fernandes Sobrinho, por quem Cascudo devotava admiração e respeito.

Nome hoje quase desconhecido ou pouco lembrado, o Dr. Luiz Manoel Fernandes Sobrinho nasceu em Caraúbas, no sitio "Sabe Muito". Filho de Bevenuto Praxedes de Oliveira e Maria Messias de Oliveira

Bacharelou-se em Direito a 3 de outubro de 1885, em Recife. Foi promotor em Apodi, depois em Ceará-Mirim, Juiz municipal em Macaíba, Juiz de Direito em São José de Mipibu, foi Desembargador e Juiz Federal. Exerceu a magistratura por 30 anos.

Na politica foi Deputado de 1892 – 1894. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rn, em 29 de março de 1903.

Destacou-se ainda como jornalista e organizou notável pesquisa sobre a imprensa de 1832- 1909, pesquisa continuada por Manoel Rodrigues de Melo, 1909 – 1987, como me diz a palavra certa e a pesquisa real do acadêmico Jurandyr da Costa Navarro, a quem também eu reverencio.

O Dr. Luiz Manoel Fernandes Sobrinho faleceu em setembro de 1935. Cascudo muito o admirava e não o queria no esquecimento dos que se vão.

Falar sobre Luís da Câmara Cascudo é dizer do homem que é referência indispensável para estudar e pesquisar a cultura brasileira. E como diz Vicente Serejo.

"Um bandeirante do século XX, fixou os primeiros traços do mapa etnográfico do continente cultural do Nordeste"...

Começo recitando os dois primeiros versos do poema ufanista "Minha terra" de Cassimiro de Abreu: "Todos cantam a sua terra também vou cantar a minha". Aqui não estou me referindo às riquezas e paisagens do Rio Grande do Norte. Inspirando-me na poesia de Cassimiro de Abreu, quando enalteceu o Brasil nação, hoje estou também querendo exaltar a nossa riqueza intelectual, representada por Luís da Câmara Cascudo.

Canto a terra do Rio Grande do Norte, na pessoa do Mestre, que soube amá-la, fazê-la conhecida e valorizada por todo o Brasil, nunca cantando para ela a melodia nostálgica e saudosa do adeus...

Ele, Cascudo, se dizia:

"Fico por aqui. E quando saio, sou como um pombo correio. Volto certinho para meu canto"!

Câmara Cascudo nasceu no dia 30 de dezembro de 1898, às 17;30 horas de uma sexta feira, na Rua Senador José Bonifácio, 212, também conhecida como Rua das Virgens, no bairro da Ribeira, e se dizia Canguleiro.

É ele mesmo que informa:

"O Padre João Maria batizou-me e Ferreira Chaves e sua esposa dona Alexandrina me apadrinharam, no Bom Jesus Das Dores , Campina da Ribeira, Capela sem Torre, mas o sino tocava as Trindades ao amanhecer.

Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues de Aldeia Velha, onde vivera Felipe Camarão, como eu.

Havia cantigas e corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas plantadas por Herculano Ramos.

Auta de Souza embalou-me o sono. Pedro Velho pôs-me na perna. Vi Segundo Wanderley declamar. Ferreira Itajubá cantando. Alberto Maranhão passeando a cavalo, na manhã de domingo, festas do Tirol, violão de Eronildes França. Livros, cursos, viagens. Sertão de pedra e Europa".

Morou em uma granja do Tirol, onde passou parte de sua infância e mocidade, cercado de livros, luxo e circunstâncias, propor-

cionados pelo seu pai o Cel Francisco Cascudo e a senhora sua mãe, Ana Cascudo, então um casal abastado.

Depois mudou-se para um sobrado na rua da Conceição e definitivamente fixou-se na sua bela e agradável casa da Rua Junqueira Aires, nº 337, com a sua mulher e seus filhos

Se ele considerava sua infância enfermiça e solitária, sem passeios e sem companhias de meninos da sua idade: não corria, não brigava e cercado de cuidados aflitos e dietas alimentares, a sua mocidade e maturidade foram ativas, alegres, marcantes e produtivas.

Uma forte presença física, com uma farta e revolta cabeleira e "uns olhos trespassados de azul", como escreveu Sanderson Negreiros, faziam dele um homem elegante, finamente cavalheiro, sedutor e "quase bonito".

Com apenas 20 anos de idade, forma-se em Direito na Faculdade de Recife, depois de ter abandonado o curso de Medicina.

Aos 18 anos escreve em jornal sua primeira crônica: "Bric a Brac", em estilo moderno com períodos curtos e pouca adjetivação. Nada de metáforas ou de imagem rebuscada, como afirma Nilo Pereira. Depois passou a escrever no jornal "A República" as suas famosas "Actas Diurnas", que foram publicadas nesse jornal e no "Diário de Natal" e depois novamente em "A República" por mais de 30 anos, como afirma o Acadêmico Cláudio José Freire Emerenciano em uma palestra no Tribunal de Contas em homenagem a Cascudo.

Em 1921, Câmara Cascudo escreve o seu primeiro livro: "Alma Patrícia", e até o seu ultimo livro: "Historia dos Nossos Gestos", tem uma bagagem literária de mais de 150 obras publicadas.

Essa produção literária do meu homenageado foi pesquisada, estudada e catalogada pela poeta Zila da Costa Mamede, e é a maior documentação sobre a obra de Cascudo: "Luís da Câmara Cascudo; 50 anos de vida intelectual – 1918-1968".

Todos os acadêmicos escreveram sobre ele. O presidente Professor Diógenes da Cunha Lima é seu grande biógrafo e o acadêmico Vicente Serejo estudioso da sua produção literária.

O professor Humberto Hermenegildo de Araújo criou, em 2004, na UFRN, um "Núcleo Câmara Cascudo de estudos norte--rio-grandenses", que, pela proposta inicial do referido professor, é congregar estudos sobre a literatura e a cultura norte-rio-grandense, e particularmente a obra cascudiana.

Esse Núcleo é um grande difusor da obra de Câmara Cascudo, graças a profundidade do estudo e dedicação do Professor Hermenegildo.

Câmara Cascudo dizia que amava tudo o que escreveu, mas achava que:

1- Civilização e Cultura

2- História da Alimentação no Brasil

3- Dicionário do Folclore Brasileiro

4- História dos Nossos Gestos

eram livros que haveriam de perpetuá-lo como etnólogo, folclorista e antropologista. No entanto o livro que mais lhe agradava era o "Canto de Muro", publicado pela José Olympio em 1959. Ele dizia que:

"nem sequer posso modificá-lo porque parece trabalho mediúnico, é o que mais amo pelo conteúdo de intensa significação moral e pelo esforço para realizá-lo"

Câmara Cascudo foi historiador, sociólogo, conferencista, tradutor, orador, também professor de música, com disciplina "Historia da Música", como afirma o pesquisador Gumercindo Saraiva.

Cascudo estudou os contos populares, as crendices, a rede de dormir, os nomes da terra, cantadores da literatura oral, a cozinha africana, mouros, franceses, judeus, as coisas que o povo diz, a cachaça, os vaqueiros, a sociologia do açúcar, e as jangadas.

O grande professor e escritor Dr. Américo de Oliveira Costa, a quem rendo minha homenagem pelo seu grande valor intelectual e humano, disse.

"Nada de que é humano é estranho para ele, na ciência do homem, no estudo do homem, na explicação do homem"...

Cascudo era um grande prosador e a sua presença em qualquer reunião das diferentes realidades sociais, intelectuais e politicas, era a certeza da animação que ele trazia com a sua erudição, sua verve e seu carisma.

A primeira tese magistral sobre a intencionalidade do descobrimento do Brasil, foi escrita por Luís da Câmara Cascudo e defendida perante a Congregação do velho Atheneu Norte-rio-grandense.

Estava presente o Almirante Gago Coutinho, já glorioso pela travessia aérea de 1922, em companhia de Sacadura Cabral.

Diz o Acadêmico Nilo Pereira, que Cascudo e a sua tese foram aplaudidos pelo Almirante português e por toda a Assembleia.

Correspondia-se com intelectuais de todo o Brasil e também do estrangeiro. Com Mário de Andrade estabeleceu uma grande correspondência e uma grande amizade.

Quando Mário de Andrade esteve no Rio Grande do Norte a convite do intelectual Antônio Bento de Araújo Lima, no Engenho Bom Jardim, na minha Goianinha, de dezembro de 1928 a janeiro de 1929, Cascudo a ele se juntou. Percebendo que Mário de Andrade necessitava de um piano para acompanhar Chico Antônio em suas emboladas e seus "cocos", Cascudo pediu ao meu pai, Manoel Duarte Filho, de quem era amigo (e compartilhava a 1º botada da cachaça fabricada no engenho) que fizesse chegar ao Engenho Bom Jardim, da família Araújo Lima, o piano do engenho Ilha Grande.

A minha avó, Eulália Sales Duarte, mandou o melhor carreiro do Engenho, José Cardoso, trazer a melhor junta de bois, e quatro homens dos mais jovens e fortes para segurar o piano com zelo e cuidado, como se abraça a pessoa amada.

Da Ilha Grande ao Bom Jardim, são oito quilômetros de estrada carroçável. E era tão grande a responsabilidade do carreiro,

e dos homens que abraçavam o piano, que só se escutava o cantar nostálgico do carro de boi.

Ao voltar, o piano trazia na memória de suas teclas de marfim, o toque suave das mãos de Mário de Andrade e a voz bonita e sedutora na "pancada do ganzá" das canções de Chico Antônio.

Este episódio me foi contado por dona Dharcília de Araújo Lima, uma das moças mais bonitas de Goianinha do seu tempo, e pelo Sr. Agenor Lima que foi prefeito de Goianinha. O escritor e poeta Lívio Oliveira disse que isso merecia um conto.

Câmara Cascudo era "um brasileiro feliz", no dizer do poeta e escritor Diógenes da Cunha Lima, que foi seu aluno, colega e biógrafo, conhecedor de suas manhas e suas grandezas. Ele adotou Diógenes como filho, aprovado por Fernando e Anna Maria e abençoado por D. Dhália.

Cascudo amava devotamente a sua família, ele dizia que a sua casa, a sua mulher, seus filhos e seus netos eram o seu porto e o seu chão.

A sua mulher Dona Dhália foi o seu grande AMOR.

Em 18 de julho, ele escrevia na mais elegante e sedutora declaração:

"Hoje, 18 de julho, é aniversário da minha mulher. Tem a meus olhos a idade com que se casou . Não sei o ano que nasceu. Sua graça independe do tempo". "Vai morrer menina..."

Cascudo tinha frases fortes e sábias e algumas delas me marcaram:

1- "Nunca mastiguei a borracha adocicada da inveja"

2- "Se tua vida interior não constituir uma companhia na velhice, foi inútil a cultura conquistada".

3- "Já não podendo ouvir música, penso-a, mas não mais a percebo com clareza e sequência harmônica, perdi a intimidade com o som".

Câmara Cascudo recebeu todas as honrarias merecidas: Nome de Biblioteca, Museu, Rua, Lei, Escola, Cédula, rótulo de Vinho Português e a ultima "post mortem", foi do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, no ano de 2015.

Ele tratava os livros como seus companheiros, seus mestres, suas referências. Era um leitor obsessivo.

Em uma entrevista ao escritor e poeta Sanderson Negreiros, Cascudo lamenta a ausência de livros na eternidade, o que para ele era uma grande carência.

Em tempos passados, em uma tradicional livraria de Natal, havia na parede esta frase de Castro Alves:

"Quando diante de Deus vos apresentares tereis um livro na mão"

O proprietário dessa livraria, Walter Duarte Pereira era um homem culto, finamente educado, atencioso, elegante, e humano. Atendia a todos com fidalguia. Nessa livraria reuniram-se intelectuais para aquisição e empréstimo de livros, conversas literárias. Segundo Mário Moacyr Porto esses encontros constituíam-se na troca de informações, superando inclusive reuniões acadêmicas.

Diz a poeta Marize de Castro que, naquele Natal de pouco mais de 200 mil habitantes, uma boa parte do universo literário girava em torno de Walter Pereira, e completa Woden Madruga:

"Quantos escritores não receberam dele, o estimulo, o empurrão, o aplauso".

Ali os intelectuais se sentiam prestigiados, gozavam de todas as facilidades e recebiam infalivelmente a saudação hiperbólica do livreiro, como registra o poeta e acadêmico Paulo de Tarso Correia de Melo, em um artigo da Revista da Academia.

E é para Câmara Cascudo que eu invoco a saudação hiperbólica de Walter Pereira: "Salve, bandeira desfraldada do Rio Grande do Norte".

Desfraldar uma bandeira é soltar ao vento o sagrado pano distintivo de uma nação, corporação, partido. Ninguém melhor do que

Walter Pereira para saudar Cascudo. “Salve, bandeira desfraldada do Rio Grande do Norte”, eu acrescento, tomando emprestado os versos de Castro Alves:

“Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa de Natal beija e balança,”

Lembro e venero o homem Luís da Câmara Cascudo, no poema do Acadêmico e escritor Umberto Peregrino:

- Louvo em Cascudo, as grandezas de minha gente.
- louvo a raça rija, louvo os oitenta.
- louvo os braços , louvo os peitos, louvo a mente.
- louvo o riso ruidoso.
- louvo o saber.
- louvo os livros.
- louvo o autor, esse danado nas estranjas respeitado.
- louvo o pai, louvo o avô.
-louvo o homem.
-louvo o amigo.
-louvo as vivências que tem como ninguém desta terra.
-e louvo o afeto que seu peito encerra.

AMÉM !

ORIANO DE ALMEIDA

Com a morte de Câmara Cascudo, em 30 de julho de 1986, a cadeira nº 13, fundada e escolhida por ele, fica vaga durante um tempo.

Para ocupá-la foi eleito Oriano de Almeida, em 15 de dezembro de 1994, e assumindo a 12 de setembro de 1996.

Era a sonoridade das notas musicais tiradas do piano para musicar as letras do que o grande antecessor eternizara.

Oriano nasceu em 15 de julho de 1921, em Belém do Pará e veio para Natal aos 7 anos de idade, onde passou a morar com o seu tio Maestro Waldemar de Almeida, que foi o seu primeiro e grande professor.

Mais tarde tarde já no Rio de Janeiro preferiu aprimorar seus dotes e conhecimentos pianísticos com a grande Magdalena Tagliaferro, sobre quem escreveu um livro, editado pelo Instituto Histórico do RN em 1993.

Interpretava ao piano Bach, Beethoven, Debussy, Mozart, e sobretudo Frederic Chopin.

Com Chopin percorreu o Brasil em cerca de 200 concertos.

Na Polônia, Varsóvia em 1949, recebeu um Diploma de Honra, e seguiu, com sucesso em vários países da Europa, com a sua música e sua virtuose.

Oriano de Almeida é um dos maiores nomes da nossa música nacional.

Como dizia Enélio Petrovich: "ele se impõe diante de nós e se revela digno de nossa admiração, como escritor de livros":

1- A música através dos tempos (maio 1991)

2- Magdalena Tagliaferro, dona Madalena (1993)

3- Um pianista fala da música (1996)

4- Paris nos tempos de Debussy (1997)

A Editora Universitária, lançou em 1991, o seu livro a "A música através do tempo" e o acadêmico Jurandyr da Costa Navarro, que o prefaciou, considera "um estudo de cunho histórico, concernente a música e os seus grandes vultos."

Em seu livro "Paris nos tempos de Debussy", ele se transporta ao século XIX na vida parisiense da "Belle Époque", uma fase elegante com os vultos e personalidades de músicos e artistas inesquecíveis, como Claude Debussy e Frederic Chopin.

O Acadêmico Valério Mesquita, que quando Deputado lhe outorgou o titulo de cidadão norte-rio-grandense, falando sobre Oriano diz: "sua obra tem abrangência nacional e internacional".

Oriano de Almeida, conta no seu discurso de posse, que em uma estrelada noite, em casa de João Alfredo Pegado Cortez, que se dizia Conde de Miramonte, ele, Oriano, foi promovido a Duque, em uma cerimônia medieval, onde não faltou o leve toque nos ombros, com a ponta da espada, bem como a sugestiva faixa simbolizando o seu novo titulo de nobreza: Duque D´ Almada.

Esse toque de espada foi dado pelo Grão Vizir daquela corte, Dom Luís da Câmara Cascudo, fazendo Oriano ajoelhar-se para receber o titulo e a aristocracia. Para ele, Oriano, foi um "belo sonho numa noite de verão", e saiu do Castelo de Miramonte convencido que se tornara realmente um nobre, sua Alteza Real Duque D´Almada. Este personagem descoberto por Cascudo nos arquivos da imaginação romântica , ou do seu conhecimento de ciência heráldica, principalmente referente a Portugal e Espanha.

Oriano de Almeida, pertencia à aristocracia, não aquela de pomposos títulos. Mas a aristocracia de berço, de educação, de respeito, de família intelectualizada, de discrição, de sobriedade.

Seu tipo nórdico com azul-cinza dos seus olhos, seus louros cabelos, seu sorriso contido, sua elegância de trajes e gestos, e as suas mãos de pianista procurando "a nota azul" de Chopin, faziam de Oriano um verdadeiro cavalheiro.

Além de várias composições musicais de sua autoria como valsinhas, compôs 20 peças de temas nordestinos, chamadas de prelúdios potiguares. Oriano foi intérprete da literatura ao piano, a músi-

ca foi o seu universo, e o seu refúgio no caso de sua vida de solidão em um quarto de Hotel.

Morreu aos 11 de maio de 2004, em Natal, com a assistência de poucos amigos. Deixou para nós a mensagem de sua arte, o exemplo de sua dignidade, as suas composições, os 4 livros que escreveu, que são coisas que permanecem indiscutíveis como as sonatas que compôs. Era realmente um cavalheiro.

E o homenageio com o belo poema de Paulo de Tarso Correia de Melo:

"Eras um rosto e um jardim fechado
plantado de silêncio e de perguntas
mistério resoluto e emigrado
para estranha paisagem do mais nunca".

ANNA MARIA

Uma mulher do seu tempo. Ela era o passado, o presente e profetizava o futuro de sua geração: a sua família.

Ela se descreve, como desembaraçada, alegre e ingênua e diz que desafiou os costumes da época, com ousadia e muita discrição.

Ela cita um ditado chinês que diz:

"O sobrenome é importante, mas a educação é mais".

Ela foi contemplada com duas dádivas e soube honrá-las e transmiti-las.

Filha de Dhália Freire Cascudo e de Luís da Câmara Cascudo, foi desde criança cercada de livros, intelectuais, amigos e plena de ideias e ideais, como ela declara em uma Revista de nossa Academia.

Teve uma infância feliz e muito cedo começou a entrar no mundo da música, como parte importante de sua educação doméstica; as suas cantigas de ninar foram cantigas de violeiro. Menina ainda, aprendeu a dançar e a cantar Pastoril e sabia de cor os versos da Chegança, Nau Catarineta e os Pontos de Umbanda, e assistia os "cocos de roda" em Areia Preta

Com sete anos de idade começou a estudar piano com a professora Lélia Petrovich. Depois fez curso no Instituto de Música, aluna atenta do seu pai, aprendeu a usar o metrônomo, a ler pauta e fazer o solfejo. Educou sua voz com o professor Alcides Cicco, classificada por ele como "soprano com tendência a ligeiro". Acompanhada ao piano por seu pai, ela cantou Waldemar Henrique, Heckel Tavares e Oswaldo de Souza.

Tanto a sua mãe, Dona Dhalia, como a sua avó, Dona Sinhá eram apaixonadas por Chopin, e essa paixão passou para Anna Maria, que o escutava com frequência

Aos 13 anos, Anna Maria ingressa no jornalismo, no jornal "A República", com uma coluna musical, "Cantinho do HI-Fi", com muito sucesso. E também em "A República" assina uma coluna: "Semanários, Arte e Moda", e também com a crônica diária na recém-fundada TV Universitária.

Ingressou no Ministério Público e foi a primeira mulher a atuar em um Júri, na cidade de Natal, na função de promotora e tinha, apenas, 17 anos de idade. Câmara Cascudo no seu livro "Ontem" assim fala desse acontecimento, com merecido orgulho.

"Desde o segundo ano de Direito, minha filha Anna Maria foi adjunta de Promotoria da Comarca de Natal. Esteve em exercício pleno, uma centena de vezes, de beca negra e veemência rubra, foi a primeira ocupante da Tribuna da Acusação no Júri, por sinal, enfrentando o seu professor de Direito Penal, defensor do réu, condenado a nove anos."

Quando terminado o curso, assumiu a efetiva promotoria de São Gonçalo do Amarante.

No mundo das letras e artes Anna Maria também se destacou: foi uma das 13 fundadoras da Academia Feminina de Letras, e ela afir-

ma em seu discurso de posse naquela Academia, que seguiu a estrada já palmilhada por Chicuta Nolasco Fernandes e outras idealistas.

Mas como ela confessa: seu sonho que realmente lhe impulsionava se ligava à entidade fundada pelo seu pai: a Academia de Letras do RN. O Acadêmico Vingt-un Rosado Maia adivinhou seus pensamentos e o seu sonho, lançando seu nome para ocupar a cadeira numero 13, fundada por seu pai.

E ela diz: ***"Então eu me senti merecedora na ilusão do sucesso literário, sem soberba com o ritual, pelo beneplácito dos imortais.".***

Ela assumiu a cadeira de número 13, em 2005.

Anna Maria foi membro de outras Academias Brasileiras e correspondente de Academias Portuguesas e Espanholas.

Como escritora lançou vários livros:

1- **O Colecionador de Crepúsculos**

2- **Neblina na Vidraça**

3- **Conquistas Femininas Potiguares**

4- **Sinfonia de Cristal**

5- **O Herói Oculto**

6- **Mulheres Especiais (em 2 volumes)**

7- **A Matéria dos Sonhos**

Em seu discurso de posse, Anna Maria diz que sonhar é função essencial da vida, ela que sempre teve conhecimento de que era resultante de um sonho. Nove anos depois do nascimento do seu irmão Fernando, D. Dhália sonhou com Santana, que lhe disse que

teria uma menina, o que se concretizou com o seu nascimento. O seu pai gostava de citar: a única coisa verdadeira, é o sonho.

Mas Anna Maria além de sonhos, viveu realidades às vezes duras. As grandes perdas de seus familiares, como a trágica morte do seu marido Newton Roberti Leite, pai dos seus filhos Niltinho e Daliana. Enfrentou com fortaleza e dignidade essa tragédia, com apoio dos seus pais e de seus amigos.

Mas, a vida lhe traria uma grande alegria na pessoa de Camilo Barreto, que conheceu em abril de 1968, e casou-se com ele em dezembro do mesmo ano, sendo a cerimonia oficiada pelo então Governador Monsenhor Walfredo Gurgel, no Solar da Junqueira Aires. Camila, sua filha, foi a concretização desse amor.

Como nos Contos de Fadas, foram "felizes pra sempre".

Camilo Barreto a quem eu rendo homenagem pela sua honradez, cavalheirismo, diplomacia, lealdade, e dedicação à família de Anna.

No "Livro das Revelações", de autoria do Presidente desta Casa, professor Diógenes da Cunha Lima, onde vários intelectuais responderam ao "questionário de Proust", Anna é indagada sobre a "qualidade superior de um homem", e responde:

"O homem é essencialmente porto, proteção, amparo, conforto, são palavras que eu associo ao meu pai que indicou o rumo; meu marido, acolhimento, luz com que divido a existência; filho, resultante do amor; neto, a esperança."

Seus filhos Newton, Daliana e Camila, foram a sua vida, e seguem o caminho com os netos, que hoje fazem a família Roberti Leite, Cascudo Barreto.

Essa família com sua fidelidade às suas origens, ao amor do seu patriarca maior, conseguiu sem ajuda oficial, guardar, expor e repartir todo o legado de Câmara Cascudo, no Solar da Junqueira Aires: O Instituto Ludovicus.

A casa de Câmara Cascudo está como sempre foi: as portas abertas, os quadros e retratos nas paredes, o passado espiando o presente, os livros em uma perfeita desarrumação (que ele chamava sua babilônia).

E se ouve o som monótono, de armador no balanço da sua rede, o cheiro agradável do charuto, o cálice dourado do cognac, e o vozeirão de Dom Luigi e a doce melodia da voz suave de Dona Dhália, e os resmungos cotidianos de Anália.

Anna Maria e Camilo, foram os responsáveis por esta conservação de memória de um tempo precioso e importante do passado, e que serve ao presente com rico acervo de literatura e arte. Daliana, Newton, e Camila, são os tutores e guardiões dessa casa, daquela vida, desse acervo que tem o nome de Instituto Ludovicus.

Anna Maria, em uma das suas falas, cita Paulo Bonfim:

"Passamos uma época da vida colecionando emoções, e outra colecionando saudades"...

E é grande, Anna, a nossa saudade.

A Acadêmica Palmyra Wanderley, dedicou-lhe um poema quando Anna era criança e era chamada de Anny, nome que a acompanhou pela vida no trato dos seus amigos mais íntimos.

E eu encerro essa homenagem com os versos da poeta Auta de Souza, que embalou Cascudo, versos estes com que Anna finaliza o seu discurso de posse:

"Ah! quem me dera ser também criança...

Ai quem me dera andar também voando...

Fazer dos astros um barquinho amado,

Nele vagar por todo céu dourado

As minhas dores ao luar cantando"

É muito grande, Anna Maria, a nossa saudade.

E aqui estou, coberta de merecido orgulho por entrar nesta casa e a ela me incorporar.

Agora na estação melancólica inevitável do outono, meus cabelos eu tinjo de dourado, enquanto procuro adiar o branco melancólico do inverno.

Não trago nada nas mãos que possa acrescentar à sabedoria, dignidade, honradez, cultura e inteligência dos acadêmicos que honram e dignificam esta Casa, pioneira maior da intelectualidade do Rio Grande do Norte.

Trago, sim, a minha identidade agresteira e a vida rural dos engenhos banguês. O vento que sopra diferente no canavial, a bagaceira, o som dos chicotes dos cambiteiros, a fumaça doce dos tachos de mel, denso, encorpado, fumegante. E o marcante cheiro do alambique, em sua destilação da cachaça, e o fim da tarde com apito nostálgico do engenho.

Não trago o pesado som das correntes dos escravos e o suor dos homens do eito no corte da cana.

Trago sim, os ensinamentos de meus pais Manoel Duarte Filho e Maria de Nazareth de Andrade Duarte, a dignidade de uma família que me proporcionou vivenciá-los e adquirir seus valores, com o seu exemplo e a sua dignidade.

Trago o meu declarado amor a minha família, ao meu marido que me fez mãe de Tristão, Tarcísio, Thiago e Maria Thaiza, aos meus netos, e as minhas noras, a minha irmã, cunhado e sobrinhos.

Trago ainda a minha gratidão aos Acadêmicos que em mim acreditaram, dando-me a honra de seus votos.

Serão encontros que mobilizam o tempo num só apanhado. É por isso que a Academia não guarda o perfil dos escolhidos, mas a força das ideias na ocupação da imortalidade. Estou consciente que não somos simples passageiros, somos pessoas, cujos sentimentos revelam as buscas procuradas.

Com esta sensação quero dizer a todos, vaidade à parte, que, por arte do destino, fui conduzida a esta instituição onde cada um desenha os horizontes da própria imortalidade.

Agora, que aumenta o círculo das criaturas que me olham e esperam alguma coisa de mim, dá-me, Senhor, um pouco de sabedoria, ensina-me a palavra certa, inspira-me o gesto exato, norteia minha atitude, conserva a minha fé e a minha dignidade. E que eu não perca o gesto do silêncio quando a palavra não souber dizer.

Meu amigo Paulo Bezerra:

Você foi "educado pela pedra, fruto da pedagogia sertaneja", como dizia o nosso inesquecível Oswaldo Lamartine, e eu acrescento que é uma cultura que caracteriza o seridoense pela sua honradez e dignidade. Dignidade, no seu exercício de médico, escritor, poeta, chefe e guia de sua família. Você serve de exemplo para seus conterrâneos amigos e admiradores. Sou grata pelas suas palavras que me apresentam a esta casa. E eu também, como Sanderson Negreiros, procuro no poente torreames de inverno para o seu sertão, molhando e renascendo a vida de sua amada fazenda Pinturas no chão sagrado do seu Acarí.

Discurso pronunciado no salão nobre da ANRL a 13 de julho de 2016.

NECROLÓGIO

Oração em memória de Francisco Fausto Paula de Medeiros pelo Acadêmico Armando Negreiros

Em 30 de julho de 2016 encantou-se Francisco Fausto Paula de Medeiros, aos 81 anos, após longo problema de saúde. Fausto ocupava a cadeira de número 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, que tem como patrono Pedro Velho, foi fundada por Sebastião Fernandes e teve como sucessores Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza e Umberto Peregrino. Tomou posse no dia 27 de abril de 2006. O presidente designou uma comissão composta por Anna Maria Cascudo Barreto, Armando Negreiros e Dorian Gray Caldas para recepção, imposição do capelo e insígnias da instituição. A saudação protocolar ficou por conta do escritor e artista Dorian Gray Caldas.

Francisco Fausto nasceu em Areia Branca, em 13 de maio de 1935. Era casado com Arilda Tânia Marinho Medeiros, filha de Djalma Aranha Marinho, e tiveram seis filhos: Luis Fausto (Lula), Frederico (Cuca), Francisco Fausto (Nino), Themis, Carla e Djalma e treze – ou mais - netos.

Fausto era bacharel em Direito pela UFRN e atuou como: Juiz do Trabalho Substituto no RN; Presidente nas 1ª e 4ª Juntas de Conciliação e Julgamento do Recife (PE); Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal; Juiz do TRT da 6ª Região/PE; Vice-Presidente do TRT da 6ª Região; Juiz Convocado para substituição de Ministro no TST; Ministro Togado do TST, a partir de novembro de 1989, em vaga destinada à carreira da magistratura. Exerceu por dois mandatos a presidência da 3ª Turma do TST; foi membro da Comissão de Jurisprudência do TST; no dia 28 de agosto de 2000 foi eleito e tomou posse no cargo de Corregedor-Geral da Justiça do Trabalho; em 25 de junho de 2001 assumiu a Vice-Presidência; E finalmente em 10 de abril de 2002, chegou ao ápice de sua carreira jurídica tomando posse como Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Dentre os inúmeros artigos e livros do acadêmico, figuram "O Vinho Negro da Paixão" e "Viva Getúlio – As areias brancas da memória", obras que honram sobremaneira a literatura do Rio Grande do Norte.

Era grande amigo do meu pai, **Rafael Negreiros**. **Woden Madruga** reproduziu parte do texto do livro Viva Getúlio, em que Fausto se refere à amizade entre eles e Jaime Hipólito Dantas:

"Quem me emprestou o dinheiro para a viagem foi Rafael Negreiros. Ele era o nosso amigo rico, na expressão de Jaime Hipólito Dantas. Um dia Rafael emprestou dinheiro a Jaime e, como os dois brigaram, Rafael resolveu cobrar na redação de O Mossoroense. E, para pagar, Jaime exigiu que Rafael fizesse as pazes. Feitas as pazes, Jaime apelou para o novo amigo e a quitação da dívida foi adiada. Não parece, no corriqueiro da cidade de Vingt-un Rosado, um verdadeiro complexo de Armagedon? Cheguei em Natal tendo no bolso o dinheiro de Rafael Negreiros e de resto uma nervosa expectativa em relação à sorte de ser eterno peregrino na minha terra."

Ivan Maciel de Andrade refere que "a nossa Academia enriqueceu-se com um escritor erudito e talentoso. A erudição de Fausto não é feita de mero acúmulo de leituras. É uma erudição que nasce do conhecimento crítico das grandes obras da literatura universal. Por isso mesmo não se distancia da vida e da realidade histórica, social, política. É apenas um equipamento refinado que possibilita ver melhor, com maior precisão, mais profundamente, tanto a vida como a própria realidade, na riqueza de seus matizes e na vitalidade de suas contradições. Além disso, há em Fausto o talento de um escritor que supera a linearidade das construções previsíveis. Um escritor que tem o seu próprio e particular modo de expressar-se, entremeando o poder de síntese com uma rara capacidade de extrair das palavras sentidos novos e criativos.

Grijalbo Fernandes Coutinho, presidente da Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho, na época em que Fausto era presidente do TST, dá o seu depoimento:

"Juiz corajoso, desde os tempos de sua marcante atuação em Pernambuco (TRT 6), poeta, profundamente culto, crítico político, sem vaidades ou receios de falar a dura verdade em suas interven-

ções contundentes dirigidas aos sujeitos situados no andar de cima do mundo econômico e político.

Ao contrário do estilo light e conciliador do nosso querido amigo Faustinho, seu filho, juiz do trabalho do TRT 10, Francisco Fausto gostava de comprar boas brigas com os 'donos do mundo', movido pelo seu aguerrido sentimento mais pernambucano do que mesmo potiguar de Areia Branca - RN.

Sem nenhum exagero, a história da Justiça do Trabalho, do ponto de vista institucional, é uma antes e outra bem diferente depois da Presidência de Francisco Fausto no TST. Essa não é apenas a impressão de um fã ou admirador, de um amigo na hora da irreparável perda humana. É o retrato do que está expresso em, pelo menos, uma dezena de pesquisas acadêmicas no campo da sociologia, da história e da ciência política...

Com todo o respeito aos demais, Francisco Fausto não foi apenas o maior Presidente do TST de todos os tempos, senão, talvez, o mais rico, destemido e importante personagem integrante da Justiça do Trabalho em sua história quase centenária, tão grandioso foi o seu papel em momentos decisivos...

Fausto mudou a cara do TST, de um tribunal odiado pelos movimentos sociais mais à esquerda, especialmente depois da fatídica decisão contra a greve dos petroleiros em 1995. Com a sua postura corajosa, Fausto foi ovacionado em congresso nacional da CUT por mais de mil sindicalistas de todo o Brasil, ao defender o Direito do Trabalho. As propostas que pretendiam acabar ou mitigar a Justiça do Trabalho foram se esvaindo a partir de cada intervenção de Fausto."

O livro de Francisco Fausto Paula de Medeiros é um belo volume impresso pela Editora Lidador, capa de Cláudio Alvarenga, com direito a orelhas de **Nei Leandro de Castro**:

"Esse livro soma líricas evocações da infância à firme determinação do autor de realizar os mais ousados sonhos; une sabor local, paisagens íntimas como uma praça (Lorca), à erudição sustentada por uma memória fotográfica. Tudo valorizado pela linguagem clara, mesmo quando a erudição se impõe, o que transforma *Viva Getúlio* em prazer, muito prazer de leitura."

O sub-título - *as areias brancas da memória* – foi feliz ideia do poeta **Diogenes da Cunha Lima**, que escreveu inspirado prefácio:

"Fausto pensa e escreve bonito. Ele fez o que recomendou Shakespeare: 'Louvar o que está perdido, torna querida a lembrança'. São as suas lembranças buscadas e queridas. ... Marcel Proust, que elevou suas lembranças à categoria de obra-prima da literatura, dizia que a nossa memória é uma espécie de farmácia, de laboratório de química, onde se pode por a mão, ao acaso, tanto num calmante, quanto num veneno perigoso. Francisco Fausto, leitor atentíssimo de Proust, resolveu abrir as portas de sua memória e, ao longo de mais de quinhentas páginas, nos conduz, por tranquilas e líricas recordações, bem como pelo travo das elegias, pelo pranto dos seus mortos queridos. ... Erudição, ensinamentos, registros que ora contêm calmante, ora veneno, vão marcar o leitor profundamente. ... Este livro é uma obra-prima de exaltação e elegia ao cotidiano."

Dorian Jorge Freire (*sou pequeno e dizem gente assim é atrevida*) apresenta o seu cunhado Faustinho (conheci-o magricela) no *nem posfácio, nem prefácio*:

"Naquele tempo era inteligente ser antigetulista. Viva Getúlio. Viva o louro de dona Ercília, primeiro queremista de esquerda. 'Oh! O mau cheiro insuportável da memória'. Drummond. Conheço pedaços desse pretérito cheiroso primeiro como maresia, depois como bogari. ... Aprendeu com Djalma que o direito não está errado quando consulta à boa razão e descende do Direito natural cristão. ... Dizem que ninguém muda. Muda, sim. Nosso irmão Rafael Negreiros sustentava, desabusadamente, que só estátua não muda. Tem razão. Até os santos mudam. Estão em processo de conversão contínua. ... O memorialista, que lembra Pedro Nava, amava Carlos Lacerda e desprezava Getúlio Vargas; hoje reconhece no presidente, o estadista que fez lei a proteção do trabalhador ainda ameaçado. Tem no seu gabinete de ministro-presidente um retrato de Leão XIII, autor da Rerum Novarum, privilegiando a Justiça natural. A multidão que estava ali, sugeria pranto. Os pais, mulher, filhos, irmãos, avós, tios, colegas, o mestre Djalma Marinho, dona Ercília e o papagaio getulista."

Antes de entrar no primeiro capítulo, o próprio autor se apresenta: sempre tive uma visão simultânea do tempo. O meu tem-

po de infância nos sítios de Areia Branca e Natal. Depois a minha juventude em Mossoró e, de novo, em Natal. Mais tarde a vida adulta em Natal, Recife e Brasília. ... Tenho que este texto é um arquivo empoeirado, no qual lanço papéis velhos que falam de mim mesmo e dos outros ou de mim pelos outros e dos outros por mim: tudo o que passei com resignação ou com orgulho, que o orgulho dos resignados é como água nas dunas. Mas, por favor, o centro de tudo não é a minha vida. Não. O centro de tudo, de nomes e lembranças, é o cotidiano. Sim, o cotidiano do Diário Póstumo: "no confim ideal entre a realidade e a fantasia". ... Se não for rigorosamente fiel aos fatos, muitas vezes superpostos a uma intuição bergsoniana, na qual desprezo a contextualização, conscientemente serei claro nas intenções e, só por isso, mereço a indulgência dos meus contemporâneos. Escrevo – eis a verdade – a crônica corrente de uma época e a sua inevitável versão caleidoscópica nas conversas do cotidiano. É assim que pretendo, na elegia e no apólogo, superar equívocos da memória no plano intelectual ou ético, quando me coloco entre a razão e uma profunda vivência emocional. ... Este livro, pois, não é a minha vida; não pretendo escrever autobiografia nem memórias; ele é a minha alma: expressa a minha verdade vista do cotidiano e é quanto basta para ser equívoco, às vezes desconexo e, quase sempre, excessivamente piedoso, como se na minha idade ainda não houvesse encontrado a diferença entre o real e o imaginário...

Na saudação à posse de Fausto **Dorian Gray Caldas** falou: somos isto, a multiplicidade inseparável de tudo que vivemos, uma eternidade genética e como escritor, poeta, memorialista, faz ainda de cada instante a sua hora e o seu destino.

E, para finalizar, as últimas palavras pronunciadas por Fausto na sua posse na nossa Academia: É, pois, como um licor que sustém o meu espírito, a minha tosca experiência de vida; é, em verdade, um *tour de force* da natureza nordestina, em que a visão dos homens e dos fatos, como num poema de Keats, é sinfonia e clamor, mas, sobretudo, um hino à beleza da vida.

Muito obrigado pela paciência que tiveram em me ouvir.

Discurso de agradecimento em nome da família de Francisco Fausto Paula de Medeiros

Boa tarde, amigos e amigas do meu pai.

Boa tarde, familiares.

Cumprimento o Presidente em exercício, Paulo Macedo, em nome de quem saúdo os demais acadêmicos integrantes da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Agradeço especialmente ao acadêmico Armando Negreiros pela oração de louvor no dia de hoje.

Em nome da família de Francisco Fausto Paula de Medeiros registro nossa alegria e gratidão pela homenagem que a Academia Norte Rio Grandense de Letras faz ao seu acadêmico ocupante da cadeira 15 que tem como patrono Pedro Velho.

Francisco Fausto teve filhos, plantou árvores e escreveu livros. Livros estes que o levaram a esta Academia de Letras. Para além do pai amado, homem simples e do magistrado exemplar, possuía o dom de escrever bem. Não é o testemunho suspeito do filho. Ouvia isso na faculdade de direito dos meus professores e dos profissionais do mundo jurídico e acadêmico. Tenho muito orgulho do meu pai e da sua cultura humanística. Em companhia de minha mãe Tânia Marinho eram vorazes leitores e escreviam também poesias, crônicas, discursos e memórias. Cresci na sua biblioteca ouvindo os nomes de Marcel Proust, Thomas Merton, Jean Paul Sartre, Jorge Luis Borges, Albert Camus, Umberto Eco, Alfredo Bosi, T S Eliot, Fernando Pessoa e tantos outros.

Ele se sentia bem e honrado nessa casa de letras como também nos tribunais por onde passou. A Academia Norte-rio-grandense de Letras reúne homens cultos, muitos também amigos do meu pai. A homenagem no dia de hoje revela a imortalidade de Fausto e o traz ao convívio da amizade fraternal. Afinal, não é Borges, um dos preferidos do meu pai, que diz crer na imortalidade cósmica pelo exer-

cício da memória? Diz o bruxo argentino "Cada vez que alguém ama um inimigo, surge a imortalidade de Cristo. Nesse momento, ele é Cristo. Cada vez que repetimos um verso de Dante ou Shakespeare, somos de algum modo aquele instante em que Dante ou Shakespeare criaram esses versos. Enfim, a imortalidade está na memória dos outros e na obra que deixamos. [...] Que importa se este modesto companheiro tenha morrido, se ele vive em mim e em cada um dos que repetem essa frase?"

Pois bem. Observo agora meu pai, num caminhar lento, elegante e firme, sentando na cadeira 15 dessa casa e ouço sua voz grave e clara:

O VINHO NEGRO DA PAIXÃO:

"A liberdade do homem negro, em Mossoró, tem a profundidade de uma fonte. Foi, à imitação do poeta do povo, um canto no escuro e desse canto, a se repetir, se fez a grande manhã estival da África livre.

A ação humana, quando lhe precede a grandeza, tem, como no sino da aldeia de Fernando Pessoa, um som de repetida já à primeira pancada. O ato histórico da abolição em Mossoró, que tem essa precedência, foi a pancada de um sino de aldeia no silêncio das catedrais do mundo."

VIVA GETÚLIO – AS AREIAS BRANCAS DA MEMÓRIA:

"Outros tomaram lugares na livraria. São autores novos cuja luz em nosso espírito é uma sombra de dúvida e de perplexidade. Também somos assim: não estamos nas vitrines. E quando nos olham é mais exercício contemplativo porque a nossa cultura é como uma camisa velha rescendendo a mofo, impossível de ser clicada a tempo e a hora. Estamos no sebo. Excêntricos. Ficamos em 1984, de George Orwell. Ou no Admirável Mundo Novo, de Huxley. E pensávamos que esse seria o limite da imaginação dos homens. Hoje, esses títulos soam como antes soava para a minha geração A Volta ao Mundo em 80 Dias: um filme vesperal. Tem-se como supedâneo da linguagem visual da clonagem, do mercado de órgãos humanos, da

desnacionalização, das guerras urbanas, dos policiamentos internacionais e de outras versões do tédio e do êxtase da modernidade, que subvertem os padrões éticos e a própria natureza do gênero humano. Mas não somos juízes desses tempos. Somos réus. E aos olhos espantados dos que no julgam com piedade somos réus confessos porque recusamos a idéia da morte e insistimos na idéia da vida plena como se a velhice fosse, como realmente é, uma suave manhã estival no início da primavera.

Esses registros, articulados no tempo primaveril da minha idade adulta, serão o passado de gerações futuras das quais serei tronco remoto, sendo eu próprio um mero rebento do velho tronco dos Camboas. Entre a realidade e a ficção, na lição de Lukács, terei modelado "uma totalidade de vida perfeita" ao lado de "uma totalidade secreta de vida" não tão perfeita. Fiquei situado, nesse relato em que revolvo tipos e perfis, entre a epopéia e o romance imanentes à representação das pessoas e dos fatos, compondo uma semelhança no sentido aristotélico, no entanto mais bela como expressão estética: na infância, na juventude e nesta hora recorrente de travessia para a última e nostálgica estância depois da vida.

Lá, na mansão dos mortos, onde revendo na serenidade da paz os meus entes mais queridos, espero ver ao lado deles a face de Deus."

A fala do meu pai Francisco Fausto me toca e pela sua imortalidade cósmica o revejo aqui com muito amor e admiração.

Termino, agradecendo mais uma vez à academia e aos seus ilustres confrades pela sessão de homenagem in memoriam, relembrando o dia em que Francisco Fausto tomou posse na cadeira 15 e assim disse:

"Chego a esta casa como um intelectual diletante, é certo, mas atrelado à reconstrução do passado ancestral na sua correlação com a inteligência moderna. Em seus salões, ouso recompor do sono de décadas a alma do tempo histórico como "um braço da noite" em que alento a aventura monástica de dignitários domésticos.

E, desvanecido com a generosidade dos meus confrades, ainda me sinto, imagina! entre a sombra e a luz difusa de uma aurora em plena maturidade. Quero trazer-vos, no entanto, a doação devota de

um peregrino penitente e suas evocações, que percorreu na infância os caminhos da ficção realista, depois, na juventude, seguiu os breves badalos dos sonhos insuspeitos, para finalmente, nesta paragem, ao lado de Tânia, também viver, sensibilizado, a remissão nostálgica da idade precedente, pois quero trazer-vos os tesouros velados que vivem na alma ,de um servo humilde da cultura, dado, é verdade, ao prazer estético da criação, mas, desde a magistratura trabalhista, socialmente engajado na breve vigília do fragor melancólico de folhas mortas já no sono outonal.

É, pois, como um licor que sustém o meu espírito, a minha tosca experiência de vida; é, em verdade, um tour de force da natureza nordestina, em que a visão dos homens e dos fatos, como num poema de Keats, é sinfonia e clamor, mas, sobretudo, um hino à beleza da vida"

MUITO OBRIGADO!

Texto escrito por Luiz Fausto Marinho de Medeiros

Orador: Frederico Fausto Marinho de Medeiros

11 DE OUTUBRO DE 2016

DISCURSO

Discurso do escritor Tarcísio Gurgel em nome dos agraciados com as Palmas Acadêmicas, Medalha Agnelo Alves e diplomas de Sócio Beneméritos

Exmo. Sr. Presidente Diógenes da Cunha Lima

Senhoras e Senhores Acadêmicos

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Queridos companheiros de premiação

Com os meus assumidos 70 anos, começo a gastar um razoável estoque de esquisitices, entre as quais se inclui a crença de que a melhor homenagem que se pode prestar a alguém é aquela que feita depois que o homenageado passa desta para a melhor. Dispenso-me de explicar as razões de assim pensar, porque numa solenidade tão bela, não cabe irreverência.

Mas, uma vez aceita a presente homenagem, peço permissão aos colegas em nome dos quais, por imposição cerimonial devo falar, para explicar as razões e os motivos que me levam a um natural e caloroso agradecimento pessoal pela distinção.

Devo dizer preliminarmente que tenho a clara consciência do que sou: apenas um velho escritor mossoroense, sujeito a chuvas e trovoadas quando vem o mês de junho. É isso que sou e não mais. Por isso, devo confessar que após um brevíssimo segundo de hesitação diante do anúncio feito pela Secretária Leide Câmara – repetido pelo querido companheiro de luta literária Manoel Onofre Jr. – decidi – considere-se ou não essa atitude outra esquisitice, que não me cabia não aceitar. Até para que não se viesse a interpretar essa atitude

como descabida soberbia. Afinal, já me reconhecem alguns como um turrão mal-agradecido diante de outros convites feitos...

Quando, por fim, ocorreu a confirmação feita em pessoa pelo Presidente Diógenes da Cunha Lima, já estava absolutamente seguro de que nenhuma caturrice haveria de me levar a uma negativa, sob pena de colocar em risco – senão os critérios da escolha, ao menos as razões da amizade.

Lembro que, embora não sendo imortal, frequento esta casa, desde sempre, como se frequenta uma acolhedora casa de amigos. Neste mesmo auditório, por sugestão do meu irmão Deífilo Gurgel entreguei os originais do meu primeiro livro, *Os de Macatuba* a Gilberto Mendonça Teles, pedindo-lhe o obséquio da leitura e – no caso de gostar – que escrevesse, se não fosse pedir demais, uma apresentação.

Tenho participado com alegria de promoções de incentivo à leitura e de homenagens a escritores como Neruda e o admirável contista Bartolomeu Correia de Melo. Sem falar na honra de já haver colaborado com a Revista da Academia que renasceu pelas mãos de Manoel Onofre Júnior e Thiago Gonzaga, sendo talvez desnecessário ainda lembrar que aqui tenho vindo – sempre com renovada alegria – para assistir às festas de recepção aos novos imortais quando para tanto sou convidado.

Declaro, assim, minha profunda alegria retornar. E lembro que o fato de estar hoje – justamente nesta sede –sendo alvo com os companheiros de homenagem, do fraterno carinho por parte da instituição no ano do seu octogésimo aniversário, até me ensejou a recuperação, pela faculdade prodigiosa da memória, de um episódio que reforça nossa ligação.

Desgarrado no Rio de Janeiro, idos de 1971, a preencher o tempo todo disponível, ora consultando a biblioteca do Centro Norte-Rio-Grandense, ora trocando ideias com o Presidente Mota Neto, Rodrigues Alves e Raimundo Nonato – que ali passavam suas manhãs cariocas – vim a saber, um dia, da construção da sede própria da Academia, através do próprio Manoel Rodrigues de Melo que chegara em visita. Acompanhava-o, se não me engano, Enélio Petrovich e estavam numa das suas entusiasmadas peregrinações por repartições federais ainda existentes na cidade, visando obter ajuda para concluir a honrosa tarefa.

É na companhia desse notável potiguar, o citado Rodrigues de Melo, cuja importância, aliás, a própria Academia vem resgatando – tal como ocorreu recentemente com uma conferência do ex-Reitor e seu conterrâneo Geraldo Queiroz, que chegamos – os meus companheiros e instituições das Palmas Acadêmicas, do Mérito Agnelo Alves e os Sócios Beneméritos, a esta solenidade.

Sentimo-nos, todos – e não apenas eu – agradecidos e felizes, por merecer uma homenagem de que também constam duas instituições nas quais permanece perene a notável figura de Câmara Cascudo.

Bem verdade que, se vivo fosse, talvez estivesse o nosso maior escritor surpreso e magoado com a demorada desativação da Biblioteca que tem o seu nome e, sobretudo, com o que está a ocorrer com o seu Instituto Histórico, cujo fechamento angustia o Presidente Ormuz, os historiadores, a nós todos, num processo que, por ser kafkiano, parece nunca acabar. Menos mal que ele e Anna Maria, filha e sucessora nesta casa, continuam vivos em seu Instituto Ludovicus – igualmente premiado como o Instituto Histórico – sob a zelosa competência de Daliana e Camila Cascudo.

Honra-me, pois, ser um dos agraciados. E a esta honraria, acrescenta-se – como já afirmei – a delegação de falar em nome de pessoas tão especiais como: Tácito Costa, Alan Silva Severiano, Marcos Aurélio de Sá, e Yuno Silva, às quais coube o mérito Jornalista Agnelo Alves. O jornalismo cultural do Rio Grande do Norte e, particularmente, os seus escritores, muito lhes deve, pois seu trabalho não é feito apenas de talento: nutriu-se e se nutre da ética, da verdade e da disposição de servir o Estado.

Não menor é a responsabilidade de aqui representar os beneméritos. Devo lhes confessar uma coisa: toda vez que me sinto tentado pelo pessimismo, obrigo-me a refletir sobre a energia e a força generosa que estes Sócios Beneméritos da Academia têm dedicado à causa da nossa cultura. À nossa produção intelectual que zelosamente difundem. Pessoas como Thiago Gonzaga, Derivaldo dos Santos, Alfredo Ramos Neves, e Carlos Alexandre Câmara, traduzem, com sua produção o legítimo merecimento dessa homenagem.

Sr. Presidente Diógenes da Cunha Lima,

Queridos companheiros homenageados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores.

A literatura tem sido um alimento vivificador na existência do já remoto menino mossoroense. Pois tudo começa ainda nos anos 50, ela se revelando em saber e sabor – como na lição barthesiana – quando começaram a chegar, a nossa casa em Mossoró, recortes de jornal com poemas do irmão Deífilo.

Por desnecessário não falarei da grande importância desse intelectual em minha vida, tanto que venho repetindo como um mantra querido a força do seu exemplo, sua orientação e o extraordinário presente da amizade na apresentação de artistas e intelectuais como Newton Navarro, Luis Carlos Guimarães, Nei Leandro, Moacy Cirne, Diógenes da Cunha Lima, Dailor Varela, Manoel Onofre Jr., Zila Mamede, Myrian Coeli, Paulo de Tarso, Gilberto Avelino, José Bezerra Gomes, Dorian Gray, Miguel Cirilo, e o grande Sanderson Negreiros – que ele e Luiz Carlos gostosamente chamavam de Sandérson.

Poucos sabem que num momento crucial de minha vida, morei na casa de Deífilo e Zoraide. Que fui por eles fraternalmente adotado, garantido o meu sustento, até que o citado poeta Miguel Cirilo conseguisse um improvável – mas real – emprego para mim na Companhia Força e Luz, empresa que precedeu a Cosern. Muitos anos se passaram desde então. E com surpresa e curiosidade, percebo que integro uma linha do tempo para uso afetivo, de que fazem parte ele, Deífilo, e a própria Academia.

Com a minha eterna vocação de caçula, situo-me em terceiro lugar nesse curioso ranking com meus conquistados 70 anos. A Academia, que surgiu da notável conspiração do ainda jovem Cascudo com o já provecto Henrique Castriciano, atinge sua oitava década de existência. E quanto a Deífilo, se vivo fosse – e vivo está – é lembrado por seus noventa anos completados no dia 22 de outubro. Tamanha é a força da sua presença, que peço permissão para fugir ao protocolo incluindo-o neste nosso encontro. Quero com ele dividir essa homenagem, brindando a todos – já que o clima é de festa – e o faço lendo um soneto seu que entendo ser emblemático. Vale a pena

ouvi-lo, até para reforçar nossa provisão de esperança nesses tempos sombrios que vivemos. Trata-se de **Paz** e tem os seguintes versos:

É preciso deixar o coração
cantar uma canção de amor e paz/
e partir repartindo madrigais
entre os homens, famintos de ilusão

porque, amanhã, quem sabe?/ Brotarão
flores e frutos, onde agora jaz
esta flora de pedras e calhaus
e os homens todos se compreenderão./

e mesmo, quem me diz que eu, amanhã,
serei o mesmo lúcido jogral
que ora tange o alaúde sem temor?/

por isto, urge que eu cante esta canção
de amor e paz, um canto universal
para que nasça e frutifique o amor.//

Sr. Presidente Diógens da Cunha Lima

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É chegado o momento de encerrar. Manda o bom senso que diante da perspectiva de um brinde, não se estenda uma fala. Por isso, agradeço a todos os que vieram prestigiar a festa dos 80 anos da Academia, em nome dos demais distinguidos nessa premiação, em nome da minha família, e em meu próprio nome.

A quantos, que de boa fé, acreditaram – sob a liderança do Presidente Diógenes – que sou merecedor dessa distinção, meu agradecimento mais caloroso.

Por fim, parabenizo o poeta Paulo de Tarso, que brilhantemente falou sobre os 80 anos dessa casa, e os demais laureados da noite, estes, sim, merecedores das Palmas Acadêmicas. Muito obrigado.

Palmas Acadêmicas "Câmara Cascudo"

Agraciados: Manoel Rodrigues de Melo (In Memoriam)
Tarcísio Gurgel
Instituto Histórico e Geográfico do RGN
Instituto Ludovicus

Mérito Acadêmico "Agnelo Alves"

Jornalismo Impresso ou de Blog: Tácito Costa
Jornalismo Televisivo: Alan Severiano
Jornalismo Radiofônico: Marcos Aurélio de Sá
Jovem Jornalista: Yuno Silva

Sócios Beneméritos

Thiago Gonzaga
Derivaldo dos Santos
Alfredo Ramos Neves
Carlos Alexandre Câmara

- Honrarias concedidas em sessão solene da ANRL, realizada no dia 14 de Novembro de 2016, em comemoração aos 80 Anos da Instituição.

•

ANRL em setembro de 2016

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado (vaga)
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira (vaga)
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto (vaga)
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluízio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga (eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

Offset
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em dezembro/2016.

www.offsetgrafica.com.br